

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**GENEALOGIA DO DESEJO:**

A Influência da Satisfação Conjugal no Estabelecimento da  
Relação Precoce entre Mãe-Bebé

**Susana Raquel do Vale Lopes**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde, Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica**

**2009**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**

**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**GENEALOGIA DO DESEJO:**

A Influência da Satisfação Conjugal no Estabelecimento da  
Relação Precoce entre Mãe-Bebé

**Susana Raquel do Vale Lopes**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**Secção de Psicologia Clínica e da Saúde, Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica**

**Dissertação, orientada pelo Prof. Doutor João Justo**

**2009**

*Tal como Francisco Pina Prata afirma, «a vida é um constante cruzar de relações...nós de relações». Como tal, não posso deixar de agradecer a algumas das pessoas que se foram entrelaçando na minha vida e que me acompanharam neste percurso que foi a elaboração desta tese:*

*Ao Professor João Justo, por todo o seu trabalho de orientação ao longo deste caminho que foi a construção desta tese;*

*À Dr.ª Lúcia Luís, Directora Clínica do Centro de Saúde de Arruda dos Vinhos, pela disponibilidade e interesse com que acolheu a minha investigação;*

*À Enf.ª Luísa e Enf.ª Paula, do Centro de Saúde de Arruda dos Vinhos, pela inesgotável disponibilidade e sem as quais, o meu trabalho de contacto com as mães seria incrivelmente mais árduo;*

*À Dr.ª Lucinda Mata, pela simpatia e abertura com que recebeu este meu projecto;*

*A todas as mães com que tive oportunidade de contactar e que tão generosamente acederam a participar nesta investigação, permitindo-me o privilégio de explorar os meandros das suas relações mais significativas;*

*À minha família, por tudo;*

*Aos meus amigos, pelo companheirismo e partilha;*

*À minha terapeuta, por me acompanhar na minha viagem ao centro da Terra;*

*E sobretudo ao João, derradeiro e escolhido companheiro de caminho, por explorar comigo os trilhos do amor e do desejo.*

## RESUMO

A satisfação conjugal é considerada uma fonte privilegiada de bem-estar, contribuindo de um modo significativo para a felicidade individual. A vivência da conjugalidade vai ainda ser importante na forma como o casal gere a transição para a parentalidade, nomeadamente para a mulher. Desta forma, uma conjugalidade positiva surge como contentora para a futura mãe, permitindo-lhe desenvolver o seu papel materno. Surge, igualmente, enquanto facilitadora do *bonding*, isto é, do envolvimento emocional materno face ao bebé.

O presente estudo tem, deste modo, como objectivo a compreensão da influência da satisfação conjugal, tal como percebida pela mulher, no estabelecimento do *bonding* na relação precoce mãe-bebé. A hipótese elaborada vai no sentido de que um maior nível de satisfação conjugal pré-natal terá uma influência positiva e significativa em termos do posterior estabelecimento do *bonding* na relação mãe-bebé.

Para a testagem desta hipótese, procedeu-se à aplicação da Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) a uma amostra de 20 participantes, durante o último trimestre de gravidez, de modo a avaliar o nível de satisfação conjugal. Sendo que cerca de 4 semanas após o parto, procedeu-se à aplicação da Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB), um questionário de *bonding* elaborado para este estudo.

Os dados obtidos não permitem a confirmação da hipótese formulada, no entanto, são discutidos os resultados, bem como as limitações do estudo. Propõem-se ainda direcções para investigação futura neste domínio.

**Palavras-chave:** conjugalidade; satisfação conjugal; parentalidade; relação precoce mãe-bebé; *bonding*.

## **ABSTRACT**

Marital satisfaction is considered to be a privileged source of well-being, contributing to individual happiness in a significant way. The manner in which the couple experience their conjugality will also be important in how they'll manage the transition to parenthood, namely for the woman. Therefore, a positive conjugality appears as container for the future mother, allowing her to develop her maternal role. It also appears as facilitating to the bonding process, that is, the maternal emotional involvement towards the baby.

In this way, the present study has the objective of comprehending the influence of marital satisfaction, as perceived by the woman, on the establishment of bonding in the mother-baby relationship. The formulated hypothesis sustains that a greater level of pre-natal marital satisfaction will have a positive and significant influence on the later establishment of bonding in the mother-baby relationship.

For the testing of the hypothesis, the Satisfaction in Areas of Marital Life Evaluation Scale (EASAVIC) was applied to a sample of 20 participants, during the last trimester of pregnancy, to assess their level of marital satisfaction. About 4 weeks after childbirth, the Mother-Baby Bonding Scale (ELMB), a bonding questionnaire elaborated for this study, was also applied.

The obtained data doesn't allow the confirmation of the formulated hypothesis. However, a discussion of the results ensues, as well as the limitations of the study. Directions for further research are also proposed.

**Keywords:** conjugality; marital satisfaction; parenthood; mother-baby relationship; bonding.

# Índice de tabelas

<b>Tabela 1.</b> Caracterização sócio-demográfica da amostra	26
<b>Tabela 2.</b> Dados da amostra relativos à gravidez, parto e pós-parto	27
<b>Tabela 3.</b> Análise descritiva dos valores totais da EASAVIC e da ELMB	34
<b>Tabela 4.</b> Correlação entre as variáveis satisfação conjugal e <i>bonding</i> (Coeficiente <i>Ró de Spearman</i> )	36
<b>Tabela 5.</b> Correlação entre as variáveis satisfação conjugal, <i>bonding</i> , idade e escolaridade (Coeficiente <i>Ró de Spearman</i> )	37
<b>Tabela 6.</b> Médias aritméticas em cada grupo da variável gravidez desejada quanto à satisfação conjugal e o <i>bonding</i>	40
<b>Tabela 7.</b> Médias aritméticas em cada grupo da variável gravidez planeada quanto à satisfação conjugal e o <i>bonding</i>	41
<b>Tabela 8.</b> Médias aritméticas em cada grupo da variável termo de gestação quanto à satisfação conjugal e o <i>bonding</i>	42
<b>Tabela 9.</b> Médias aritméticas em cada grupo da variável tipo de parto quanto à satisfação conjugal e o <i>bonding</i>	44

# Índice geral

<b>Agradecimentos</b>	i
<b>Resumo</b>	ii
<b>Abstract</b>	iii
<b>Índice de tabelas</b>	iv
<b>1. Enquadramento Teórico</b>	1
<b>1. 1. Um mais Um igual a Três</b>	1
1. 1. 1. <i>Adão e Eva</i> . Casal enquanto unidade primordial	1
1. 1. 2. <i>Casal suficientemente bom</i> . Pelos meandros da satisfação conjugal	3
<b>1. 2. Da Conjugalidade para a parentalidade</b>	7
1. 2. 1. <i>Antes era o Desejo...</i> : Construção do desejo de um filho	7
1. 2. 2. <i>... e do Desejo se fez Carne</i> . Processo e vivência da gravidez	10
1. 2. 3. <i>Ser-Mãe / Ser-Pai</i> . Notas sobre as funções materna e paterna	12
1. 2. 3. 1. Função materna	12
1. 2. 3. 2. Função paterna	15
<b>1. 3. Vértices de um triângulo amoroso</b>	17
1. 3. 1. <i>Primeira ligação. Bonding</i> na díade mãe-bebé	17
1. 3. 2. <i>Genealogia do desejo</i> . Ligação entre satisfação conjugal e <i>bonding</i>	21
<b>2. Método</b>	25
<b>2. 1. Seleccção da amostra</b>	25
<b>2. 2. Caracterização da amostra</b>	25
<b>2. 3. Procedimento</b>	28

<b>2. 4. Instrumentos</b>	29
2. 4. 1. Questionário sócio-demográfico	29
2. 4. 2. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal	29
2. 4. 3. Questionário pós-parto	30
2. 4. 4. Escala de Ligação Mãe-Bebé	30
<b>3. Resultados</b>	32
<b>3. 1. Análise da consistência interna</b>	32
<b>3. 2. Estudo das escalas</b>	33
<b>3. 3. Análise da distribuição da amostra</b>	35
<b>3. 4. Análise de correlações</b>	36
3. 4. 1. Satisfação conjugal e <i>bonding</i>	36
3. 4. 2. Idade e escolaridade	36
<b>3. 5. Comparação de grupos</b>	37
3. 5. 1. Paridade	38
3. 5. 2. Gravidez desejada	39
3. 5. 3. Gravidez planeada	40
3. 5. 4. Tempo de gestação	42
3. 5. 5. Tipo de parto	43
3. 5. 6. Sexo do bebé	45
<b>4. Discussão dos Resultados</b>	47
<b>5. Referências Bibliográficas</b>	51



- Anexo I.** Carta modelo de pedido de autorização para a recolha da amostra
- Anexo II.** Documento de consentimento informado
- Anexo III.** Questionário sócio-demográfico e clínico
- Anexo IV.** Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC)
- Anexo V.** Questionário pós-parto
- Anexo VI.** Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB)
- Anexo VII.** Análise descritiva da amostra ( *Outputs* SPSS)
- Anexo VIII.** Análise da consistência interna ( *Outputs* SPSS)
- Anexo IX.** Estudo das escalas ( *Outputs* SPSS)
- Anexo X.** Tabelas referentes ao estudo dos itens da Escala de Ligação Mãe-Bebé
- Anexo XI.** Análise da distribuição da amostra ( *Outputs* SPSS)
- Anexo XII.** Análise de correlações ( *Outputs* SPSS)
- Anexo XIII.** Análise descritiva de grupos ( *Outputs* SPSS)
- Anexo XIV.** Tabelas relativas à caracterização sócio-demográfica  
dos grupos da amostra
- Anexo XV.** Comparação de grupos ( *Outputs* SPSS)

# 1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 1. 1. *Um mais Um igual a Três*

### 1. 1. 1. *Adão e Eva.*

#### **Casal enquanto unidade primordial**

O ser humano existe ao longo da sua história, quer individual, quer evolutiva, enquanto um ser em relação. Desta forma, encontra-se inserido em diversas e complexas matrizes relacionais que se cruzam entre si, desde o início da sua vida (Canavarro, 1999).

No entanto, de entre os vários sistemas relacionais do qual o ser humano faz parte, o casal, ou a relação de casal, parece constituir-se enquanto uma relação especial e distinta de todas as outras. É neste sentido que surge a metáfora de Caillé (1991/1994) através da operação,  $1 + 1 = 3$ . Assim, o casal não seria composto apenas por dois elementos, mas sim por três: os dois parceiros e o seu modelo específico, ou seja, a representação do *nós* (Bayle, 2006). A construção deste *nós*, único e original, faz-se da consolidação da identidade do casal enquanto entidade específica, diferente da soma da identidade individual de cada um dos seus elementos. Da mesma forma, cada um dos parceiros não se esgota neste *nós*, possuindo uma identidade própria para além deste sistema. Assim, este todo – o casal – é maior e simultaneamente menor que a soma das suas partes (Narciso & Ribeiro, 2009). A relação conjugal distingue-se, ainda, dos restantes sistemas relacionais pelo facto de o casal ser o precursor da família (Shorter, 1981 citado por Pina Prata, 2008), estabelecendo-se enquanto a unidade primordial que vai permitir a renovação dos laços e das gerações ao longo do tempo: «*É da relação conjugal – resultante de um querer livre de marido e mulher – que partem todas as outras – paternidade, maternidade, filiação, fraternidade, parentesco*» (Narciso & Ribeiro, 2009, p. 50).

O casal constitui-se enquanto um organismo vivo e criativo (Vargas, 1994 citado por De Carvalho & Sant'anna, 2000), onde um *eu* e um *tu* interdependentes se ajustam numa *dança* contínua, criando-se e recriando-se nos *passos* do seu movimento (Narciso & Ribeiro, 2009). A relação de casal tem, assim, uma natureza eminentemente

dinâmica, sendo «*como um ser vivo que nasce, cresce, desenvolve-se e morre, por vezes depressa demais*» (Bayle, 2006, p. 34).

De acordo com a perspectiva dinâmica, a constituição do casal traz, à superfície, reminiscências do conflito edipiano, sendo influenciada pela representação das imagens parentais, bem como pelas relações de objecto internalizadas com as figuras de referência ao longo do desenvolvimento, sobretudo no que concerne a relação diádica mãe-criança (Bayle, 2006). Neste âmbito, Freud (1905/2000) considerava que a escolha do parceiro e da relação conjugal, seria definida remotamente no desenvolvimento, sendo determinada pela natureza do relacionamento com as figuras parentais e outras figuras de referência durante a infância. Assim, o outro escolhido torna-se, como que a reencarnação do objecto primordial, fazendo ressoar em ecos distantes a primeira história de amor do indivíduo (Golse, 1999). A escolha do parceiro não se parece, deste modo, fazer ao acaso, sendo esta realizada não só com base em factores conscientes, mas também inconscientes (Miermont, 1994 citado por De Carvalho & Sant'anna, 2000; Scharff & Scharff, 2008). Logo, a relação com o outro passa também pela relação consigo próprio (Bayle, 2006). Esta concepção é apoiada pela investigação na área da vinculação, sendo que de acordo com a teoria de Bowlby (1969/1984), é desde a infância que podem ser encontradas as bases fundadoras para o estabelecimento de relações íntimas na adolescência e idade adulta. Desta forma, as relações precocemente estabelecidas entre a criança e as suas figuras de vinculação, seriam como que prototípicas das relações íntimas na idade adulta (Feeney, 2002; Davila, Bradbury, & Fincham, 1998; Waters, Kondo-Ikemura, Posada, & Richeters, 2001 citado por Lima, Vieira, & Soares, 2006; Ribeiro, 2006), pois é através das mesmas que se dá o desenvolvimento dos *modelos internos dinâmicos de vinculação*, que organizam as experiências relacionais com as figuras significativas, sob a forma de representações generalizadas sobre o *self*, as figuras de vinculação e as relações (Stern, 1985 citado por Clulow, 2007; Soares, 2000 citado por Lima *et al.*, 2006; Rodrigues, 2009).

No entanto, ainda que o parceiro conjugal contenha características que se ligam às representações do *self* e das relações de objecto do companheiro, este constitui-se enquanto um indivíduo diferenciado, com especificidades e uma personalidade próprias, diferentes das figuras nas quais os objectos internos do seu parceiro são baseadas (Scharff & Scharff, 2008). Deste modo, a relação de casal oferece a oportunidade de lidar com os conflitos não resolvidos de etapas anteriores do desenvolvimento e de gerir padrões de separação-indivuação (Cleavelly, 1993; Givelber, 1992) que, por sua vez,

podem ser mantidos, ou pelo contrário, reconfigurados, permitindo a possibilidade de mudança de padrões relacionais (Clulow, 2003). Assim, apesar dos padrões de relação já se encontrarem bem enraizados aquando da altura do envolvimento romântico, a relação de casal traz sempre consigo «*uma possibilidade de mudança, uma abertura à revisão dos modelos de funcionamento*» (Matos, 2002 citado por Narciso & Ribeiro, 2009, p. 40).

A relação conjugal funciona, neste sentido, como um meio de individuação, sendo que oferece um contexto em que se torna possível a cada um dos parceiros a exploração da sua própria identidade, no confronto com a diferença do outro (Guggenbühl-Craig, 1980 citado por De Carvalho & Sant'anna, 2000; Scharff & Scharff, 2008).

A relação de casal evoca, ainda, necessariamente conflitos relativamente à gestão entre proximidade e separação/autonomia (Bayle, 2006; Cleavelly, 1993; Givelber, 1992). O casal é simultaneamente feito de dependência e independência, podendo aquele funcionar sob a primazia da primeira ou da segunda, sendo que é deste equilíbrio que dependerá o futuro da família (Pina Prata, 2008). Neste âmbito, o autor utiliza a metáfora do harmónio, referindo que «*só havendo movimentação entre as suas extremidades (nem paradas, no seu afastamento, nem coladas no total aconchego da sua proximidade) se dá a circulação do ar que permite dedilhar a música*» (Pina Prata, 2008, p. 80). Assim, só no equilíbrio entre dependência e autonomia, o casal pode construir uma relação suficientemente oxigenada, com lugar para três – um *eu*, um *tu* e um *nós*.

Dito isto, a forma como se vivencia a relação de casal e os aspectos a ela ligados são de crucial importância, pois constituem-se enquanto a *malha relacional* que vai servir de *ninho/berço* sobre o qual o futuro da família será sustentado.

### **1. 1. 2. Casal suficientemente bom.**

#### **Pelos meandros da satisfação conjugal**

O estudo empírico da satisfação conjugal tem recebido especial atenção de investigadores de diversas áreas, sobretudo na última década (Bradbury, Fincham, & Beach, 2000). Tal como a própria origem da palavra satisfação indica – *facere satis* –

*fazer o bastante*, este é um conceito que remete para uma avaliação sobretudo positiva do outro e da relação (Narciso, 2001). Sendo assim, a satisfação conjugal resulta de uma avaliação pessoal e subjectiva, elucidando a avaliação do cônjuge face à qualidade da relação de casal. Esta avaliação por parte de cada parceiro irá influenciar a forma como é vivida a relação conjugal, que por sua vez, irá igualmente influenciar a satisfação conjugal e assim sucessivamente, estabelecendo um ciclo que tenderá a auto-perpetuar-se no tempo (Narciso, 2001; Narciso & Ribeiro, 2009). Desta forma, a satisfação conjugal pode ser considerada como um ponto nodal do bem-estar, parecendo contribuir em grande medida para a felicidade individual, quando comparada a outros factores, tais como o sucesso profissional, a religião, ou os bens materiais e financeiros partilhados (Glenn, 1998). Neste sentido, vários estudos revelam uma associação significativa entre insatisfação conjugal e níveis mais elevados de *stress*, bem como uma maior vulnerabilidade, em casais insatisfeitos, a problemas de saúde física ou mental. Nomeadamente, foram encontradas, em mulheres, fortes associações entre depressão e insatisfação conjugal (Bradbury *et al.*, 2000; Cohan & Bradbury, 1997; Ross, 1995; Narciso, 2001).

No entanto, a vivência da conjugalidade não é de todo linear, existindo uma alternância entre momentos de afectividade positiva e momentos de afectividade negativa (Fincham, Beach, & Kemp-Fincham, 1997 citado por Narciso, 2001). Não faz assim sentido analisar a satisfação conjugal sem ter conta a insatisfação, sendo que ambas fazem parte de um processo mais vasto, em que satisfação e insatisfação coexistem, evitando-se a crença num ideal de relação de casal. Deste modo, a complexidade inerente à vivência da relação conjugal, implica necessariamente a existência de momentos de conflito e de sentimentos de ambivalência, que permitem mediar os movimentos de aproximação e separação entre os parceiros, sendo este aspecto essencial, para a sua capacidade de adaptação e mudança, bem como catalisadora do seu crescimento e desenvolvimento (Narciso, 2001; Narciso & Ribeiro, 2009). Desta forma, a satisfação conjugal está sobretudo ligada a uma representação da relação enquanto *suficientemente boa*.

Relativamente à conceptualização e avaliação da qualidade conjugal, existem segundo Glenn (1998), duas escolas principais: a escola de *sentimentos individuais* e a escola de *ajustamento conjugal*. Na primeira, a qualidade conjugal é definida como a avaliação subjectiva de cada cônjuge relativamente ao nível de felicidade da relação, enquanto que na segunda, a qualidade conjugal é uma característica da relação entre os

cônjuges, utilizando-se, por isso, medidas de ajustamento conjugal mais objectivas, uma vez que avaliam aspectos de interacção relacional tais como a comunicação e o conflito. No entanto, Sabatelli (1988 citado por Narciso, 2001), por sua vez, defende que a qualidade conjugal pode ser uma mistura de ajustamento e satisfação. Desta forma, analisar a satisfação conjugal implica compreender a avaliação dos parceiros quanto ao seu desempenho na relação e quanto ao desempenho da relação em si mesma (Narciso, 2009).

Neste âmbito, Narciso (2001) oferece um modelo sistémico de compreensão da satisfação conjugal, conceptualizando a satisfação conjugal global enquanto o conjunto e interacção de vários tipos de factores. Assim, do *puzzle* que forma a complexidade da satisfação conjugal, podem ser encontrados *factores centrípetos*, que se constituem enquanto mais próximos do *holon* conjugal, correspondendo aos processos que geram e são gerados directamente pela relação. Nestes incluem-se processos afectivos, processos operativos ou comportamentais e processos cognitivos. Os primeiros referem-se à vivência afectiva na relação conjugal, nomeadamente ao nível dos sentimentos, intimidade e compromisso. Já os segundos, dizem respeito à forma como se estabelece a comunicação no casal, designadamente ao nível da vivência do conflito e resolução do mesmo, bem como a gestão do controlo relacional. Por último, os processos cognitivos incluem os pressupostos, padrões, percepções, atribuições e expectativas vividas pelos elementos do casal (Narciso, 2001; Narciso & Ribeiro, 2009).

Para além dos *factores centrípetos*, a satisfação conjugal é ainda influenciada por *factores centrífugos*, que apesar de mais periféricos relativamente à unidade do casal, afectam o *holon* conjugal e são por ele afectados. Aqui se incluem factores pessoais (e.g. características de personalidade, padrões de vinculação), factores contextuais (e.g. família de origem, rede social, contexto laboral) e factores demográficos (e.g. idade, estatuto sócio-económico, origem cultural) (Narciso, 2001; Narciso & Ribeiro, 2009).

Por último, ambos os factores acima descritos são por sua vez influenciados pelo *factor tempo* ou *percurso de vida conjugal*, que se evidencia enquanto um factor transversal em relação aos restantes. Assim, ao nível da influência deste factor face à satisfação conjugal global, destaca-se o tempo de duração da relação de casal e os acontecimentos de vida, quer normativos, quer não normativos (Narciso, 2001; Narciso & Ribeiro, 2009).

Desta forma, as características dos elementos do casal, bem como as dos sistemas dos quais estes fazem parte vão permitir a criação de uma conjectura que irá determinar em grande medida o seu nível de satisfação conjugal. Neste sentido, a investigação tem encontrado diferenças consideráveis entre casais satisfeitos e casais insatisfeitos, sobretudo na forma como gerem a sua relação (e.g. Gottman & Silver, 2000 citado por Narciso, 2001). De acordo com Gottman (1991 citado por Narciso, 2001), os casais felizes/satisfeitos estabelecem uma dinâmica relacional que impede que os seus afectos negativos anulem os seus afectos positivos, ou seja, conseguem fazer uma melhor gestão da sua ambivalência, demonstrando uma maior maturidade emocional. O autor concluiu ainda que nos casais satisfeitos existe uma profunda amizade, caracterizada pelo respeito mútuo, bem como por uma grande estima, partilha de intimidade, prazer no contacto com o parceiro e expressão de afectos, que permitem, a manutenção de uma relação apaixonada (Gottman, 1991 citado por Narciso, 2001; Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004; Smith, Vivian, & O'Leary, 1990).

Por outro lado, casais insatisfeitos reportam frequentemente uma maior ausência ou dificuldade ao nível da partilha de intimidade (Kayser, 1993 citado por Narciso, 2001), menor investimento afectivo na relação, menores níveis de apoio emocional, predominância de afecto negativo nas trocas interaccionais (Gottman & Silver, 2000 citado por Narciso, 2001), para além de padrões de comunicação deficitários e disfuncionais (e.g. menor expressão de sentimentos e necessidades, mensagens pouco claras, paradoxais e imbuídas de afecto negativo, deficiente escuta activa e empática), menor equidade em termos do controlo relacional, maior disfuncionalidade ao nível dos limites e da vivência da dependência e maior grau de percepções, atribuições e expectativas negativas face ao parceiro (Davila, Bradbury, & Fincham, 1998).

O vínculo conjugal sadio é, deste modo, aquele que permite o desenvolvimento individual dos parceiros e é caracterizado por uma vivência dialéctica criativa, o que não significa um estado perfeito de entendimento ou ausência de conflito, mas antes, a elaboração dos mesmos de modo dinâmico, transformando-os em aspectos propulsores de crescimento e enriquecimento da relação (Vargas, 1994 citado por De Carvalho & Sant'anna, 2000).

Assim sendo, a forma como o casal vivencia a sua conjugalidade vai ser especialmente importante aquando da sua transição para a parentalidade, sobretudo por esta representar um período de maior *stress* e de menor disponibilidade para a relação

conjugal (Twenge, Campbell, & Foster, 2003). A transição para a parentalidade confronta assim o casal, com a necessidade de reconfiguração dos papéis familiares e com os desafios de se tornarem uma família, sendo que estes aspectos poderão ser precipitadores de um maior nível de conflituosidade (McGoldrick, 1989). Neste sentido, várias investigações apontam para um declínio da satisfação conjugal após o nascimento do primeiro filho (Perren, Von Wyl, Bürgin, Simoni, & Von Klitzing, 2005), sobretudo devido à sobrecarga entre tarefas domésticas e parentais, bem como diminuição de tempos exclusivos do casal (Guttmann & Lazar, 2004; Narciso, 2001). No entanto, Cowan e Cowan (1988 citado por Perren *et al.*, 2005), concluíram no seu estudo que o surgimento de um filho não origina um nível significativo de insatisfação e conflito conjugal se estes factores não estiverem presentes antes da transição para a parentalidade. Segundo os autores, os desafios da parentalidade tendem simplesmente a amplificar as dificuldades preexistentes no casal. Desta forma, casais satisfeitos tendem a fazer uma melhor gestão dos aspectos ligados à transição para a parentalidade, fazendo um melhor ajustamento aos seus novos papéis, comparativamente a casais insatisfeitos, cujos desafios da parentalidade exponenciam as fragilidades da sua relação conjugal, potenciando uma maior vulnerabilidade, quer na relação de casal, quer em cada um dos seus elementos (Cowan & Cowan, 1988 citado por Perren *et al.*, 2005).

## ***1. 2. Da Conjugalidade para a parentalidade***

### ***1. 2. 1. Antes era o Desejo... :***

#### **Construção do desejo de um filho**

O desejo de um filho é uma construção complexa, com raízes em diversos factores, nos quais se conjugam aspectos biológicos, culturais e, sobretudo, intrapsíquicos (Bayle, 2006). Este *sonho* desejo precede largamente os conhecimentos factuais acerca da sexualidade e da procriação, sendo gerado em ambos os géneros desde cedo na infância, a partir de uma identificação nuclear com a figura materna, enquanto forma de materialização da relação idílica com esta (De Mijolla-Mellor, 1999 citado por Bayle, 2006). Posteriormente, serão as negociações edípicas que irão servir de palco principal para a estruturação e desenvolvimento deste desejo de um filho



(Bayle, 2006; Brazelton & Cramer, 1989/2007). Deste modo, o bebé pré-existe ao seu nascimento biológico, estando inscrito no mundo interior de cada um dos pais, através daquilo que Lebovici (1993, 1995) designou de *bebé fantasmático*, que corresponderia ao bebé arcaico nas fantasias inconscientes de cada um dos pais desde a infância, constituindo-se enquanto uma pré-figuração de um bebé, criado e impregnado pelas experiências de filiação dos mesmos (Sá, 2004; Sousa, 2004). Desta forma, as fantasias subjacentes ao desejo de um filho são fulcrais, pois dão o mote para o estabelecimento dos primeiros laços afectivos entre os pais e a criança, constituindo-se enquanto precursoras da futura vinculação entre os mesmos (Bayle, 2006).

No entanto, apesar do desejo de um filho se constituir enquanto um *sonho* antigo na nossa história de desenvolvimento, é no contexto de uma história partilhada – a relação de casal – que ele terá oportunidade (na maioria das vezes) de se materializar e, assim, permitir a passagem do *sonho* à realidade. Desta forma, idealmente, o desejo de um filho deve emanar do *sonho* construído pelo casal; do seu desejo de conceber um filho enquanto fruto de um amor e um projecto de vida partilhado (Lourenço, 2009). Sendo desejável que exista uma ligação entre o desejo de um filho e o desejo e capacidade de ter uma relação de amor, de boa qualidade com um(a) companheiro(a) da mesma geração (Diniz, 2004). Se tal não acontece, um filho, ao invés de ser fruto do *desejo*, torna-se sobretudo fruto da *necessidade*, podendo ser projectado como anti-depressivo face à insuficiência da relação de casal (Bayle, 2006; Ferreira, 2002). Este é um aspecto particularmente visível em casais cujo funcionamento, ao nível da sua dinâmica relacional, é predominantemente *pré-genital* (Ferreira, 2002). Assim, em termos do desejo de parentalidade, o mito do casal vai ser preponderante, sobretudo a forma como foi *sonhado* o projecto de vida familiar e as representações de cada elemento do casal face à função parental. O projecto de um filho organiza-se, assim, à volta de um triângulo, constituído pela mãe, o pai e a criança (Bayle, 2006).

O desejo de parentalidade no adulto surge, para ambos os géneros, ligado a diversos factores e motivações, que se conjugam e interligam de um modo complexo. Entre estes, podemos incluir aspectos ligados a mecanismos de identificação, de satisfação de variadas necessidades narcísicas e de tentativa de recriar vínculos passados na relação com o bebé (Brazelton & Cramer, 1989/2007). Ainda que este desejo seja comum à mulher e ao homem, este é estruturado e vivido de um modo distinto para ambos. Assim sendo, o desejo de parentalidade começa por se desenvolver, tanto no homem, como na mulher, desde cedo na infância, pelo desejo de ter bebés de si próprio,

a partir de uma identificação nuclear com o objecto materno (Brazelton & Cramer, 1989/2007; Gomez, 2005). No entanto, o avanço para fantasias de carácter edipiano marca um importante passo para a construção deste desejo, sendo que no homem há uma renúncia à fantasia da própria gravidez, que permite uma crescente identificação com o progenitor do mesmo género e o desenvolvimento do desejo normal de ter filhos (e.g. Ross, 1979 citado por Gomez, 2005).

Outra das motivações ligadas ao desejo de um filho é o desejo narcísico de perfeição e onipotência através da concepção de uma criança, correspondendo ao desejo de reproduzir a sua própria imagem (Brazelton & Cramer, 1989/2007).

A capacidade de poder gerar um filho torna também possível, para a mulher, a confirmação da sua fertilidade, e para o homem, o apaziguamento de dúvidas acerca da sua potência e virilidade, sendo que confirma o seu poder de engravidar uma mulher. Neste sentido, um filho pode surgir como tendo a função de, por um lado, permitir à futura mãe a anulação de sentimentos de vazio através da completude proporcionada pela gravidez, por outro, a dissipação de dúvidas, por parte do pai, acerca da imagem masculina de si próprio (Brazelton & Cramer, 1989/2007).

Um filho constitui-se, também, enquanto um elo de ligação entre gerações, permitindo aos pais a renovação de antigas relações com pessoas que foram importantes no seu passado e, sobretudo, a possibilidade de continuidade da sua linhagem no futuro (Brazelton & Cramer, 1989/2007), aspecto que remete não só para um desejo de ligação aos seus antepassados, mas também para um desejo de imortalidade, materializado pela progressão das gerações ao longo tempo.

O desejo de um filho implica, ainda, aspectos ligados a uma rivalidade edipiana, sendo que o facto de ter um filho permite que tanto a mulher, quanto o homem, se possam simultaneamente identificar e igualar, no caso do homem, ao seu próprio pai e, no caso da mulher, à sua própria mãe, encerrando assim a oportunidade de os superar no exercício da sua parentalidade.

Ao longo da gravidez, ambos os membros do casal terão oportunidade de reviver os elementos infantis e narcísicos ligados ao desejo de um filho, e de transformá-los gradualmente, para que se possa dar lugar a uma relação parental saudável (Gomez, 2005). De um modo geral, o confronto com o bebé real, aquando do nascimento, estabelece-se enquanto um passo decisivo na transição do desejo de ter um filho para a relação objectal com ele (Brazelton & Cramer, 1989/2007).

O bebé nasce, assim, de uma história prévia que o trouxe ao mundo – a história própria de cada um dos pais, a história do seu encontro, do seu desejo de um filho. Ou seja, o bebé pré-existe ao seu nascimento, sendo pensado, falado e *sonhado* muito antes de existir na realidade. Deste modo, ele é um dos protagonistas no cenário construído pelo romance familiar e pela história das gerações que o precederam (Soussan, 2005).

### **1. 2. 2. ...e do Desejo se fez Carne.**

#### **Processo e vivência da gravidez**

A gravidez vem modificar toda a dinâmica familiar, implicando um maior desequilíbrio a este nível. No entanto, constitui-se simultaneamente enquanto um momento privilegiado na história de uma família, marcando a mesma de um modo permanente (Bayle, 2006).

Os nove meses de gravidez permitem a ambos os futuros pais a oportunidade de se prepararem física e psicologicamente para o novo desafio de parentalidade que se avizinha. Na mulher, esta preparação psicológica, que é simultaneamente consciente e inconsciente, está intimamente ligada às fases físicas da sua gravidez (Brazelton & Cramer, 1989/2007). Este tempo de preparação irá, igualmente, permitir a construção progressiva, na psique de cada um dos pais, de uma representação do futuro bebé que se está a desenvolver. Este bebé *sonhado* e fantasiado – o *bebé imaginário* (Lebovici, 1993, 1995) – é formulado a um nível pré-consciente e consciente, estando intimamente ligado ao processo e à vivência da gravidez (Sá, 2004). Neste sentido, Stern (1995/2006) introduz a noção de *constelação materna*, afirmando que esta elaboração progressiva da representação do bebé vai ser facilitadora do envolvimento afectivo e interacção adequada com o recém-nascido após o parto (Figueiredo, 2005; Stern, 1995/2006). A elaboração das fantasias em redor deste *bebé imaginário*, na mulher, atinge o seu auge por volta do sexto mês de gravidez, observando-se um declínio desta elaboração nos últimos meses de gestação. Esta diminuição é vista como tendo uma função protectora, permitindo um maior espaço de manobra face ao confronto com o bebé real (Carneiro, Carboz-Warnery, & Fivaz-Depeursinge, 2006; Figueiredo, 2005).

Vários autores (e.g. Brazelton & Cramer, 1989/2007; Colman & Colman, 1973) defendem uma vivência da gravidez dividida por fases, sendo que a cada uma destas

fases corresponderia um conjunto de conteúdos a serem elaborados psiquicamente. Das descrições documentadas na literatura, emergem três fases que se apresentam como mais relevantes e consensuais (Justo, Bacelar-Nicolau & Dias, 1999).

Assim, a primeira fase corresponde, sensivelmente, ao primeiro trimestre de gestação e implica a integração, por parte da mulher grávida, da sua nova realidade – a de que transporta dentro de si um novo ser humano. Ainda nesta fase, há como que um regresso ao passado, através da reelaboração das experiências de infância, sobretudo ao nível da relação com a figura materna (Justo *et al.*, 1999). Neste sentido, a perspectiva da parentalidade leva, necessariamente, não só a futura mãe, mas ambos os elementos do casal, a evocar os seus próprios pais, com todas as lembranças positivas e negativas que isso possa acarretar, havendo como que uma invasão do passado no presente, que oferece aos pais a possibilidade de reviverem a sua própria história (Bayle, 2006; Rodrigues *et al.*, 2004).

Na fase seguinte, que corresponde aproximadamente ao segundo trimestre de gestação, começam a iniciar-se os primeiros movimentos fetais percebidos, permitindo à mulher grávida um maior sentido de diferenciação face ao filho, e o confronto com o facto de este se constituir enquanto um ser autónomo, diferente de si (Justo *et al.*, 1999). Neste aspecto, o reconhecimento do papel do pai é de extrema importância, sendo que facilita a mãe a encarar o seu filho como um ser diferenciado, fruto de um acto conjunto dela própria e do pai da criança. Para além deste aspecto, o pai serve ainda como fonte de suporte e contenção à futura mãe, amortecendo os seus receios e ansiedades face ao novo papel a desempenhar (Brazelton & Cramer, 1989/2007). É também nesta fase que se dá uma reavaliação do relacionamento conjugal, assim sendo, o objecto de reelaboração psicológica passa da relação com a figura materna, para a relação de casal com o actual companheiro (Justo *et al.*, 1999).

Finalmente, na terceira e última fase (cerca do último trimestre de gestação), a futura mãe terá de começar a preparar a sua separação quer física, quer psicológica, face ao bebé que vai nascer (Justo *et al.*, 1999), sendo que, quando chega o momento do parto, esta tem de estar disponível e pronta para criar novos laços (Brazelton & Cramer, 1989/2007). Neste sentido, o objecto da sua reelaboração psicológica deixa de ser o companheiro, para passar a ser o bebé que já comunica, mas que ainda não nasceu (Justo *et al.*, 1999).

Em todo este processo de reestruturação psíquica durante a gravidez, a vida imaginária e fantasmática da mãe é de extrema importância, contendo em si um carácter

fundador ao nível da construção da pré-história afectiva do bebé (Bydlowski, 1995 citado por Sousa, 2004). Desta forma, para além de uma herança biológica, a mãe transmitiria também ao bebé outro tipo de herança – uma espécie de tradução do seu mundo afectivo e mental (Sousa, 2004).

Também aqui no período da gravidez, a relação de casal parece ser fundamental, sendo que o apoio emocional do marido/companheiro contribui para uma adaptação bem sucedida da mulher à maternidade. Para além deste aspecto que remete para um carácter mais contentor, uma relação de casal suficientemente satisfeita, vai permitir à mulher renunciar a um apego exclusivo ao seu bebé. Assim, a relação de casal, quando vivida enquanto satisfatória, permite uma vivência da gravidez e da parentalidade enquanto duplamente compensadora, sendo que possibilita o estreitamento dos laços conjugais e o desfrutar das alegrias da parentalidade (Brazelton & Cramer, 1989/2007).

### **1. 2. 3. *Ser-Mãe / Ser-Pai.***

#### **Notas acerca das funções materna e paterna**

##### **1. 2. 3. 1. Função materna**

A figura materna ocupa um lugar de destaque na história do indivíduo, sobretudo naquela que é a sua pré-história. É ela que representa, através da sua fertilidade, a origem da vida. É ela que acolhe o seu bebé no seu *mar interior*, que é o seu líquido amniótico (Sousa, 2004) e, dando-o à luz, acolhe-o nos seus braços, apresentando-o ao mundo. A figura materna tem sido igualmente um dos principais objectos de estudo da psicologia, sobretudo pelo seu impacto na história e desenvolvimento do indivíduo. Talvez por este motivo, a mãe se torne uma figura frequentemente idealizada, sobre a qual tende a recair o peso do sucesso ou insucesso desenvolvimentista dos seus descendentes.

Neste sentido, Winnicott (1965/1995, 1987/2006) vem introduzir a noção de *mãe suficientemente boa*, quebrando assim a crença numa figura materna ideal. De acordo com esta noção, uma mãe adequada faria uma suficiente adaptação às necessidades do bebé, permitindo a este criar temporariamente uma ilusão de onipotência. O facto de esta adaptação ser apenas suficiente, e não perfeita, implica

que o bebê seja gradualmente introduzido a um maior nível de frustração, bem como aos aspectos ambivalentes ligados à figura materna.

O autor descreve ainda a função materna enquanto ligada a três principais tarefas do desenvolvimento emocional primitivo do bebê, sendo estes a integração do eu, a psique que habita o corpo e a relação objectal. Neste sentido, a mãe teria a função de segurar (*holding*), manipular (*handling*) e apresentar os objectos ao bebê. Estas funções básicas maternas resultariam da experiência de prestação de cuidados por parte da mãe ao bebê, permitindo a este último o desenvolvimento de um *self* coerente e genuíno, no caso destas experiências terem-se constituído enquanto suficientemente positivas (Lourenço, 2005; Winnicott, 1965/1995; Winnicott, 1987/2006).

Relativamente ao *holding* e *handling*, estes estão relacionado com toda a rotina de cuidados ao bebê, nomeadamente no que concerne ao tacto, ou a forma como este é segurado e manipulado fisicamente, sendo aspectos que se referem à experiência de contenção e segurança veiculada na relação mãe-bebê (Lourenço, 2005; Winnicott, 1965/1995; Winnicott, 1987/2006).

Quanto ao *holding*, este relaciona-se com a capacidade da mãe de se identificar com o seu bebê (Winnicott, 1965/1995) e de lhe permitir a construção de um sentimento de continuidade do *self* a partir da continuidade e segurança oferecida na relação com o mesmo, permitindo, desta forma, a construção de um sentido de integração (Lourenço, 2005). Por sua vez, o *handling* favorece a personalização, isto é, o movimento do *Eu* que permite que o bebê se sinta real, que se aproprie do seu corpo, permitindo a integração do *soma* à psique (Winnicott, 1965/1995). Assim, o *handling* refere-se à fundação do *Eu* psíquico sobre um *Eu* corporal, através da descoberta e manipulação do próprio corpo e das respectivas funções corporais, tendo a pele como membrana limitadora (Lourenço, 2005; Winnicott, 1987/2006). Desta forma, a mãe surge enquanto facilitadora da organização do ego do bebê, cumprindo uma função de ego auxiliar (Murphy, 1964; Winnicott, 1987/2006).

Ambos estes conceitos remetem para a noção de pele-psíquica de Esther Bick (1962 citado por Lourenço, 2005), segundo a qual, a mãe, enquanto prestadora de cuidados, tem uma função importante na organização psíquica do bebê, sendo que é através da sua capacidade contentora, que passa também pela forma como segura, fala e toca o seu bebê, que se pode dar a construção de uma pele-psíquica no mesmo. Ou seja, este vai progressivamente construindo uma capacidade própria de contenção interna e

um sentido de integração, que lhe vão permitir um desenvolvimento continuado (Lourenço, 2005; Waddell, 1998/2003).

No que se refere à apresentação dos objectos ao bebé, é a partir da relação com a mãe que, segundo Winnicott (1987/2006), se estabelece o padrão da capacidade da criança em se relacionar com os objectos e com o mundo. Assim, a instauração da relação objectal é favorecida pela forma como a mãe se apresenta a ela própria e os outros ao bebé, permitindo ao mesmo a capacidade de sentir-se real na relação com o mundo (Lourenço, 2005).

Ainda numa perspectiva dos aspectos contedores da função materna, W. R. Bion (1962/1991) faz menção à relação contedor/contido na díade mãe-bebé, na qual a mãe teria como função receber, através do mecanismo de identificação projectiva, os conteúdos não elaborados/primitivos da criança (elementos ), metabolizando-os, através da sua capacidade de pensar (*rêverie*), e devolvendo-os sob a forma de elementos mentalizáveis e portadores de significado (elementos ). Desta forma, a mãe teria uma função contedora, elaborando e dando significado às angústias primitivas do bebé, permitindo a este a construção progressiva de um aparelho psíquico pensante (Amaral Dias, 1989; Bion, 1962/1991; Lourenço, 2005; Waddell, 1998/2003).

No entanto, ainda que a função materna tenha vindo a ser descrita em grande medida pelos seus aspectos de contenção e prestação de cuidados, a verdade é que para o bebé, de pouco lhe serve a disponibilidade e receptividade materna, se não existir uma responsividade activa, entusiástica e empenhada por parte desta (Coimbra de Matos, 2007). Muito mais que uma prestadora de cuidados ou apaziguadora de angústias, a mãe surge enquanto objecto primordial na pré-história do indivíduo, apresentando-o ao mundo, às relações e sobretudo, aos *afectos*. É através do rosto materno – protótipo de um espelho – que o bebé tem oportunidade de se ver a si próprio e de construir um primeiro esboço do seu *Eu*, por entre o reflexo que lhe é transmitido (Figueiredo, 2003a; Winnicott, 1987/2006). Neste sentido, é apenas através do encantamento do olhar materno, reflexo da exaltação e enamoramento pelo seu bebé, que este último poderá constituir as bases do narcisismo essencial (Coimbra de Matos, 2007).

Deste modo, a mãe oferece-se como objecto afectivo e epistémico (Coimbra de Matos, 2007), sendo também a anfitriã que apresenta o mundo e a vida ao seu bebé, acompanhando-o nos primeiros passos do seu crescimento, permitindo-lhe *tornar-se pessoa*.

### 1. 2. 3. 2. Função paterna

No estudo sobre o desenvolvimento infantil, sobretudo no que concerne a primeira infância, o pai foi até recentemente o progenitor *esquecido* (Ross, 1979 citado por Gomez, 2005), sendo considerado sobretudo pelas suas funções de suporte financeiro e instrumental e relegado para o papel de *segundo objecto* ou de *primeiro estranho* (Liebman *et al.*, 2000 citado por Gomez, 2005).

Neste sentido, a psicanálise tem-se centrado particularmente na noção simbólica da função paterna, no pai fantasiado ou mítico (Brazelton & Cramer, 1989/2007), detentor do *princípio da realidade* de Freud (Ferreira, 2002), ou *representante da Lei*, segundo o sistema lacaniano, símbolo de um mundo exterior que se adivinha e portanto, de uma realidade e estrutura social mais ampla (Abelin, 1975; Coimbra de Matos, 2002). O pai surge ainda como portador da frustração, aquele que ao nível da realidade psíquica da criança, afasta a mãe e se apropria dela, destronando desta forma, o paraíso narcísico da simbiose entre mãe-bebé (Coimbra de Matos, 2002). Ele é assim o terceiro elemento que introduz a possibilidade de separação e oxigenação face à relação simbiótica, oferecendo-se como objecto de identificação alternativo, protegendo a criança da exclusividade da relação com o objecto materno (Bayle, 2006; Golse, 1999/2002). É assim nesta passagem de uma interacção dual, para uma *dança a três*, que existe a possibilidade de organização das relações triangulares, permitindo o acesso a um complexo de Édipo equilibrado, e a introdução à criança, ao mundo das diferenças (sobretudo sexuais), alargando o seu espaço, do interior para o exterior (Bayle, 2006).

No entanto, as concepções face ao surgimento do pai na vida psíquica da criança remetiam até há poucas décadas, para um período posterior do desenvolvimento infantil, mais especificamente para o âmbito dos conflitos edipianos, havendo como que uma negligência do papel paterno no contexto das interacções precoces (Layland, 1981). Desta forma, o pai não está *congelado* nos primeiros tempos de vida do bebé (Bayle, 2006), sendo que a relação pai-bebé parece desenvolver-se em simultâneo com a relação mãe-bebé desde as primeiras semanas de vida (Abelin, 1975). Designadamente, segundo as observações de Abelin (1971, 1975 citado por Von Klitzing, Heidi, & Bürgin, 1999), o desenvolvimento de uma relação específica entre pai-bebé, começa a surgir ainda na fase simbiótica do desenvolvimento de Mahler. Desta forma, tem sido constatado que o bebé reconhece, desde precocemente, o pai enquanto uma figura diferenciada da mãe, sobretudo se este participar de modo activo na relação e nos



cuidados ao bebé (Lebovici, 1982). A investigação nesta área tem ainda demonstrado o estabelecimento de uma vinculação mútua pai-bebé mais precoce do que antes admitido – ainda durante a gravidez (e.g. Cox, 1992 citado por Gomez, 2005).

O espaço paterno surge assim como sendo co-construído pela mãe e pelo bebé, no âmbito das interacções precoces, através das várias situações triangulares que confrontam o bebé com uma dimensão de *terceiridade*, que desenham um espaço *nem-mãe-nem-bebé*, precursor da futura função paterna (Golse, 2006/2007). Assim, muito antes da criança poder ter uma representação do pai enquanto objecto total e sexuado, vai ser confrontada com uma *terceiridade* mais parcial que prepara a construção da representação paterna na sua completude (Golse, 2006/2007). No entanto, o pai não se constitui enquanto um *terceiro* como os outros, ocupando um lugar especial na vida interior do bebé, não só por aquilo que o pai é, mas também em virtude daquilo que a mãe é e da relação específica existente entre o pai e a mãe (Golse, 2006/2007).

Neste sentido, Golse (2006/2007) relativamente ao papel paterno no âmbito das interacções precoces apresenta uma distinção entre o *pai pré-edipiano* e o *pai edipiano*. Enquanto que o segundo seria imbuído de um estatuto de *detentor da lei e porta-voz da realidade* (Brazelton & Cramer, 1989/2007), tendo sobretudo uma função de separação relativamente à relação entre a mãe e a criança, o primeiro desempenharia o papel de suporte e de aprovisionamento *alimentar* da díade mãe-bebé, tendo assim um papel contextualizador desta última (Golse, 2006/2007). Assim, nesta perspectiva, o pai surge no contexto da relação precoce com uma dimensão mais conciliadora e contextualizadora, trazendo uma espécie de envelope, uma função de *holding* à díade mãe-bebé, ao invés da dimensão separadora e castradora, com que habitualmente é caracterizado, no período pós-edipiano (Golse, 2006/2007).

No entanto, de acordo com a perspectiva de Meltzer (1989 citado por Golse, 2006/2007), a distinção entre o *pai pré-edipiano* e *edipiano* não é tão clara quanto à partida se poderia supor, sendo que a figura paterna reúne simultaneamente numa mesma dinâmica, um processo de contenção e *alimentação* pré-edipianos, bem como um processo de separação pós-edipiano. Ou seja, o pai na relação com o bebé, exerce por um lado, um papel de fornecedor de *alimento* da díade, contendo e providenciando *alimento* afectivo à mãe, para que esta, por sua vez, possa conter e *alimentar* o bebé (Correia, 2009), por outro, permite o distanciamento da criança à exclusividade da relação com o objecto materno. Desta forma, o pai meltzeriano é simultaneamente

reparador e separador, contendo em si aspectos *pré* e *pós-edípianos* (Golse, 1999/2002; Golse, 2006/2007).

O pai ocupa ainda um lugar essencial no contexto familiar, uma vez que é também «*o sustentáculo do narcisismo da mãe o que é de extrema importância para o tipo de relação que esta última estabelece com o filho*» (Coimbra de Matos, 2002, p. ; Diniz, 2004). Relação esta que poderá ser libidinal, positiva, doadora, se por sua vez a mãe estiver suficientemente impregnada de satisfação amorosa e segura na sua qualidade de pessoa, mulher e mãe (Coimbra de Matos, 2002). Assim, do pai espera-se o contributo necessário ao equilíbrio psíquico da mãe, aspecto que é indispensável à harmonia psíquica da família (Ferreira, 2002).

A relação que o pai estabelece com o bebé é também influenciada pela relação que este tem com a mãe, sendo que esta última tem um papel essencial na facilitação ou pelo contrário, boicote, do vínculo entre pai-bebé (Bayle, 2006; Brazelton & Cramer, 1989/2007; Correia, 2009). Desta forma, se a relação de casal entre mãe e pai estiver imbuída de conflito e/ou desenrolar-se sob uma dinâmica disfuncional, a proximidade entre pai-bebé torna-se mais difícil, pois o pai é aquele que a mãe designa como tal, de forma explícita e implícita (Correia, 2009; Golse, 2006/2007).

### **1. 3. *Vértices de um triângulo amoroso***

#### **1. 3. 1. *Primeira ligação:***

##### ***Bondingna díade mãe-bebé***

A relação precoce entre mãe-bebé tem-se constituído enquanto um tema amplamente estudado na literatura em psicologia. Neste sentido, Winnicott (1958/2007) foi um dos primeiros autores a identificar uma disposição particular da generalidade das mães face aos seus bebés após o parto, à qual designou de *preocupação materna primária*. A esta disposição corresponderia um estado caracterizado por uma elevada preocupação com o bem-estar do recém-nascido, bem como uma capacidade surpreendente, por parte das mães, de se identificarem com o bebé, de modo a irem ao encontro das necessidades físicas e psicológicas do mesmo (Winnicott, 1965/1995; 1987/2006; 1958/2007).

Ainda neste âmbito, Klaus e Kennel (1976) introduziram o termo *bonding*, enquanto forma de dar conta da relação única, específica e duradoura que se estabelece entre a mãe e o recém-nascido desde os primeiros momentos (Figueiredo, 2005; Figueiredo, Marques, Costa, Pacheco, & Pais, 2005; Klaus & Kennel, 1976). Segundo os autores, os momentos após o nascimento seriam essenciais no estabelecimento do *bonding*, sendo este facilitado pela adequação do sistema hormonal da mãe, nomeadamente, através do aumento de hormonas como a ocitocina e prolactina, bem como pela presença do bebé (Figueiredo, 2005; Gomes-Pedro, 1985; Klaus & Kennel, 1976).

O *bonding* tem sido definido por maior parte dos autores (e.g. Bowlby, 1969/1974; Figueiredo, 2005), enquanto um conjunto único de disposições mentais ligadas a um repertório comportamental, ambos dirigidos à manutenção da proximidade psicológica e física com a criança, imprescindível à sua sobrevivência. Entre este conjunto de disposições mentais incluem-se a preocupação com a segurança e bem-estar do bebé (e.g. Winnicott, 1958/2007), bem como o investimento emocional e o espaço mental que o bebé ocupa no universo representativo materno (e.g. Stern, 1995/2006).

O *bonding* é assim usado para descrever a ligação e os sentimentos que a mãe estabelece face ao seu bebé, distinguindo-se da vinculação, que inclui a ligação da criança face à mãe (Taylor, Atkins, Kumar, Adams, & Glover, 2005). No entanto, ainda que sejam conceitos diferenciados, o *bonding* e a vinculação possuem uma relação complementar, sendo que a forma como se estabelece o *bonding* vai condicionar a natureza da vinculação (Coimbra de Matos, 2007). Existe, desta forma, uma interdependência entre o sistema de vinculação da mãe e do bebé.

O estabelecimento da ligação afectiva entre mãe-bebé, não se processa, assim, de um modo unidireccional, sendo um processo interactivo co-construído por ambos os elementos da diáde. A mãe desenvolve uma ligação afectiva que beneficia a proximidade com o recém-nascido e, por sua vez, o bebé, enquanto ser competente e eminentemente relacional, participa de modo activo na interacção, influenciando o modo como a mãe organiza a ligação emocional ao mesmo. O recém-nascido tem, desta forma, um enorme poder de desencadear e activar o *bonding* materno através das suas competências interactivas, nomeadamente, o facto de ser capaz de estabelecer contacto ocular e de produzir determinadas expressões faciais (e.g. sorriso), que são facilitadoras da activação do envolvimento emocional materno (Blau, 1962; Brazelton & Cramer,

1989/2007; Figueiredo, 2005; Golse, 2006/2007; Nugent, 1989; Schaffer, 1977a; Stern, 1977/1980, 2008; Trevarthen, 2001, 2003).

O processo de estabelecimento do *bonding*, tem sido descrito enquanto um processo gradual de envolvimento afectivo da mãe com o bebé, que se inicia e constrói ao longo da gravidez, mas que se intensifica sobretudo após o parto, depois do contacto com o recém-nascido (Figueiredo, 2005; Figueiredo et al., 2005; Klaus & Kennel, 1976). Neste âmbito, vários autores (e.g. Figueiredo, 2005; Gomes-Pedro, 1985; Klaus & Kennel, 1976) fazem menção aos momentos após o parto, enquanto um período sensível no estabelecimento do *bonding*, sendo que o contacto entre mãe-bebé, designadamente o contacto corpo-a-corpo, tem efeitos positivos e duradouros no envolvimento emocional da mãe e na qualidade dos cuidados que providencia à criança. Deste modo, o pós-parto imediato é um momento privilegiado à formação do *bonding*. As razões para este aspecto parecem residir sobretudo nas alterações hormonais maternas, bem como no significado que maior parte das mães atribui ao primeiro contacto com o bebé, e também na disposição particular do recém-nascido para a interacção com a mãe nas primeiras horas de vida (Figueiredo, 2005).

No entanto, ainda que os momentos após o parto sejam essenciais para o estabelecimento do *bonding*, existem fortes indicações para pensar que a ligação afectiva da mãe ao bebé se estabelece de um modo relativamente gradual (Figueiredo, 2003b), fortalecendo-se ao longo do primeiro ano de vida, observando-se assim uma ligação muito mais forte ao bebé nos meses posteriores ao parto comparativamente aos valores de *bonding* no pós-parto imediato (Taylor *et al.*, 2005). O estudo conduzido por MacFarlane, Smith e Garrow (1978 citado por Wittkowski, Wieck, & Mann, 2007) é elucidativo deste mesmo aspecto, sendo que, apesar de um número considerável de mães reportar sentir uma afeição especial pelo seu filho (41%) durante a gravidez, para muitas, essa afeição apenas surgiu após o parto, no contacto com o recém-nascido (24%), ou ainda durante a primeira semana de puerpério (27%), sendo que uma pequena percentagem (8%) reportou sentimentos de afeição apenas após a primeira semana depois do parto. Em outras investigações, no entanto, a grande maioria das mães reporta sentimentos de afeição pelo bebé logo no primeiro contacto (77,9%), ou durante o dia seguinte ao parto (20,5%), sendo que apenas uma minoria (1,6%) referiu ausência de sentimentos face ao filho, alguns dias após o parto (Rick, Nasser, Thomas, & Ezimokhai, 2001 citado por Figueiredo, 2005). Contudo, ainda que existam diferenças nos resultados obtidos nas várias investigações, todos eles confirmam o estabelecimento

do *bonding* enquanto um processo que tende a ser gradual, intensificando-se ao longo do tempo.

A maior parte da investigação realizada acerca do *bonding* tem-se centrado sobretudo no estudo das dimensões que o podem beneficiar ou prejudicar (Figueredo *et al.*, 2005). Neste sentido a literatura tem documentado diversos aspectos que podem influenciar o estabelecimento do *bonding*: No que se refere à mãe, um dos factores que parece influenciar o *bonding* é a elevação dos valores das hormonas relacionadas com o parto e a amamentação, sendo que estas tornam a mãe mais sensível e receptiva ao bebé (Gomes-Pedro, 1985; Klaus & Kennel, 1976; Taylor *et al.*, 2005). Também determinadas características psicológicas da mãe, tais como a segurança na representação da vinculação e o ajustamento no relacionamento conjugal, parecem beneficiar o envolvimento afectivo com o recém-nascido (Belsky & Isabella, 1988; Figueiredo *et al.*, 2005; Isabella, 1994).

Relativamente ao bebé, factores como a ausência de competências interactivas ou um comportamento difícil (e.g. chorar excessivamente), bem como, o não ter sido desejado ou não ser do sexo desejado pela mãe, e ainda ter tido um nascimento pré-termo, parecem influenciar negativamente a disponibilidade da mãe para se vincular ao filho (Carek & Capelli, 1981; Figueiredo, 2005; Figueiredo *et al.*, 2005; Schaffer, 1977b).

O contacto imediato/separação com o recém-nascido no pós-parto mostrou ser igualmente um aspecto relevante para o estabelecimento do *bonding*, sendo que quanto mais se favorece a amamentação e/ou o contacto corpo-a-corpo entre mãe-bebé nos momentos subsequentes ao parto, maior é o envolvimento emocional da mãe face ao filho. A presença de um adulto que seja fonte de apoio e suporte durante o parto (e.g. marido/companheiro), também se mostra como facilitadora do *bonding*, sendo que promove uma vivência do parto mais positiva (Anisfeld & Lipper, 1983; Brazelton & Cramer, 1989/2007; Figueiredo *et al.*, 2005; Kennel, 1989).

Assim sendo, no estabelecimento da vinculação da mãe ao bebé interferem diversos factores, tanto de cariz biológico, bem como de cariz psicológico e sócio-cultural, que estão não só relacionados com a vivência da gravidez, parto e pós-parto, mas também que se referem à mãe, ao pai e ao próprio bebé (Figueiredo, 2003b).

### **1. 3. 2. *Genealogia do desejo:***

#### **Ligação entre satisfação conjugal e *bonding***

No que concerne ao estudo das dimensões psicológicas associadas ao nível de *bonding* inicial da mãe face ao bebé, este tem vindo essencialmente a desenvolver-se em redor de duas questões essenciais: por um lado, o impacto da qualidade da relação conjugal, por outro, a influência do estilo de vinculação da mãe, no seu envolvimento afectivo com o bebé (Figueiredo, 2003b). Sendo que, para este estudo em particular, interessa sobretudo o impacto da relação conjugal no estabelecimento da relação diádica mãe-bebé.

Neste sentido, parece existir uma ligação evidente entre os subsistemas conjugal e parental (Carneiro *et al.*, 2006; Feldman, 2000), tendo sido verificada por vários autores (e.g. Adam, Gunnar, & Tanaka, 2004; Erel & Burman, 1995; Pendry & Adam, 2007) uma forte relação entre conjugalidade e parentalidade, entre conjugalidade e funcionamento emocional, bem como entre funcionamento emocional e qualidade parental.

Os resultados documentados na literatura quanto à relação entre satisfação conjugal e parentalidade têm sido consistentes, independentemente da idade da criança. Sendo que, de um modo geral, casais que reportam um maior nível de satisfação conjugal e cujos casamentos são mais harmoniosos, tendem a ser associados a uma parentalidade mais sensível e a relações mais afectuosas entre pais e filhos (e.g. Gottman & Katz, 1989; Meyer, 1988; Nugent, 1991). Pelo contrário, casais onde existe um maior nível de conflito, tendem a demonstrar uma maior ineficiência ao nível do desempenho dos seus papéis parentais (e.g. Stoneman *et al.*, citado por Gable, Belsky, & Crnic, 1992).

Noutros estudos (Heinicke, 1995 citado por Heinicke & Guthrie, 1996), conclusões semelhantes foram observadas, sendo que casais cuja relação é caracterizada por uma mutualidade positiva, autonomia do parceiro e capacidade de confrontar os problemas e regular o afecto negativo, tendem, aquando da parentalidade, a ser responsivos face às necessidades do seu filho, bem como a promover a sua autonomia e a ter crianças mais seguras e autónomas nos primeiros quatro anos de vida.

Howes e Markman (1989) encontraram ainda associações entre a qualidade conjugal pré-natal, tal como percebida pela mãe, e a posterior segurança ao nível da vinculação e sociabilidade na criança.

No que concerne especificamente ao desempenho do papel materno, uma das principais determinantes quanto à forma como a mãe exerce a sua maternidade, parece ser o apoio do parceiro. Assim, uma relação conjugal positiva providencia uma fonte importante de apoio emocional, que é necessária para uma parentalidade sensível (Belsky, 1984; De Luccie, 2001). De acordo com várias investigações (e.g. Levy-Shif, 1994 citado por Feldman, 2000), a existência de fontes de apoio emocional aquando a transição para a maternidade, tem sido associada a uma diminuição da depressão materna, bem como a relações conjugais mais positivas e a uma maior disponibilidade e sensibilidade materna.

Neste âmbito, Isabella (1994) realizou um estudo longitudinal onde se verificou que mães que reportavam um maior nível de satisfação conjugal e suporte familiar no período pré-natal evidenciavam uma maior satisfação ao nível do desempenho dos seus vários papéis a nível pessoal, familiar e profissional. Este aspecto demonstrou ser preditor de uma maior sensibilidade por parte da mãe na interacção com o seu bebé, contribuindo desta forma, para uma maior qualidade ao nível da relação diádica.

Parece também existir uma correlação entre o relato feito pela mãe sobre o envolvimento do parceiro durante a gravidez e as observações clínicas sobre a dimensão do envolvimento da mulher com o filho, ao longo dos primeiros quatro anos de vida (Barnard, 1982 citado por Brazelton & Cramer, 1989/2007). Neste sentido, a presença e o apoio afectuoso de um futuro pai ajudam a mulher a desenvolver o papel de mãe.

Ao nível da percepção da mãe face ao bebé, foram ainda encontradas correlações entre menores níveis de satisfação conjugal e descrições parentais dos seus bebés enquanto temperamentalmente mais difíceis (Easterbrooks & Emde, 1988 citado por Feldman, 2000). Deste modo, a vivência da conjugalidade parece afectar, não só a disponibilidade e sensibilidade materna, mas também a própria percepção da mãe face ao filho.

O bebé nasce, assim, de uma longa linhagem, precedida em primeiro lugar pela relação de casal e pela história de encontro entre os seus pais e, num sentido mais remoto, pela história de cada um destes individualmente. Pais que foram, eles mesmos, bebés precedidos, outrora, por outra linhagem e assim sucessivamente.

Deste modo, na transição para a parentalidade, aquela que era uma história a dois – a história de casal – passa para uma história a três, abrindo as portas de um sistema diádico para um triádico. Assim sendo, a relação dos novos pais com o seu bebé, passa necessariamente pela relação conjugal. A forma como a conjugalidade e parentalidade se entrelaçaram na nova família dependerá, igualmente, daquilo que o bebé representa para o casal. Sendo que aquele poderá, ou não, ser fruto de um *sonho* e de uma linhagem de *desejo*. Caso não o seja, nascerá empobrecido, destituído das raízes libidinais a que teria direito, correndo o risco de ter como função pré-estabelecida preencher o lugar vazio, deixado pela ausência de um verdadeiro *desejo* de um *sonho* projecto a dois.

Neste sentido, casais cuja relação é vivida como suficientemente boa, tendem a fazer um investimento conjunto do seu novo projecto de parentalidade, formando uma boa aliança parental, que lhes permitirá realizar um melhor ajustamento aos seus novos papéis. Estes aspectos serão facilitadores de uma maior disponibilidade e sensibilidade na relação com o bebé (Carneiro *et al.*, 2006; Gable *et al.*, 1992).

Pelo contrário, casais cuja relação é sentida como insuficiente, tendem a fazer um investimento de carácter mais narcísico no seu projecto de parentalidade, projectando o futuro bebé enquanto anti-depressivo face às insuficiências da relação de casal e/ou do próprio (Diniz, 2004; Ferreira, 2002). Por este motivo, estes novos pais terão mais dificuldade no ajustamento à parentalidade, sendo que tendem a centralizar-se nas suas próprias necessidades, ao invés das necessidades do bebé.

No sentido de contribuir para um maior conhecimento face à relação entre conjugalidade e parentalidade, este estudo tem como principal objectivo, a compreensão da influência da satisfação conjugal, tal como percebida pela mulher, ao nível do estabelecimento do *bonding* na relação mãe-bebé.

De acordo com o objectivo mencionado e a revisão de literatura realizada acerca da relação entre satisfação conjugal e o estabelecimento da relação precoce, elaborou-se a seguinte **hipótese de estudo**:

**H1:** Existe uma correlação positiva e significativa entre a satisfação conjugal pré-natal e o nível do *bonding* pós-natal.



As variáveis em estudo cuja relação se pretende analisar são, deste modo, o nível **satisfação conjugal** e o nível de *bonding*, sendo que:

Em **H1** a variável independente é o nível de satisfação conjugal e a variável dependente é o nível de *bonding*.

Enquanto segundo objectivo deste estudo, procedeu-se ainda à expansão de uma escala de recolha de dados quantitativos – a *Escala de Ligação Mãe-Bebé* – baseada na escala original *Mother-to-Infant Bonding Scale* (Taylor et al., 2005). A expansão da escala original foi realizada de modo a tornar o instrumento mais robusto ao nível das suas propriedades psicométricas, pretendendo-se levar a cabo uma adaptação do mesmo.

## **2. MÉTODO**

### **2. 1. Selecção da amostra**

Considerando a especificidade das características da amostra a ser recolhida, o contexto clínico mostrou ser o mais adequado para a recolha dos sujeitos do estudo. Ainda no sentido de permitir uma amostra de maior dimensão, foi estabelecida uma parceria com outra investigação, também realizada no âmbito da dissertação final do Mestrado Integrado em Psicologia, sendo que ambos os estudos partilhavam um dos instrumentos – a *Escala de Ligação Mãe-Bebé*.

Para a recolha da amostra, foram contactados diversos estabelecimentos de saúde, bem como profissionais de saúde do sector privado, com o objectivo de obter a sua colaboração ao nível da recolha dos sujeitos. Dos vários estabelecimentos contactados, foi possível estabelecer parcerias com o *Centro de Saúde de Arruda dos Vinhos*, com o *Centro de Saúde de Cascais*, bem como com uma médica obstetra do sector privado, que amavelmente acederam a colaborar neste projecto.

Assim, a amostra do estudo consiste de 20 participantes<sup>1</sup>, casadas ou em união de facto, acompanhadas durante a sua gravidez, no *Centro de Saúde de Arruda dos Vinhos* e no *Centro de Saúde de Cascais*, quer ao nível das consultas de saúde materna, quer ao nível das aulas de preparação para o parto, bem como no sector privado, através das consultas de acompanhamento da gravidez.

### **2. 2. Caracterização da amostra**

As mães que constituem a amostra têm entre 21 e 36 anos, sendo que a maioria se situa na faixa etária entre os 26 e 31 anos (55%). A média das idades é de 27.9 anos com um desvio-padrão de 4.01. Todas as participantes são de naturalidade portuguesa. Em termos da área de residência, as mães da amostra são provenientes de diversos

---

<sup>1</sup> Ainda que a recolha realizada consista de 19 mulheres, o tratamento dos dados foi realizado tomando em consideração 20 sujeitos, devido ao facto de uma das participantes ter sido mãe de gémeos. Desta forma, os dados da participante foram duplicados, atendendo às especificidades da sua situação.

concelhos do distrito de Lisboa, nomeadamente do concelho de Arruda dos Vinhos (80%), do concelho de Cascais (5%), do concelho de Mafra (5%), do concelho de Oeiras (5%) e do concelho de Vila Franca de Xira (5%). No que concerne ao estatuto conjugal das participantes, a maioria encontra-se casada (55%), sendo que as restantes vivem em união de facto (45%). Relativamente ao nível sócio-económico da amostra (calculado através do índice de Graffar), este estende-se desde o nível social I ao nível social III, sendo que a maioria situa-se num nível sócio-económico médio alto (55%). Quanto ao nível de escolaridade das mães, estas apresentam desde 9 a 18 anos de escolaridade, sendo que metade (50%) tem entre os 9 e os 12 anos de estudo. A média dos anos de estudo é de 13.35 com um desvio-padrão de 3.17. Aquando do contacto com as participantes, a grande maioria encontrava-se no activo, em termos do seu estatuto laboral (80%), enquanto que uma menor percentagem se encontrava desempregada (15%), ou era estudante (5%).

**Tabela 1.** Caracterização sócio-demográfica da amostra

		Mães (N=20)
		%
<b>Idade</b>	21-25	25
	26-31	55
	32-36	20
<b>Estatuto conjugal</b>	Casada	55
	União de facto	45
<b>Nível sócio-económico</b> (índice de Graffar)	I	25
	II	55
	III	20
<b>Anos de escolaridade</b>	< 9	5
	9 e 12	50
	> 12	45
<b>Estatuto laboral</b>	No activo	80
	Desempregada	15
	Estudante	5

A grande maioria das participantes do estudo é primípara (70%), contudo, 30% das mães já teve um filho anteriormente. Em termos do tipo de gravidez, 90% das mães teve uma gravidez simples, ou não-gemelar, enquanto que uma pequena percentagem (10%) teve uma gravidez gemelar. A gravidez foi ainda um acontecimento desejado pela grande maioria das participantes (95%), ainda que só tenha sido planeada por 65% das mesmas. A generalidade das grávidas teve parto de termo (entre as 37 e as 40 semanas de gestação) (75%), enquanto que uma menor percentagem (15%) teve o parto após 40 semanas de gestação, e 10% teve parto pré-termo (antes das 37 semanas de gestação), tal como indicado na Tabela 2. No que concerne ao tipo de parto, a maioria das mães (65%) teve um parto vaginal com epidural, sendo que uma menor percentagem teve um parto por cesariana (com epidural) (25%) e um parto vaginal sem epidural (10%).

Os bebés das participantes dividem-se em partes quase iguais pelo sexo feminino (45%) e pelo sexo masculino (55%). A grande maioria (85%) apresentou um peso normal à nascença (entre 2.5 kg e 4 kg), ainda que uma percentagem significativa (15%) tenha nascido com baixo peso. Em termos do comprimento, a maioria (60%) nasceu entre os 45 e 50 cm, sendo que os restantes nasceram (40%) entre os 50 e 55 cm. Todos os recém-nascidos se apresentaram saudáveis aquando do nascimento, não sofrendo de malformações.

**Tabela 2.** Dados da amostra relativos à gravidez, parto e pós-parto

		Mães (N=20)
		%
<b>Termo de gestação</b>	< 37	10
	37 e 40	75
	> 40	15
<b>Tipo de gravidez</b>	Gravidez não-gemelar	90
	Gravidez gemelar	10
<b>Paridade</b>	Primípara	70
	Múltipara	30
<b>Gravidez desejada</b>	Sim	95
	Não	5

<b>Gravidez planeada</b>	Sim	65
	Não	35
<b>Tipo de parto</b>	Vaginal sem epidural	65
	Vaginal com epidural	25
	Cesariana com epidural	10
<b>Sexo</b>	Feminino	45
	Masculino	55
<b>Peso à nascença</b>	< 2500	15
	2500 e 4000	85

### 2. 3. Procedimento

O estudo foi projectado para compreender dois momentos de testagem, sendo que o primeiro consistiu da recolha dos dados sócio-demográficos e clínicos, bem como relativos à satisfação conjugal, através da aplicação do questionário sócio-demográfico e clínico e da *Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal* (EASAVIC). Neste primeiro momento de testagem, as participantes foram contactadas no último trimestre da sua gravidez (entre as 29 e as 37 semanas de gestação), através dos estabelecimentos de saúde anteriormente referidos.

O segundo momento de testagem consistiu da recolha dos dados relativos ao pós-parto e ao nível de *bonding* das mães face aos seus recém-nascidos. Para tal, procedeu-se à aplicação do questionário pós-parto, bem como da *Escala de Ligação Mãe-Bebé* (ELMB), entre as 4 e as 9 semanas após o parto. O intervalo de tempo entre o parto e a aplicação dos questionários, que se pretendia ser no mínimo de 4 semanas, foi estabelecido de modo a possibilitar o aprofundamento da relação precoce entre mãe-bebé, conferindo uma maior fiabilidade ao nível dos dados recolhidos.

## **2. 4. Instrumentos**

### **2. 4. 1. *Questionário sócio-demográfico e clínico***

É um questionário com o qual se pretende obter informação social e demográfica relativa aos sujeitos da amostra, nomeadamente: idade, género, estatuto conjugal, nível de escolaridade, estatuto profissional, profissão, naturalidade e residência. Este instrumento permite, também, recolher dados relativos à história obstétrica e ginecológica dos sujeitos: idade da primeira menstruação, ciclos menstruais, realização de tratamentos de fertilidade e dados de gravidezes anteriores – que permitem conhecer informações acerca da idade e sexo do(s) filho(s), duração da gravidez, peso e comprimento do(s) recém-nascido(s) aquando do parto, idade da mãe aquando do parto e tipo de parto. Existe, por último, uma secção dedicada a dados relativos à gravidez actual, na qual é possível obter informação acerca do desejo e planeamento da gravidez, ocorrências durante a gravidez, consumo de substâncias, tipo de vigilância, sexo imaginado e real do feto, existência de anomalias ou malformações e data prevista para o parto.

### **2. 4. 2. *Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal***(Narciso, I., 2001)

É uma escala de auto-relato que pretende avaliar a satisfação experienciada em várias áreas da vida conjugal, bem como da satisfação conjugal global. A escala é constituída por 44 itens, que se organizam em cinco áreas da vida conjugal relativas à dimensão *funcionamento conjugal* (funções familiares, tempos livres, autonomia, relações extrafamiliares, e comunicação e conflitos), e cinco áreas relativas à dimensão *amor* (sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade, características físicas e psicológicas).

Do total dos itens, 16 têm como foco o casal, 14 focalizam-se no inquirido, e 14 no cônjuge.

Trata-se de uma escala de Lickert em 6 pontos, o que permite que o indivíduo avalie a sua satisfação entre *Nada Satisfeito* (1), *Pouco Satisfeito* (2), *Razoavelmente Satisfeito* (3), *Satisfeito* (4), *Muito Satisfeito* (5), e *Completamente Satisfeito* (6).

O estudo psicométrico da escala foi realizado a partir de uma amostra de 219 indivíduos casados, sendo que a análise factorial discriminou dois factores principais: o factor 1 agrupa os itens relativos à dimensão *amor*; e o factor 2 agrupa os itens relativos à dimensão *funcionamento*. Os coeficientes alfa encontrados para cada um dos factores são bastante elevados ( $>.90$ ), indicando assim uma elevada consistência interna. As correlações internas (entre as várias áreas e o resultado global da escala) são superiores a  $.60$ , sendo mais elevadas as correlações que se referem à dimensão amor. A correlação entre os resultados relativos à dimensão amor e os relativos à dimensão funcionamento é superior a  $.90$ . A correlação entre as duas dimensões revelou-se ainda superior a  $.70$ .

A pontuação da escala total é obtida através da média aritmética das pontuações nos 44 itens do questionário.

#### **2. 4. 3. *Questionário Pós-Parto***

É um questionário cujo objectivo é recolher dados relativos ao período de pós-parto, designadamente, ao nível da duração da gravidez, tipo de parto, data de nascimento do recém-nascido, bem como o seu peso e comprimento aquando o nascimento. Deste questionário faz ainda parte uma secção relativa a dados quanto ao rendimento familiar, aplicável apenas em caso de desemprego da participante. Nesta secção são recolhidos dados quanto à fonte de rendimento, bem como, existência de subsídios adicionais e estatuto laboral do marido/companheiro, no caso de ser este a principal fonte de rendimento familiar.

#### **2. 4. 4. *Escala de Ligação Mãe-Bebé***

É uma escala de auto-relato baseada na *Mother-to-Infant Bonding Scale* (Taylor *et al.*, 2005), cujo principal objectivo é o de avaliar o envolvimento emocional dos pais com o bebé, medindo-se a presença e intensidade de uma determinada emoção na relação dos pais com o bebé, segundo uma escala tipo Lickert que varia entre os 0 e 3 pontos (*Muito, Bastante, Um Pouco e Nada*), consoante a emoção em causa, sendo as emoções de cariz positivo cotadas de modo crescente e as emoções de cariz negativo, de modo decrescente. A versão original do instrumento é constituída por 8 itens

(*Afectuosa, Ressentida, Neutra/Sem sentimentos, Alegre, Desgostosa, Protectora, Desiludida e Agressiva*), contendo assim, 3 itens referentes a emoções de cariz positivo (*Afectuosa, Alegre e Protectora*) e 5 itens ligados a emoções de cariz negativo (*Ressentida, Neutra/Sem sentimentos, Desgostosa, Desiludida e Agressiva*). O estudo psicométrico da escala foi realizado com uma amostra de 160 mulheres, tendo evidenciado uma consistência interna razoável, com um valor de coeficiente de alfa igual a .71. Foi encontrada uma correlação significativa entre os resultados da escala ao longo do tempo e, também, uma correlação entre o afecto negativo e resultados de *bonding* mais baixos e o afecto positivo e resultados mais elevados de *bonding*.

No entanto, de modo a conferir à *Mother-to-Infant Bonding Scale* propriedades psicométricas mais robustas, foi elaborada, para este estudo, a *Escala de Ligação Mãe-Bebé*, através da tradução dos itens originais e adição de 18 novos itens à mesma (*Rejeitante, Preocupada, Zangada, Feliz, Entusiasmada, Triste, Irritada, Desinteressada, Ambivalente, Amorosa, Vazia, Saturada, Curiosa, Próxima, Distante, Carinhosa, Orgulhosa, Confusa/Sem saber o que sente*), perfazendo, assim, um total de 26 itens. Destes itens, 10 referem-se a emoções de cariz positivo (*Afectuosa, Alegre, Protectora, Feliz, Entusiasmada, Amorosa, Curiosa, Próxima, Carinhosa e Orgulhosa*) e 16 a emoções de cariz negativo (*Ressentida, Neutra/Sem sentimentos, Desgostosa, Desiludida, Agressiva, Rejeitante, Preocupada, Zangada, Triste, Irritada, Desinteressada, Ambivalente, Vazia, Saturada, Distante e Confusa/Sem saber o que sente*). A cotação dos itens é realizada do mesmo modo que na escala original.



### 3. RESULTADOS

A apresentação dos resultados resulta da análise dos dados das 20 participantes que constituem a amostra, com excepção para os dados relativos ao *bonding*, sendo que não foi possível contactar uma das participantes. Sendo assim, os dados referentes ao *bonding* foram trabalhados com base em 19 participantes.

Quanto à análise dos resultados propriamente dita, esta inicia-se com o estudo da consistência interna da *Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC)* e da *Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB)*, efectuado através do parâmetro *Alpha de Cronbach*. Segue-se o estudo das referidas escalas (*EASAVIC* e *ELMB*), recorrendo a estatística descritiva para os seguintes parâmetros: média, desvio-padrão, mediana, moda, mínimo e máximo, percentis e variância. Considerando a pequena dimensão da amostra, é também realizado o estudo da distribuição da mesma, de modo a verificar o tipo de tratamento estatístico mais adequado para a análise dos dados. Por último, é efectuada a análise das correlações entre as variáveis *satisfação conjugal* e *bonding*, bem como, entre estas e outras variáveis de carácter sócio-económico e clínico, no sentido de analisar a significância das relações entre as mesmas.

#### 3. 1. Análise da consistência interna

No que concerne a análise da consistência interna, ambos os instrumentos utilizados para o estudo das variáveis, revelaram-se robustos ao nível das suas propriedades psicométricas. Neste sentido, a Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC) demonstrou uma elevada consistência interna, obtendo um coeficiente de alfa de .961 (*vide* Anexo VIII). Por sua vez, a Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB) demonstrou igualmente, numa primeira análise, uma elevada consistência interna, com um coeficiente de alfa de .917. No entanto, a análise aos itens da escala justificaram a remoção de cinco itens (*Desgostosa, Protectora, Desiludida, Ambivalente* e *Curiosa*), permitindo, deste modo, uma elevação do coeficiente de alfa para .930 (*vide* Anexo VIII). Assim, a versão final da Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB) para este estudo, compreende um total de 21 itens (*Afectuosa, Ressentida, Neutra/sem sentimentos, Alegre, Agressiva, Rejeitante,*

*Preocupada, Zangada, Feliz, Entusiasmada, Triste, Irritada, Desinteressada, Amorosa, Vazia, Saturada, Próxima, Distante, Carinhosa, Orgulhosa, Confusa/sem saber o que sente).*

### **3. 2. Estudo das escalas**

Com o intuito de analisar os valores apresentados pelas participantes nas escalas utilizadas neste estudo, foi elaborada uma análise descritiva dos valores totais da Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC), bem como da Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB). No sentido de aprofundar o estudo da Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB), é ainda realizada uma análise descritiva aos itens da mesma.

Quanto à Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC), verificou-se que a média dos valores de satisfação conjugal é de 4,80 com um desvio-padrão de 0,70. Quanto à variância dos dados, é possível constatar que estes são relativamente homogêneos, contendo pouca variabilidade. Neste sentido, o valor mínimo e máximo dos resultados das participantes apresentam pouca disparidade, sendo o valor mínimo 4 e o valor máximo 6. Em termos de classificação qualitativa, o primeiro valor corresponde a uma vivência satisfeita da relação de casal, enquanto que o segundo corresponde a uma vivência completamente satisfeita do relacionamento. Assim sendo, os resultados das participantes quanto à sua satisfação conjugal variam de satisfeita (4) a completamente satisfeita (6).

Relativamente à Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB), verifica-se que a média dos resultados apresentados pelas participantes é de 6,42 com um desvio-padrão de 7,06. Ao contrário da EASAVIC, esta escala apresenta alguma heterogeneidade ao nível dos seus valores, sendo a sua variância de 49,81. O valor mínimo e máximo dos resultados apresentam, deste modo, alguma disparidade, sendo o valor mínimo 1 e o valor máximo 23. No que concerne aos valores da ELMB, importa referir que quanto mais elevado o resultado, mais negativa é a vivência associada ao *bonding*, pelo contrário, quanto menor o resultado, mais positiva é a vivência do *bonding*.

**Tabela 3.** Análise descritiva dos valores totais da EASAVIC e da ELMB

	<b>EASAVIC</b> (N=20)	<b>ELMB</b> (N=19)
Média	4,80	6,42
Desvio-Padrão	0,70	7,06
Mediana	5	3
Mín. – Max.	4 - 6	1 - 23
P25 – P75	4 - 5	2 - 7
Variância	0,48	49,81

No sentido de realizar uma análise mais profunda face à Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB), procedeu-se a uma análise descritiva relativamente aos itens da mesma. Desta forma, quanto aos itens *Afectuosa*, *Feliz*, *Carinhosa* e *Orgulhosa* as respostas das participantes variaram entre o Muito (0) e o Bastante (1). A moda das respostas foi 0, sendo assim, a maioria das mães respondeu Muito (0) a estes itens.

Já face aos itens *Neutra/Sem sentimentos*, *Rejeitante*, *Triste*, *Desinteressada*, *Vazia*, *Saturada* e *Distante*, as respostas variaram entre o Nada (0) e o Um Pouco (1), sendo que a maioria das mães respondeu Nada (0).

No que respeita aos itens *Ressentida*, *Agressiva*, *Zangada* e *Irritada*, as respostas das participantes foram mais abrangentes, sendo que variaram entre o Nada (0) e o Bastante (2). Ao nível da moda, a maioria das mulheres respondeu Nada (0).

Relativamente aos itens *Alegre*, *Entusiasmada*, *Amorosa* e *Próxima*, as respostas abrangeram desde o Muito (0) ao Um Pouco (2). A moda dos valores foi novamente 0, deste modo, maior parte das participantes responderam Muito (0).

No que concerne ao item *Preocupada*, as respostas das participantes variaram desde o Um Pouco (1) ao Muito (3), sendo que a maioria das respostas referem-se à opção Um Pouco (1).

Por último, quanto ao item *Confusa/Sem saber o que sente*, todas as possibilidades de resposta foram consideradas, sendo que estas variam desde o Nada (0) ao Muito (3). Apesar desta abrangência, a maioria das mulheres responderam Nada (0).

Para uma consulta mais detalhada face às respostas das participantes em cada um dos itens da Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB), podem ser consultadas as tabelas presentes no Anexo X.

### **3. 3. Análise da distribuição da amostra**

Devido à pequena dimensão da amostra, torna-se necessário realizar a análise da distribuição da mesma, de forma a verificar se esta preenche os requisitos de uma distribuição normal. Este é um aspecto importante, sobretudo porque permite apurar o tipo de tratamento estatístico mais adequado face à distribuição dos dados.

Assim, para verificar a normalidade da amostra, quanto às variáveis em estudo (satisfação conjugal e *bonding*), foi utilizado o Teste de Shapiro-Wilk, um teste indicado para amostras de pequena dimensão ( $N < 50$ ), que permite detectar desvios à distribuição normal, através da análise de variância dos dados. Deste modo, a normalidade da distribuição é confirmada quando o valor de  $p$  (*p-value*) é superior ao nível de significância  $\alpha = 0,05$ .

Quanto aos dados relativos à satisfação conjugal, não se verifica a normalidade da distribuição, sendo que o valor de  $p$  é inferior ao nível de significância ( $W = 0,8$ ;  $df = 20$ ;  $p < 0,05$ ;  $p = 0,001$ ). Relativamente aos dados do *bonding*, a normalidade da distribuição da amostra não é confirmada, sendo o valor de  $p$  inferior ao nível de significância ( $W = 0,745$ ;  $df = 19$ ;  $p < 0,05$ ;  $p = 0,000$ ).

Deste modo, considerando que as variáveis em estudo não têm uma distribuição normal, a análise estatística dos dados será conduzida com base em métodos estatísticos não paramétricos.

### 3. 4. Análise de correlações

#### 3. 4. 1. Satisfação conjugal e *bonding*

De forma a compreender a relação entre os valores da satisfação conjugal e os valores relativos ao *bonding*, procedeu-se à análise de correlações entre ambas as variáveis. Para tal, e como os dados não cumprem os requisitos de uma distribuição normal, foi utilizada a Correlação de Spearman, um teste indicado para medir a relação entre duas variáveis, pelo menos ordinais. Assim, pretende-se saber a direcção da associação ou correlação existente entre as variáveis em estudo. Os resultados são considerados significativos quando o valor de  $p$  (*p-value*) é inferior ao nível de significância  $\alpha = 0,05$ .

**Tabela 4.** Correlação entre as variáveis satisfação conjugal e *bonding*  
(Coeficiente *Ró de Spearman*)

		<i>Bonding</i> (ELMB)
<b>Satisfação conjugal</b> (EASAVIC)	Coeficiente de Correlação	0,144
	Valor $p$	0,556
	N	19

Deste modo, quanto aos resultados da correlação efectuada (Tabela 4), verifica-se que não existe uma correlação significativa entre a satisfação conjugal e o *bonding*, sendo que o valor  $p$  é superior ao nível de significância ( $R_s = 0,144$ ;  $N = 19$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,556$ ).

#### 3. 4. 2. Idade e escolaridade

No sentido de procurar relações significativas entre as variáveis em estudo (satisfação conjugal e *bonding*) e outras variáveis de carácter sócio-demográfico,

utilizou-se novamente a Correlação de Spearman para analisar a natureza e significância das associações entre as variáveis em estudo e as variáveis intervalares, idade e escolaridade. Os resultados são considerados significativos quando o valor de  $p$  ( $p$ -value) é inferior ao nível de significância  $\alpha = 0,05$ .

**Tabela 5.** Correlação entre as variáveis satisfação conjugal, *bonding*, idade e escolaridade  
(Coeficiente *Ró de Spearman*)

		<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>
<b>Satisfação conjugal (EASAVIC)</b>	Coeficiente de Correlação	0,221	0,367
	Valor $p$	0,349	0,111
	N	20	20
<b><i>Bonding</i> (ELMB)</b>	Coeficiente de Correlação	- 0,115	0,135
	Valor $p$	0,638	0,581
	N	19	19

Através da análise dos resultados das correlações efectuadas (Tabela 5) não é possível verificar correlações significativas entre as variáveis. Assim sendo, não existem associações significativas entre a satisfação conjugal e a idade ( $R_s = 0,221$ ;  $N = 20$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,349$ ), bem como entre a satisfação conjugal e o nível de escolaridade ( $R_s = 0,367$ ;  $N = 20$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,111$ ), sendo que o valor  $p$  é superior ao valor de significância. Quanto ao *bonding*, é possível verificar uma associação negativa face à idade, no entanto, esta relação não se constitui enquanto significativa ( $R_s = - 0,115$ ;  $N = 19$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,638$ ). Da mesma forma, não existe uma correlação significativa entre o *bonding* e o nível de escolaridade ( $R_s = 0,135$ ;  $N = 19$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,581$ ).

### **3. 5. Comparação de grupos**

De modo a explorar a relação entre as variáveis em estudo (satisfação conjugal e *bonding*) e outras variáveis de natureza obstétrica e clínica, procedeu-se à comparação

entre grupos, de modo a determinar se existem diferenças significativas entre os diferentes grupos quanto ao nível da satisfação conjugal e do *bonding*. O motivo pelo qual se aplicou este tipo de procedimento deve-se à natureza nominal das variáveis. Deste modo, as variáveis estudadas foram a paridade, a gravidez desejada, a gravidez planeada, o tempo de gestação, o tipo de parto e o sexo do bebé. Em cada uma destas variáveis, é realizada uma análise descritiva dos grupos que as constituem, seguido, quando pertinente, da análise das médias aritméticas de cada grupo quanto à satisfação conjugal e *bonding* e por último, como as variáveis em estudo não obedecem a uma distribuição normal, é determinada a significância das diferenças entre os grupos, através do Teste Mann-Whitney, um teste não paramétrico para comparação de duas populações a partir de amostras independentes. Os resultados são considerados significativos quando o valor de  $p$  (*p-value*) é inferior ou igual ao nível de significância  $\alpha = 0,05$ .

### **3. 5. 1. Paridade**

No que concerne a variável da paridade, as participantes foram divididas em dois grupos: o grupo das primíparas e o das múltiparas.

O primeiro grupo é constituído de 14 participantes, com idades compreendidas entre os 21 e os 33 anos de idade, sendo a média das idades de 27,57 com um desvio-padrão de 3,98. Relativamente ao estatuto conjugal, a maior parte das participantes encontra-se casada (57,1%), sendo que as restantes vivem em união de facto (42,9%). No que concerne ao estatuto sócio-económico, a maioria das mulheres situa-se num nível sócio-económico médio alto (57,1%). A média dos anos de escolaridade é de 14,43 anos com um desvio-padrão de 2,47. Desta forma, a maioria das mulheres (57,1%) tem mais de 12 anos de escolaridade. Quanto ao estatuto laboral, a grande maioria das participantes encontra-se no activo (78,6%), sendo que uma menor percentagem está desempregada (14,3%), ou é estudante (7,1%).

Já o segundo grupo é constituído por 6 participantes, cujas idades estão compreendidas entre os 24 e os 36 anos, sendo a média das idades de 28,67 com um desvio-padrão de 4,37. Quanto ao estatuto conjugal, as participantes dividem-se em partes iguais entre o casamento (50%) e a união de facto (50%). Relativamente ao nível sócio-económico do grupo, este divide-se em partes iguais entre um nível sócio-

económico médio (50%) e médio-alto (50%). A média dos anos de escolaridade é de 10,83 com um desvio-padrão de 3,37. Deste modo, a maior parte das participantes tem entre os 9 e os 12 anos de estudo (66,7%). A maioria encontra-se no activo (83,3%), em termos de estatuto laboral, enquanto que uma menor parte está em situação de desemprego (16,7%).

Para determinar se as diferenças entre o grupo das primíparas e das múltiparas surgem enquanto significativas ao nível da satisfação conjugal e do *bonding*, procedeu-se à aplicação do Teste de Mann-Whitney. Deste modo, no que respeita aos níveis de **satisfação conjugal**, não foram encontradas diferenças significativas entre as participantes primíparas e múltiparas ( $U = 37$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,651$ ). Da mesma forma, quanto aos níveis de *bonding*, não foram verificadas diferenças significativas entre os grupos ( $U = 38$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,929$ ).

### 3. 5. 2. Gravidez desejada

Face à variável gravidez desejada, não foi possível realizar uma comparação de grupos entre as participantes que desejaram, e que não desejaram a gravidez, sendo que apenas uma das mulheres da amostra afirmou não desejar a gravidez. Desta forma, a comparação de grupos não surge enquanto exequível, sendo que um dos grupos tem apenas uma participante. No entanto, ainda que os dados não sejam representativos é possível verificar ao nível das médias aritméticas, uma diferença mínima, quanto à satisfação conjugal entre as participantes que desejaram, e não desejaram a gravidez. Já em relação ao *bonding*, observa-se uma maior diferença entre as médias, sendo que as participantes que desejaram a gravidez apresentam um valor mais baixo ao nível do *bonding*, sendo este mais positivo. Pelo contrário, a participante que afirma não ter desejado a gravidez, apresenta valores de *bonding* mais elevados e consequentemente mais negativos.



**Tabela 6.** Médias aritméticas em cada grupo da variável gravidez desejada quanto à satisfação conjugal e o *bonding*

<b>Gravidez desejada</b>		
	Sim (N=19)	Não (N=1)
<b>Satisfação conjugal (EASAVIC)</b>	4,8	5
	Sim (N=18)	Não (N=1)
<b><i>Bonding</i> (ELMB)</b>	6,2	11

### 3. 5. 3. Gravidez planeada

Quanto a esta variável, a amostra foi dividida em dois grupos, sendo o primeiro constituído pelas participantes cuja gravidez foi planeada, e o segundo pelas participantes cuja gravidez não foi planeada.

O primeiro grupo é constituído por 13 sujeitos, sendo que as suas idades variam entre os 23 e os 36 anos de idade. A média das idades é de 29,54 com um desvio-padrão de 3,43. A grande maioria das mulheres é casada (79,9%), sendo que as restantes vivem em união de facto (23,1%). Quanto ao nível sócio-económico do grupo, este varia desde um nível médio a alto, sendo que a maioria das participantes pertence a um nível médio-alto (69,2%). Em termos dos anos de escolaridade, a média do grupo situa-se nos 13,54 com um desvio-padrão de 3,18. A grande maioria das mulheres encontra-se no activo (92,3%) ao nível do seu estatuto laboral, entanto que uma minoria encontra-se em situação de desemprego (7,7%).

Por sua vez, o segundo grupo é constituído por 7 participantes, cujas idades variam entre os 21 e os 31 anos, sendo que a média das idades é de 24,86 com um desvio-padrão de 3,29. Ao contrário do grupo anterior, a grande maioria das participantes vive em união de facto (85,7%), sendo as restantes mulheres casadas. Quanto ao nível sócio-económico, a maioria do grupo situa-se num nível médio (42,9%), enquanto que as restantes mulheres se distribuem igualmente entre um nível médio-alto (28,6%) e alto (28,6%). A média dos anos de estudo é de 13 com um desvio-

padrão de 3,37. Assim, maior parte das participantes (57,1%) realizou entre 9 a 12 anos de escolaridade. Em relação ao estatuto laboral, 57,1% das mulheres encontra-se no activo, sendo que as restantes estão desempregadas (28,6%) ou são estudantes (14,3%).

**Tabela 7.** Médias aritméticas em cada grupo da variável gravidez planeada quanto à satisfação conjugal e o *bonding*

<b>Gravidez planeada</b>		
	Sim (N=13)	Não (N=7)
<b>Satisfação conjugal (EASAVIC)</b>	4,8	4,9
	Sim (N=12)	Não (N=7)
<b><i>Bonding</i> (ELMB)</b>	5,5	8

Quanto às médias aritméticas nos dois grupos, verifica-se uma diferença mínima, ao nível da satisfação conjugal. Relativamente ao *bonding*, observa-se uma maior disparidade entre os valores das médias, sendo que as participantes que planearam a gravidez apresentam um valor mais positivo ao nível do *bonding*, comparativamente às participantes que não planearam a gravidez.

De forma a determinar se existem diferenças significativas, ao nível da satisfação conjugal e do *bonding*, entre o grupo das participantes cuja gravidez foi planeada, e o grupo das participantes cuja gravidez não foi planeada, aplicou-se novamente o Teste Mann-Whitney, sendo que no que concerne aos níveis de **satisfação conjugal**, não foram encontradas diferenças significativas entre grupos ( $U = 42$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,761$ ). Relativamente ao *bonding*, apesar de o grupo cuja gravidez foi planeada apresentar níveis mais positivos de *bonding* (*vide* Anexo XV), as diferenças entre grupos não se constituem enquanto significativas ( $U = 27$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,2$ ).

### 3. 5. 4. Tempo de gestação

Relativamente ao tempo de gestação, foram constituídos dois grupos, ainda que a variável contenha três categorias. No entanto como duas das categorias não continham sujeitos suficientes para proceder a uma comparação, duas das categorias foram agrupadas. Assim, o primeiro grupo refere-se às participantes que tiveram um parto pré-termo (antes das 37 semanas de gestação), bem como às participantes cujo parto ocorreu após as 40 semanas de gestação. O segundo grupo é constituído por participantes que tiveram um parto de termo (entre as 37 e as 40 semanas de gestação).

O primeiro grupo é composto por 5 participantes, cujas idades vão desde os 21 aos 27 anos. A média das idades é de 24,8 com um desvio-padrão de 2,39. Quanto ao estatuto conjugal, a maioria das participantes vive em união de facto (60%) sendo que as restantes são casadas (40%). Em relação ao nível sócio-económico, a maioria das mulheres (60%) situam-se num nível médio-alto e as restantes 40% situam-se num nível médio. A média dos anos de estudo é de 11,20 com um desvio-padrão de 1,64. Face ao estatuto laboral, as participantes dividem-se de igual modo entre o activo (40%) e o desemprego (40%), sendo que as restantes 20% são estudantes.

Do segundo grupo fazem parte 15 participantes, com idades entre os 22 e os 36 anos. A média das idades é de 28,93 com um desvio-padrão de 3,96. A maioria das mulheres deste grupo é casada (60%), enquanto que as restantes vivem em união de facto (40%). Quanto ao estatuto sócio-económico, a maioria das participantes situa-se num nível médio-alto (53,3%). A média dos anos de estudo é de 14,07 com um desvio-padrão de 3,26. Deste modo, a maioria das mulheres tem acima de 12 anos de escolaridade (53,3%), sendo que uma percentagem significativa (40%) tem entre os 9 e os 12 anos de estudo. A grande maioria das participantes do grupo está no activo, ao nível do seu estatuto laboral, sendo que uma minoria está desempregada (6,7%).

**Tabela 8.** Médias aritméticas em cada grupo da variável termo de gestação quanto à satisfação conjugal e o *bonding*

	Termo de gestação	
	Pré (>37) e Pós-termo (<40) (N=5)	Termo ( 37 e 40) (N=15)
<b>Satisfação conjugal (EASAVIC)</b>	4,6	4,9

	Pré (>37) e Pós-termo (<40) (N=5)	Termo ( 37 e 40) (N=14)
<b><i>Bonding</i></b> <b>(ELMB)</b>	4,6	7,1

No que respeita as médias aritméticas, verifica-se uma diferença mínima, ao nível da satisfação conjugal entre os dois grupos. No que concerne ao *bonding*, existe uma maior diferenciação entre os valores das médias. Deste modo, as participantes que tiveram um parto pré e pós-termo apresentam um valor mais positivo ao nível do *bonding*, comparativamente às participantes que tiveram um parto de termo.

Quanto aos dois grupos referentes ao tempo de gestação, foi novamente utilizado o Teste de Mann-Whitney de modo a verificar se existem diferenças significativas, em termos do nível de satisfação conjugal e *bonding*. Assim sendo, o grupo das participantes que tiveram um parto pré e pós-termo, foram comparadas ao grupo das participantes que tiveram um parto de termo. Face ao nível de **satisfação conjugal**, não foram encontradas diferenças significativas entre grupos ( $U = 30,5$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,503$ ). Em relação ao *bonding* o grupo das participantes que tiveram parto pré e pós-termo apresentaram valores de *bonding* mais positivos (*vide* Anexo XV), no entanto, as diferenças entre grupos não se constituem enquanto significativas ( $U = 28,5$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,543$ ).

### 3. 5. 5. Tipo de parto

Quanto ao tipo de parto, a amostra foi dividida em dois grupos, ainda que a variável contenha três categorias. Uma destas três categorias não apresentava sujeitos suficientes para a elaboração de uma comparação de grupos. Sendo assim, esta foi agrupada juntamente com outra categoria. Deste modo, o primeiro grupo é relativo às participantes que tiveram um parto vaginal (com e sem epidural), enquanto que o segundo grupo é constituído por mulheres que tiveram um parto por cesariana (com epidural).

O primeiro grupo é composto por 15 participantes, cujas idades variam entre os 21 e os 36 anos. A média das idades é de 27,87 com um desvio-padrão de 4,39.

Relativamente ao estatuto conjugal, a amostra divide-se de modo equilibrado, ainda que maior parte das participantes viva em união de facto (53,3%). Face ao estatuto sócio-económico, a maioria das mulheres pertence a um nível sócio-económico médio-alto, sendo que as restantes dividem-se de igual modo entre um nível alto (26,7%) e médio (26,7%). A média dos anos de escolaridade é de 13,20 com um desvio-padrão de 3,43. Quanto ao estatuto laboral, 73,3% das participantes está no activo e as restantes estão em situação de desemprego (20%) ou são estudantes (6,7%).

Já o segundo grupo é constituído por 5 participantes, cujas idades se estendem desde os 23 aos 31 anos, sendo que a média das idades é de 28 com um desvio-padrão de 3. A grande maioria das mulheres deste grupo é casada (80%), sendo que as restantes vivem em união de facto (20%). Quanto ao nível sócio-económico, a grande maioria das participantes pertence a um nível médio-alto (80%). Relativamente à escolaridade, a média dos anos de estudo é de 13,80 com um desvio-padrão de 2,49. Ainda que uma margem significativa de mulheres tenha uma escolaridade acima dos 12 anos de estudo (40%), a maioria da amostra tem entre 9 e 12 anos de estudo (60%). Face ao estatuto laboral, todas as participantes do grupo encontram-se no activo.

**Tabela 9.** Médias aritméticas em cada grupo da variável tipo de parto quanto à satisfação conjugal e o *bonding*

	<b>Tipo de parto</b>	
	Vaginal (c/ e s/ epidural) (N=15)	Cesariana c/ epidural (N=5)
<b>Satisfação conjugal (EASAVIC)</b>	4,9	4,6
	Vaginal (c/ e s/ epidural) (N=14)	Cesariana c/ epidural (N=5)
<b><i>Bonding</i> (ELMB)</b>	5,1	10

Face às médias aritméticas, verifica-se ao nível da satisfação conjugal, uma diferença mínima entre os grupos. Já em relação ao *bonding*, observa-se uma maior diferença entre os valores das médias de cada grupo. Assim sendo, as participantes que

tiveram um parto de cesariana apresentam um valor mais negativo ao nível do *bonding*, comparativamente às participantes que tiveram um parto vaginal.

No que respeita o tipo de parto, o grupo das participantes que tiveram parto vaginal (com e sem epidural) foi comparado ao grupo das participantes que tiveram parto por cesariana (com epidural), utilizando o Teste de Mann-Whitney, de forma a verificar se existem diferenças significativas ao nível da satisfação conjugal e *bonding*. Ao nível da **satisfação conjugal**, não foram encontradas diferenças significativas entre ambos os grupos ( $U = 30,5$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,503$ ). Relativamente ao *bonding*, apesar do grupo das participantes que tiveram parto de cesariana apresentarem níveis mais negativos *bonding* (*vide* Anexo XV), as diferenças entre grupos não se constituem enquanto significativas ( $U = 25,5$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,374$ ).

### 3. 5. 6. Sexo do bebé

Face à variável sexo do bebé, as participantes da amostra foram agrupadas em dois grupos, consoante o género do seu recém-nascido. Desta forma, o primeiro grupo é constituído pelas mães cujo bebé é do sexo masculino, enquanto que o segundo grupo é constituído pelas mulheres cujo bebé é o sexo feminino.

O primeiro grupo é composto por 11 participantes, entre os 21 e os 36 anos de idade. A média das idades é de 28,27 com um desvio-padrão de 4,56. Ainda que equilibradamente distribuídas em termos do estatuto conjugal, a maioria das participantes é casada (54,5%), enquanto que as restantes vivem em união de facto (45,5%). Quanto ao nível sócio-económico, 54,5% das mulheres pertence a um nível médio-alto, sendo as restantes pertencentes a um nível médio (18,2%) e alto (27,3%). A média dos anos de escolaridade do grupo é de 13,73 com um desvio-padrão de 3,52. A maioria das participantes tem acima dos 12 anos de estudo (77,8%). A grande maioria das mulheres está no activo (81,8%) face ao estatuto laboral, sendo que as restantes estão em situação de desemprego (9,1%) ou são estudantes (9,1%).

Já o segundo grupo é composto por 9 participantes, com idades compreendidas entre os 22 e os 33 anos, sendo que a média de idades é de 27,44 com um desvio-padrão de 3,43. À semelhança do primeiro grupo, as participantes estão equilibradamente distribuídas em termos do seu estatuto conjugal, ainda que maioria das mulheres seja casada (55,6%). Quanto ao nível sócio-económico, 55,6% das mulheres pertence a um

nível médio-alto, sendo que as restantes estão igualmente divididas entre um nível médio (22,2%) e alto (22,2%). A média dos anos de escolaridade é de 12,89 com um desvio-padrão de 2,8. A maioria das participantes tem entre os 9 e os 12 anos de estudo. Por último, em relação ao estatuto laboral, a maioria do grupo encontra-se no activo (77,8%), sendo que uma menor percentagem (22,2%) está em situação de desemprego.

Quanto ao sexo do bebé, aplicou-se o Teste de Mann-Whitney, de modo a determinar se existem diferenças significativas entre o grupo das participantes cujos bebés são do sexo masculino e as participantes cujos bebés são do sexo feminino. No que respeita aos níveis de **satisfação conjugal**, não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos ( $U = 48,5$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,934$ ). Sendo que, quanto aos níveis de *bonding*, não foram igualmente verificadas diferenças significativas ( $U = 36,5$ ;  $p > 0,05$ ;  $p = 0,483$ ).

## 4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos não permitem confirmar a hipótese formulada no presente estudo. Deste modo, não se verificou a existência de nenhuma correlação significativa entre o nível de satisfação conjugal e o estabelecimento do *bonding* na relação precoce mãe-bebé. Da mesma forma, não foi possível verificar a existência de correlações significativas entre as variáveis em estudo e outras variáveis de carácter sócio-económico e clínico. No entanto, ainda que as variáveis analisadas não tenham apresentado associações significativas, seria importante salientar alguns dos resultados obtidos, no que concerne a determinadas variáveis. Assim sendo, quanto à correlação entre o *bonding* e a idade, é interessante notar a associação negativa entre as duas variáveis. Os dados evidenciam, deste modo, uma tendência para participantes mais velhas, estarem associadas a menores valores ao nível do *bonding*. Neste sentido, poderá colocar-se a hipótese de que, quanto maior a idade das mães mais positivo será o estabelecimento do *bonding*.

Quanto à gravidez desejada, apesar de não ter sido possível elaborar uma comparação entre grupos, quando se analisam as médias aritméticas das participantes, observam-se no grupo das mulheres cuja gravidez foi desejada, resultados mais positivos relativamente ao *bonding*, comparativamente ao grupo contrário. Deste modo, ainda que os dados não permitam a confirmação estatística da relação entre estas duas variáveis, poderá colocar-se a hipótese de que o facto de um filho ser desejado ou não influencia o posterior estabelecimento do *bonding* entre mãe-bebé. Sendo que, o facto de não ser desejado, poderá ter um impacto negativo ao nível do envolvimento emocional materno.

De igual modo, em relação à gravidez planeada, ainda que as diferenças entre grupos não sejam significativas, poderá colocar-se a hipótese de que o não planeamento da gravidez terá eventualmente um impacto negativo ao nível do *bonding*, sendo que as participantes cuja gravidez foi planeada apresentam resultados mais positivos em termos do *bonding*.

Face ao termo de gestação, apesar de não terem sido verificadas diferenças significativas entre grupos, observa-se, ao contrário daquilo que poderia ser esperado, um nível de *bonding* mais positivo das participantes que tiveram um parto pré-termo e pós-termo, comparativamente a mulheres que tiveram um parto de termo. Neste sentido,



com base na literatura realizada acerca deste domínio (e.g. Figueiredo, 2005), seria expectável que mulheres cujos partos são pré-termo apresentassem resultados mais negativos ao nível do *bonding* face a mulheres cujos partos são de termo, o que não se verificou neste estudo. Uma possível interpretação para este aspecto poderá ser a de, existir um maior nível de culpabilidade associado a mulheres cujo parto ocorre prematuramente, bem como a mulheres cujo parto se estende para além do esperado, sendo que estas poderão incorrer numa maior idealização do seu sentir face ao bebé, influenciando, desta maneira os dados relativos ao *bonding*.

Por último, relativamente ao tipo de parto, ainda que as diferenças entre grupos não sejam significativas, é interessante notar que grávidas cujo parto foi vaginal apresentam resultados mais positivos quanto ao *bonding*, quando comparadas com mulheres cujo parto foi de cesariana. Deste modo, poderá hipotetizar-se, que o tipo de parto terá eventualmente algum impacto ao nível do estabelecimento do *bonding*.

Um outro aspecto a salientar em todas estas variáveis, é o facto de se verificarem diferenças mínimas quanto ao nível de satisfação conjugal, ao longo dos vários grupos. Sendo que, as maiores diferenças entre grupos situam-se invariavelmente ao nível do *bonding*. Desta forma, a satisfação conjugal não parece constituir-se enquanto um factor relevante face às variáveis acima mencionadas, enquanto que o *bonding*, por sua vez, parece ser eventualmente influenciado por algumas destas variáveis, designadamente a gravidez ter sido desejada ou planeada.

O facto de os resultados não indicarem nenhuma correlação significativa entre as diversas variáveis, talvez possa ser explicado pela pequena dimensão da amostra. Deste modo, a amostra parece ser demasiado pequena para permitir a detecção de alguma associação significativa entre variáveis. Os dados recolhidos levam ainda a querer que a amostra constitui-se enquanto pouco diversificada, contendo pouca heterogeneidade ao nível dos dados. Consequentemente, mostra-se como pouco representativa da população. Neste sentido, importa referir que as participantes, para além de serem oriundas de meios sócio-económicos mais favoráveis, demonstraram estar no mínimo, satisfeitas, ao nível da sua relação conjugal. Assim sendo, na amostra recolhida nenhuma das participantes reportou insatisfação face à sua relação de casal, o que possivelmente afectou os resultados obtidos, sendo que não se torna possível estabelecer um ponto de comparação entre mulheres satisfeitas e insatisfeitas, ao nível do estabelecimento do *bonding*.

Outro aspecto que poderá eventualmente ter influenciado os dados, está relacionado com o facto de as medidas de satisfação conjugal terem sido avaliadas no período da gravidez, mais especificamente, no último trimestre. Sendo que os níveis de satisfação conjugal tendem a aumentar no decorrer do período gravídico (Saunders & Robins, 1989), pode-se ter dado um inflacionamento dos valores obtidos, o que poderá explicar parcialmente a pouca heterogeneidade ao nível das respostas das participantes, quanto à satisfação conjugal.

Os dados obtidos podem ainda ter sido parcialmente influenciados pelo efeito de desejabilidade social, sendo que poderá ser difícil para uma mulher, sobretudo no período da gravidez, admitir a sua insatisfação face à relação conjugal, bem como, posteriormente, admitir a presença de sentimentos de carácter negativo face ao seu bebé.

Apesar das limitações referentes à dimensão da amostra recolhida, os valores relativos à consistência interna dos instrumentos utilizados, mostraram-se francamente positivos. Assim, ambas as escalas apresentaram níveis de consistência interna bastante elevados. Este aspecto é especialmente positivo no caso da Escala de Ligação Mãe-Bebé, sendo que se trata de um instrumento reconfigurado, a partir da escala original *Mother-to-Infant Bonding Scale* (Taylor *et al.*, 2005), especificamente para este estudo. Desta forma, os itens adicionados à escala original contribuíram de um modo significativo para a consistência interna da mesma, tornando-a num instrumento robusto ao nível das suas propriedades psicométricas. Permitiu igualmente o enriquecimento da escala original, fornecendo uma maior variabilidade de emoções, que permitem aos pais descrever o seu sentir face ao bebé. Neste sentido, considerando que esta investigação serviu de certo modo enquanto estudo-piloto face à Escala de Ligação Mãe-Bebé, coloca-se a necessidade de aprofundar o estudo relativamente à mesma, de modo a permitir uma futura adaptação da escala. Este instrumento poderá inclusivamente ter importantes implicações ao nível clínico, sendo que poderá constituir-se enquanto um instrumento valioso para o estudo do estabelecimento do *bonding* dos pais face ao recém-nascido. Neste sentido, poderá ser eventualmente usado em contexto obstétrico, sobretudo no caso de se observarem dificuldades em termos do envolvimento emocional parental face ao bebé.

Quanto às limitações do estudo, um aspecto que claramente surgiu enquanto limitação prende-se com a dimensão da amostra recolhida, sendo esta demasiado pequena. Para além da dimensão da amostra, esta também se mostrou enquanto pouco diversificada, sendo pouco representativa da população.

Outro aspecto que poderá eventualmente ter causado algum enviesamento ao nível dos dados, está relacionado com o facto de as medidas de satisfação conjugal terem sido avaliadas no período da gravidez. Este factor poderá constituir-se enquanto uma limitação do estudo, sendo que os dados obtidos quanto à satisfação conjugal poderão estar inflacionados, devido à situação específica em que as participantes se encontravam.

Relativamente aos dados face à relação conjugal, teria sido importante a recolha de dados relativos ao tempo da relação, de modo a compreender se a maior ou menor longevidade da relação teria implicações ao nível da satisfação conjugal.

O facto de não terem sido recolhidas informações quanto aos cônjuges das participantes também se constitui enquanto outras das limitações desta investigação, sendo que esses dados poderiam eventualmente fornecer informações pertinentes para o âmbito deste estudo. Teria sido igualmente enriquecedor incluir ambos os membros do casal na investigação, no sentido de relacionar a satisfação conjugal e o posterior estabelecimento do *bonding*, não só ao nível da relação mãe-bebé, mas também em termos da relação pai-bebé. No entanto, não foi possível levar a cabo uma investigação com tais características, devido a diversas condicionantes, nomeadamente, ao nível do tempo disponível para a realização do estudo.

Em termos de futuras direcções para a investigação neste domínio, seria interessante continuar a exploração dos caminhos que ligam a conjugalidade e a parentalidade, nomeadamente, no que respeita à influência da satisfação conjugal ao nível do envolvimento afectivo parental. Neste âmbito, seria importante dar continuidade aos objectivos deste estudo, através da recolha de uma amostra de maior dimensão, de forma a obter uma maior fiabilidade e significância dos resultados e poder-se retirar conclusões mais objectivas quanto à relação entre satisfação conjugal e *bonding*.

Para além da exploração do impacto da vivência da conjugalidade ao nível do estabelecimento do *bonding* na relação diádica mãe-bebé, seria essencial fazer uma inclusão da figura paterna e, explorar de igual modo a influência da satisfação conjugal no envolvimento emocional paterno na relação com o bebé.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abelin, E. L. (1975). Some further observations and comments on the earliest role of the father. *International Journal of Psychoanalysis*, *56*, 293-303.

Adam, E. K., Gunnar, M. R., & Tanaka, A. (2004). Adult attachment, parent emotion, and observed parenting behavior: Mediator and moderator models. *Child Development*, *75*, 110-122.

Amaral Dias, C. (1989). A contribution to the study of the importance of maternal fantasies in the early mother/child interaction. In J. Gomes-Pedro, & M. F. Patrício (Eds.), *Biopsychology of early parent-infant communication* (pp. 179-190). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anisfeld, E., & Lipper, E. (1983). Early contact, social support and mother-infant bonding. *Pediatrics*, *72*(1), 79-83.

Bayle, F. (2006). *À volta do nascimento*. Lisboa: Climepsi Editores.

Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, *54*, 83-96.

Belsky, J., & Isabella, R. A. (1988). Maternal, infant, and social-contextual determinants of attachment security. In J. Belsky, & T. Nezworski (Eds.), *Clinical implications of attachment* (pp. 41-94). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Bion, W. R. (1991). *Aprender com a experiência*. (P. D. Correia, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1962).

Blau, A. (1962). The theory of the parent-infant relationship: Contributions to discussion. *International Journal of Psychoanalysis*, *43*, 249-250.

- Bowlby, J. (1984). *Apego e perda: Apego* (Vol. 1). (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969).
- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and the Family*, *62*, 964-980.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (2007). *A relação mais precoce: Os pais, os bebês e a interação precoce* (5.ª ed.). (F. Duarte, Trad.). Lisboa: Terramar. (Obra original publicada em 1989).
- Caillé, P. (1994). *Um e um são três: O casal se auto-revela* (J. de Souza e M. Werneck, Trad.). São Paulo: Summus Editorial (Obra original publicada em 1991).
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afectivas e saúde mental. Uma abordagem ao longo do ciclo de vida*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Carek, D. J., & Capelli, A. J. (1981). Mother's reactions to their newborn infants. *Journal of American Academy of Child Psychiatry*, *20*, 16-31.
- Carneiro, C., Corboz-Warnery, A., & Fivaz-Depeursinge, E. (2006). The prenatal lausanne triogue play: A new observational assessment tool of the prenatal co-parenting alliance. *Infant Mental Health Journal*, *27*(2), 207-228.
- Cleavelly, E. (1993). Relationships: Interaction, defenses, and transformation. In S. Ruzsyczynski (Ed.), *Psychotherapy with couples: Theory and practice at the Tavistock Institute for Martial Studies* (pp. 55-69). London: Karnac Books.
- Clulow, C. (2003). An attachment perspective on reunions in couple psychoanalytic psychotherapy. *Journal of Applied Psychoanalytic Studies*, *5*(3), 269-281.
- Clulow, C. (2007). Editorial: Marriage, partnership and adult attachment. *Sexual and Relationship Therapy*, *22*(3), 291-294.

- Cohan, C. L., & Bradbury, T. N. (1997). Negative life events, marital interaction, and longitudinal course of newlywed marriage. *Journal of Personality and Social Psychology, 73*, 114-128.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *O desespero: Aquém da depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coimbra de Matos, A. (2007). *Vária: Existo porque fui amado*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Colman, A. D., & Colman, L. L. (1973). *La grossezza: Expérience psychologique*. Paris: Robert Laffont.
- Correia, E. (2009). Então e o pai? O papel da psicoterapia na descoberta do trilho da paternidade e parentalidade. In L. Lourenço, & H. Rodrigues (Eds.), *Ser bebé tornar-se pessoa: Afectos comemorativos* (pp. 86-95). Coimbra: Edições Almedina.
- Davila, J., Bradbury, T. N., & Fincham, F. (1998). Negative affectivity as a mediator of the association between adult attachment and marital satisfaction. *Personal Relationships, 5*, 467-484.
- De Carvalho, L. A., & Sant'anna, P. A. (2000). O jogo de areia em terapia conjugal: Uma proposta de intervenção. *Boletim de Iniciação Científica em Psicologia, 1*(1), 53-64. Acedido a 10 de Agosto de 2009, em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Psicologia/boletins/1/artigo6.pdf>
- De Luccie, M. F. (2001). Mothers as gatekeepers: A model of maternal mediators of father involvement, *The Journal of Genetic Psychology, 156*(1), 115-131.
- Diniz, J. S. (2004). *Este meu filho que eu não tive: A adopção e os seus problemas* (3.<sup>a</sup> ed.). Porto: Edições Afrontamento.

- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, *118*(1), 108-132.
- Feeney, J. A. (2002). Attachment, marital interaction, and relationship satisfaction: A diary study. *Personal Relationships*, *9*, 39-55.
- Feldman, R. (2000). Parent's convergence on sharing and marital satisfaction, father involvement, and parent-child relationship at the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal*, *21*(3), 176-191.
- Ferreira, T. (2002). *Em defesa da criança: Teoria e prática psicanalítica da infância*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Figueiredo, B. (2003a). Os primórdios da construção do próprio no contexto da interacção mãe-bebé. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, *2*, 311-322.
- Figueiredo, B. (2003b). Vinculação materna: Contributo para a compreensão das dimensões envolvidas no processo inicial de vinculação da mãe ao bebé. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, *3*(3), 521-539.
- Figueiredo, B. (2005). Bonding pais-bebé. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 287-306). Lisboa: Fim de Século.
- Figueiredo, B., Marques, A., Costa, R., Pacheco, A., & Pais, A. (2005). Bonding: Escala para avaliar o envolvimento emocional dos pais com o bebé. *Psicologica*, *40*, 133-154.
- Freud, S. (2000). *Three essays on the theory of sexuality*. (J. Strachey, Trad.). New York: Basic Books. (Obra original publicada em 1905).
- Gable, S., Belsky, J., & Crnic, K. (1992). Marriage, parenting and child development: Progress and prospects. *Journal of Family Psychology*, *3*(3/4), 276-294.

- Giveller, F. (1992). Object relations and the couple: Separation-individuation, intimacy and marriage. In R. Chasin, H. Grunebaum, & M. Herzig (Eds.), *One couple, four realities: Multiple perspectives on couple therapy* (pp. 171-190). New York: The Guildford Press.
- Glenn, N. D. (1998). The course of marital success and failure in five American 10-year marriage cohorts. *Journal of Marriage and the Family*, *60*, 569-576.
- Golse, B. (1999). *Sept pièces faciles: En psychopathologie de l'enfant*. Paris: ESF Éditeur.
- Golse, B. (2002). *Do corpo ao pensamento*. (M. C. Fernandes, Trad.). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 1999).
- Golse, B. (2007). *O ser-bebé: As questões do bebé na teoria da vinculação, na psicanálise e na fenomenologia*. (M. C. Fernandes, Trad.). Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 2006).
- Gomes-Pedro, J. C. (1985). *A relação mãe-filho: Influência do contacto precoce no comportamento da díade*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Gomez, R. M. (2005). O pai: Paternidade em transição. In I. Leal (Ed.), *Psicologia da gravidez e da parentalidade* (pp. 257-278). Lisboa: Fim de Século.
- Gottman, J. M., & Katz, L. F. (1989). Effects of marital discord on young's children peers interaction and health. *Developmental Psychology*, *25*, 373-381.
- Guttmann, J., & Lazar, A. (2004). Criteria for marital satisfaction: Does having a child make a difference?. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, *22*(3), 147-155.
- Heinicke, C. M., & Guthrie, D. (1996). Prebirth marital interactions and postbirth marital development. *Infant Mental Health Journal*, *17*(2), 140-151.



- Isabella, R. A. (1994). Origins of maternal role satisfaction and its influences upon maternal interactive behaviour and infant-mother attachment. *Infant Behavior and Development*, 17(4), 381-387.
- Justo, J. M., Bacelar-Nicolau, H., & Dias, O. (1999). Evolução psicológica ao longo da gravidez e puerpério: Um estudo transversal. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 1(1), 115-129.
- Kennel, J. (1989). Biopsychology of early parent-infant communication. In J. Gomes-Pedro, & M. F. Patrício (Eds.), *Biopsychology of early parent-infant communication* (pp. 1-14). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Klaus, M., & Kennel, J. (1976). *Maternal-infant bonding: The impact of early separation or loss on family development*. Saint Louis: C. V. Mosby Company.
- Layland, W. R. (1981). In search of a loving father. *International Journal of Psychoanalysis*, 62, 215-224.
- Lebovici, S. (1982). The origins and development of the Oedipus complex. *International Journal of Psychoanalysis*, 63, 201-216.
- Lebovici, S. (1993). On intergenerational transmission: From filiation to affiliation. *Infant Mental Health Journal*, 14(4), 260-272.
- Lebovici, S. (1995). Creativity and the infant's competence. *Infant Mental Health Journal*, 16(1), 10-15.
- Lima, V., Vieira, F., & Soares, I. (2006). Vinculação em casais: Avaliação da representação da intimidade e da interacção conjugal. *Psicologia*, 20(1), 51-63.
- Lourenço, L. (2005). *O bebé no divã – desenvolvimento emocional precoce: Amar e pensar com o bebé e os seus pais*. Coimbra: Edições Almedina.

- Lourenço, L. (2009). Introdução. In L. Lourenço, & H. Rodrigues (Eds.), *Ser bebé tornar-se pessoa: Afectos comemorativos* (pp. 15-28). Coimbra: Edições Almedina.
- McGoldrick, M. (1989). The joining of families through marriage: The new couple. In E. A. Carter, & M. McGoldrick (Eds.), *The changing family cycle: A framework for family therapy* (3<sup>rd</sup> ed., pp. 209-233). Boston: Allyn & Bacon.
- Meyer, H. (1988). Marital and mother-child relationships: The impact of developmental history, parental personality characteristics, and child's difficultness. In R. Hinde, & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *Relationships within the family*. Oxford: Oxford University Press.
- Murphy, L. B. (1964). Some aspects of the first relationship. *International Journal of Psychoanalysis*, 45, 31-44.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas: À procura do "padrão que liga"*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Nogren, M. B., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: Uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584.
- Nugent, J. K. (1989). Infants and families: Models of support. In J. Gomes-Pedro, & M. F. Patrício (Eds.), *Biopsychology of early parent-infant communication* (pp. 31-45). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nugent, J. K. (1991). Cultural and psychological influences on the father's role in infant development. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 475-485.

- Pendry, P., & Adam, E. K. (2007). Associations between parents' marital functioning, maternal parenting quality, maternal emotion and child cortisol levels. *International Journal of Behavioral Development, 31*, 218-231.
- Perren, S., Von Wyl, A., Bürgin, D., Simoni, H., & Von Klitzing, K. (2005). Intergenerational transmission of marital quality across the transmission to parenthood. *Family Process, 44*(4), 441-459.
- Pina Prata, F. (2008). *Terapia sistémica de casal: Respigando ideias e experiências*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Ribeiro, M. T. (2006). Para a compreensão da relação entre padrões conjugais, estilos de vinculação e papéis sexuais – um estudo com casais portugueses. *Psychologica, 41*, 65-82.
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C., & Magarinho, R. (2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica, 22*(4), 643-665.
- Rodrigues, C. (2009). Participando no crescimento de uma família. In L. Lourenço, & H. Rodrigues (Eds.), *Ser bebé, tornar-se pessoa: Afectos comemorativos* (pp. 51-85). Coimbra: Edições Almedina.
- Ross, C. E. (1995). Reconceptualizing marital status as a continuum of social attachment. *Journal of Marriage and the Family, 57*, 129-140.
- Sá, E. (2004). O pensamento dos bebés: Algumas reflexões. In E. Sá (Ed.), *A maternidade e o bebé* (2.<sup>a</sup> ed., pp. 121-132). Lisboa: Fim de Século.
- Saunders, R. B., & Robins, E. (1989). Changes in the marital relationship during the first pregnancy. In P. N. Stern (Ed.), *Pregnancy and parenting* (pp. 13-30). New York: Hemisphere Publishing Corporation.

- Schaffer, H. R. (1977a). Early interactive development. In H. R. Schaffer (Ed.), *Studies in mother-infant interaction* (pp. 3-16). London: Academic Press.
- Schaffer, H. R. (1977b). *Mothering*. Glasgow: William Collins Sons & Co.
- Scharff, J. S., & Scharff, D. E. (2008). Object relations couple therapy. In A. Gurman (Ed.), *Clinical handbook of couple therapy* (4<sup>th</sup> ed., pp. 167-195). New York: The Guilford Press.
- Smith, D. A., Vivian, D., & O'Leary, D. (1990). Longitudinal prediction of marital discord from premarital expressions of affect. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 58*(6), 790-798.
- Sousa, S. (2004). *Estilos de comunicação pais-bebé*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Soussan, P. B. (2005). *Le bébé imaginaire*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès.
- Stern, D. N. (1980). *Bebé-Mãe: Primeira relação humana*. (P. Santa Rita, Trad.). Lisboa: Moraes Editores. (Obra original publicada em 1977).
- Stern, D. N. (2006). *The motherhood constellation: A unified view of parent-infant psychotherapy*. London: Karnac Books. (Obra original publicada em 1995).
- Stern, D. N. (2008). The clinical relevance of infancy: A progress report. *Infant Mental Health Journal, 29*(3), 177-188.
- Taylor, A., Atkins, R., Kumar, R., Adams, D., & Glover, V. (2005). A new mother-to-infant bonding scale: Links with early maternal mood. *Archives of Women's Mental Health, 8*, 45-51.
- Trevarthen, C. (2001). Intrinsic motives for companionship in understanding: Their origin, development, and significance for infant mental health. *Infant Mental Health Journal, 22*(1/2), 95-131.

- Trevarthen, C. (2003). Infant psychology is an evolving culture. *Human Development*, *46*, 233-246.
- Twenge, J. M., Campbell, W. K., & Foster, C. A. (2003). Parenthood and marital satisfaction: A meta-analytic review. *Journal of Marriage and Family*, *65*, 574-583.
- Von Klitzing, K., Heidi, S., & Bürgin, D. (1999). Child development and early triadic relationships. *International Journal of Psychoanalysis*, *80*(1), 71-90.
- Waddell, M. (2003). *Vida interior: Psicanálise e desenvolvimento da realidade*. (J. G. Flores, C. L. Duarte, R. Catalão, P. Duarte e J. P. Pires, Trad.). Lisboa: Assírio & Alvim. (Obra original publicada em 1998).
- Winnicott, D. W. (1995). *The family and individual development*. London: Routledge. (Obra original publicada em 1965).
- Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e as suas mães* (3.<sup>a</sup> ed.). (J. F. Camargo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1987).
- Winnicott, D. W. (2007). Primary maternal preoccupation. In D. W. Winnicott (Ed.), *Through paediatrics to psychoanalysis: Collected papers* (pp. 300-305). London: Karnac Books. (Obra original publicada em 1958).
- Wittkowski, A., Wieck, A., & Mann, S. (2007). An evaluation of two bonding questionnaires: A comparison of the Mother-to-Infant Bonding Scale with the Postpartum Bonding Questionnaire in a sample of primiparous mothers. *Archives of Women's Mental Health*, *10*, 171-175.

# **Anexo I**

Carta modelo de pedido de autorização para a recolha da amostra



Exmo(a). Sr(a). Director(a) Clínico(a) do Centro de Saúde de \_\_\_\_\_,

Eu, Susana Vale Lopes, finalista do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, no âmbito da dissertação final do Mestrado, pretendo realizar um estudo que tem como objectivo compreender a influência da satisfação conjugal no estabelecimento da relação precoce entre mãe-bebé. Por este motivo, venho, por este meio, pedir autorização para realizar a recolha da amostra desta investigação no Centro de Saúde de \_\_\_\_\_. Os sujeitos da amostra serão mulheres grávidas (entre as 28 e as 40 semanas de gravidez), casadas ou em união de facto, entre os 21 e os 36 anos de idade, acompanhadas nas consultas do referido Centros de Saúde.

A confidencialidade dos dados recolhidos será completamente assegurada, sendo estes utilizados exclusivamente para tratamento estatístico.

Em anexo, envio o projecto da investigação, onde estão expostos mais detalhadamente os fundamentos teóricos, objectivos, variáveis, método e instrumentos inerentes a este estudo.

Agradeço antecipadamente a sua atenção, aproveitando para enviar os meus melhores cumprimentos.

Lisboa, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

(Susana Raquel do Vale Lopes)

**Contactos**

Telemóvel:

E-mail:

# **Anexo II**

Documento de consentimiento informado



## DOCUMENTO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Cara Mãe,

Gostaria de pedir a sua colaboração num estudo a ser realizado, no âmbito da dissertação final do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, cujo objectivo é compreender a influência da satisfação conjugal na relação entre mãe e bebé. Para tal, irá ser-lhe pedido que preencha numa 1.ª fase dois questionários e numa 2.ª fase, que será cerca de um mês após o seu parto, um último questionário. Cada um destes questionários demora em média cerca de 5 minutos a preencher.

A confidencialidade dos seus dados é completamente assegurada, sendo estes utilizados única e exclusivamente para tratamento estatístico.

Caso aceite participar no estudo em questão sob estas condições, coloque a sua assinatura onde abaixo está indicado.

Agradeço desde já a sua atenção e disponibilidade,

Susana Raquel do Vale Lopes

*(a investigadora)*

Aceito  
*(assinatura)*

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

# **Anexo III**

Questionário sócio-demográfico e clínico

## QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Data de preenchimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local de recolha: \_\_\_\_\_

**Antes de responder às questões que se seguem, por favor, leia atentamente todas elas, bem como as instruções que vão sendo apresentadas.**

<b>Data de Nascimento:</b> ____/____/____	<b>Idade:</b> ____
<b>Sexo:</b> Masculino Feminino	
<b>Estatuto Conjugal:</b> Solteiro(a) Casado(a) União de facto Separado(a) Divorciado(a) Viúvo(a) Outro Qual? _____	
<b>Escolaridade:</b> Número de anos de estudo com sucesso: _____ Grau: _____	
<b>Estatuto laboral/ocupacional:</b> No activo Desempregado(a) Reformado(a) Outro Qual? _____	
<b>Profissão:</b> _____	
<b>Naturalidade:</b> Portuguesa Estrangeira Qual? _____	
<b>Residência:</b> _____	

## HISTÓRIA OBSTÉTRICA E GINECOLÓGICA

---

<b>Menstruação</b>
<b>Idade de aparecimento da menarca:</b> _____
<b>Ciclos menstruais:</b> Regularidade: Regulares Irregulares Duração: 1 a 2 dias 3 a 4 dias 4 a 5 dias Outra                      Qual? _____
<b>Fertilidade</b>
<b>Realizou algum(s) tratamento(s) de fertilidade?</b> Sim Não
<u>Se respondeu sim:</u>  Qual foi o tratamento? _____ Quanto tempo, aproximadamente, durou o tratamento? ____ Que idade tinha quando recebeu esse tratamento? ____ Resultou em gravidez? Sim Não

**No caso de não ser a primeira vez que está grávida.**

<b>Filho(s)</b>	<b>Idade</b>	_____
	<b>Sexo</b> (represente com um M ou F consoante seja masculino ou feminino)	
	<b>Duração da gravidez</b> (número de semanas)	
	<b>Peso</b>	
	<b>Altura</b>	
<b>Mãe</b>	<b>Idade</b>	_____
	<b>Tipo de parto</b>	

**Centre-se agora na sua gravidez actual. Responda, por favor, às seguintes questões:**

**Gravidez**

**Foi planeada?**

Sim  
Não

**Foi desejada?**

Sim  
Não

**Ocorrências durante a gravidez:**

Náuseas  
Infecções  
Hemorragias  
Hipertensão  
Diabetes  
Outra(s) Qual(ais)? \_\_\_\_\_  
Outra(s) doença(s) ginecológica(s) Qual(ais)? \_\_\_\_\_

**Consumo de substâncias:**

Álcool  
Tabaco  
Medicamentos  
Outra(s) droga(s) Qual(ais)? \_\_\_\_\_

**Que tipo de vigilância teve?**

Privada (hospitais ou clínicas particulares)  
Pública (centros de saúde ou hospitais)  
Outra Qual(ais)? \_\_\_\_\_

**Feto**

**Sexo:**

Imaginado  
Menino  
Menina  
Real  
Menino  
Menina

Foi detectada alguma anomalia ou malformação:

Sim Qual(ais)? \_\_\_\_\_  
Não

**Parto**

**Data prevista:** \_\_\_\_\_

# **Anexo IV**

Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal  
(EASAVIC)

ESCALA DE AVALIAÇÃO DA SATISFAÇÃO EM ÁREAS DA VIDA CONJUGAL  
(EASAVIC)

(Narciso, I., 2001)

**Pense na sua relação conjugal. Utilize a seguinte escala de modo a expressar o que sente relativamente a cada questão:**

- 1- nada satisfeito(a)
- 2- pouco satisfeito(a)
- 3- razoavelmente satisfeito(a)
- 4- satisfeito(a)
- 5- muito satisfeito(a)
- 6- completamente satisfeito(a)

**Para cada um dos itens deverá escolher a afirmação da escala que melhor descreve o que você sente, rodeando o número correspondente com um círculo.**

**Por exemplo**, se em relação ao item: “Relativamente à quantidade de tempos livres”, você sente-se completamente satisfeito(a), deverá rodear com um círculo o número 6 da escala.

1	2	3	4	5	6
nada	pouco	razoavelmente	satisfeito(a)	muito	completamente
satisfeito(a)	satisfeito(a)	satisfeito(a)		satisfeito(a)	satisfeito(a)

- |  |   |   |   |   |   |   |
|--|---|---|---|---|---|---|
| 1) O modo como gerimos a nossa situação financeira_____                    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 2) A distribuição de tarefas domésticas_____                               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 3) O modo como tomamos decisões_____                                       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 4) A distribuição de responsabilidades_____                                | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 5) O modo como passamos os tempos livres_____                              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 6) A quantidade dos tempos livres_____                                     | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7) O modo como nos relacionamos com os amigos_____                         | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 8) O modo como nos relacionamos com a família do meu cônjuge____           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 9) O modo como nos relacionamos com a minha família_____                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 10) A minha privacidade e autonomia_____                                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 11) A privacidade e autonomia do meu cônjuge_____                          | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 12) A nossa relação com a minha profissão_____                             | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 13) A nossa relação com a profissão do meu cônjuge_____                    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 14) A frequência com que conversamos_____                                  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 15) O modo como conversamos_____   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 16) Os assuntos sobre os quais conversamos_____                            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 17) A frequência dos conflitos que temos_____                              | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 18) O modo como resolvemos os conflitos_____                               | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 19) O que sinto pelo meu cônjuge_____                                      | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 20) O que o meu cônjuge sente por mim_____                                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 21) O modo como expresso o que sinto pelo meu cônjuge_____                 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 22) O modo como o meu cônjuge expressa o que sente por mim_____            | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 23) O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge_____                        | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 24) O desejo sexual que o meu cônjuge sente por mim_____                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 25) A frequência com que temos relações sexuais_____                       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 26) O prazer que sinto quando temos relações sexuais_____                  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 27) O prazer que o meu cônjuge sente quando temos relações<br>sexuais_____ | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 28) A qualidade das nossas relações sexuais_____                           | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |



1	2	3	4	5	6
nada	pouco	razoavelmente	satisfeito(a)	muito	completamente
satisfeito(a)	satisfeito(a)	satisfeito(a)		satisfeito(a)	satisfeito(a)

- 29) O apoio emocional que dou ao meu cônjuge\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 30) O apoio emocional que o meu cônjuge me dá\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 31) A confiança que tenho no meu cônjuge\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 32) A confiança que o meu cônjuge tem em mim\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 33) A admiração que sinto pelo meu cônjuge\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 34) A admiração que o meu cônjuge sente por mim\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 35) A partilha de interesses e actividades\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 36) A atenção que dedico aos interesses do meu cônjuge\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 37) A atenção que o meu cônjuge dedica aos meus interesses\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 38) Os nossos projectos para o futuro\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 39) As minhas expectativas quanto ao futuro da nossa relação\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 40) As expectativas do meu cônjuge quanto ao futuro da  
nossa relação\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 41) O aspecto físico do meu cônjuge\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 42) A opinião do meu cônjuge sobre o meu aspecto físico\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 43) As características e hábitos do meu cônjuge\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6
- 44) A opinião que o meu cônjuge tem sobre as minhas  
características e hábitos\_\_\_\_\_ 1 2 3 4 5 6

# **Anexo V**

Questionário pós-parto

## QUESTIONÁRIO PÓS-PARTO

Data de preenchimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Gestação	
<b>Duração:</b> _____	
Parto	
<b>Tipo de parto:</b> Vaginal sem epidural Vaginal com epidural Cesariana com epidural Cesariana com anestesia geral Outro	Qual? _____
Recém-nascido	
<b>Data de Nascimento:</b> ____/____/____	
<b>Peso:</b> _____	
<b>Comprimento:</b> _____	

Dados quanto ao Rendimento Familiar (em caso de desemprego)	
<b>Fonte de Rendimento:</b> _____	
<b>Subsídios Adicionais</b> Não Sim	Qual(ais)? _____ _____
(No caso de ser o marido/companheiro a fonte de rendimento familiar)	
<b>Estatuto laboral</b> Trabalhador por conta de outrém Trabalhador por conta própria Outro	Qual? _____

# **Anexo VI**

Escala de Ligação Mãe-Bebé  
(ELMB)

### ESCALA DE LIGAÇÃO MÃE-BEBÉ

(Taylor et al., 2005, traduzida e adaptada por Lopes, S. V., 2008)

Estas questões referem-se aos seus sentimentos face ao seu bebé nas **primeiras semanas** de vida. Na tabela seguinte, vai encontrar alguns adjectivos que descrevem alguns dos sentimentos que as mães têm em relação aos seus bebés nas PRIMEIRAS SEMANAS após estes terem nascido. Por favor, assinale para cada palavra da tabela, a forma que melhor descreve o que sentiu nas PRIMEIRAS SEMANAS.

	<b>Muito</b>	<b>Bastante</b>	<b>Um pouco</b>	<b>Nada</b>
Afectuosa				
Ressentida				
Neutra/ Sem sentimentos				
Alegre				
Desgostosa				
Protectora				
Desiludida				
Agressiva				
Rejeitante				
Preocupada				

	<b>Muito</b>	<b>Bastante</b>	<b>Um pouco</b>	<b>Nada</b>
Zangada				
Feliz				
Entusiasmada				
Triste				
Irritada				
Desinteressada				
Ambivalente				
Amorosa				
Vazia				
Saturada				
Curiosa				
Próxima				
Distante				
Carinhosa				
Orgulhosa				
Confusa/ Sem saber o que sente				

Obrigado pela sua colaboração.

# **Anexo VII**

Análise descritiva da amostra

(*Outputs* SPSS)

DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol  
 /STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.

## Descriptives

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	20	21	36	27,90	4,012
Escolaridade	20	6	18	13,35	3,167
Valid N (listwise)	20				

FREQUENCIES VARIABLES=EstatConj Graffar EstatLab GravAnt GravAP1 GravADEs  
 /ORDER=ANALYSIS.

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Statistics

		Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Estatuto Laboral	Existência de Gravidezes Anteriores	Gravidez Actual - Planeada	Gravidez Actual - Desejada
N	Valid	20	20	20	20	20	20
	Missing	0	0	0	0	0	0



## Frequency Table

Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	11	55,0	55,0	55,0
	União de facto	9	45,0	45,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

Índice de Graffar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	I	5	25,0	25,0	25,0
	II	11	55,0	55,0	80,0
	III	4	20,0	20,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

Estatuto Laboral

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	No activo	16	80,0	80,0	80,0
	Desempregada	3	15,0	15,0	95,0
	Outro	1	5,0	5,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

Existência de Gravidezes Anteriores

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	14	70,0	70,0	70,0
	Sim	6	30,0	30,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

**Gravidez Actual - Planeada**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	7	35,0	35,0	35,0
	Sim	13	65,0	65,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

**Gravidez Actual - Desejada**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	1	5,0	5,0	5,0
	Sim	19	95,0	95,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

```
FREQUENCIES VARIABLES=PosPartD PosPartP PosPartC PosPartT
/ORDER=ANALYSIS.
```

**Frequencies**

```
[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de
trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav
```

**Statistics**

		Pós-Parto - Duração da Gravidez	Pós-Parto - Peso	Pós-Parto - Comprimento	Pós-Parto - Tipo de Parto
N	Valid	20	20	20	20
	Missing	0	0	0	0

## Frequency Table

Pós-Parto - Duração da Gravidez

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	< 37 semanas	2	10,0	10,0	10,0
	37 semanas < 40 semanas	15	75,0	75,0	85,0
	> 40 semanas	3	15,0	15,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

Pós-Parto - Peso

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	< 2500	3	15,0	15,0	15,0
	> 2500 e < 4000	17	85,0	85,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

Pós-Parto - Comprimento

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	45 cm < 50 cm	12	60,0	60,0	60,0
	50 cm < 55 cm	8	40,0	40,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

Pós-Parto - Tipo de Parto

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Vaginal sem epidural	2	10,0	10,0	10,0
	Vaginal com epidural	13	65,0	65,0	75,0
	Cesariana com epidural	5	25,0	25,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

```
FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 AnosEstud Residen TipoGrav SexR
/ORDER=ANALYSIS.
```

## Frequencies

```
[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de
trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav
```

Statistics

		Idade	Anos de Estudo	Residência	Tipo de Gravidez	Sexo Real
N	Valid	20	20	20	20	20
	Missing	0	0	0	0	0

## Frequency Table

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	5	25,0	25,0	25,0
	26-31	11	55,0	55,0	80,0
	32-36	4	20,0	20,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

Anos de Estudo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	< 9	1	5,0	5,0	5,0
	> 9 e < 12	10	50,0	50,0	55,0
	> 12	9	45,0	45,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

**Residência**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Arruda dos Vinhos	12	60,0	60,0	60,0
	Arranhó	1	5,0	5,0	65,0
	Fetais	2	10,0	10,0	75,0
	Cardosas	1	5,0	5,0	80,0
	Alverca	1	5,0	5,0	85,0
	Mafra	1	5,0	5,0	90,0
	Oeiras	1	5,0	5,0	95,0
	Cascais	1	5,0	5,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

**Tipo de Gravidez**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não Gemelar	18	90,0	90,0	90,0
	Gemelar	2	10,0	10,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

**Sexo Real**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	11	55,0	55,0	55,0
	Feminino	9	45,0	45,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

# **Anexo VIII**

Análise da consistência interna

(*Outputs* SPSS)

```

RELIABILITY
/VARIABLES=Easavic1 Easavic2 Easavic3 Easavic4 Easavic5 Easavic6 Easavic7
Easavic8 Easavic9 Easavic10 Easavic11 Easavic12 Easavic1
3 Easavic14 Easavic15 Easavic16 Easavic17 Easavic18 Easavic19 Easavic20
Easavic21 Easavic22 Easavic23 Easavic24 Easavic25
Easavic26 Easavic27 Easavic28 Easavic29 Easavic30 Easavic31 Easavic32
Easavic33 Easavic34 Easavic35 Easavic36 Easavic37 Easavic3
8 Easavic39 Easavic40 Easavic41 Easavic42 Easavic43 Easavic44
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL
/MODEL=ALPHA
/STATISTICS=DESCRIPTIVE SCALE
/SUMMARY=TOTAL.

```

## Reliability

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Base de Dados.sav

## Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	20	100,0
	Excluded <sup>a</sup>	0	,0
	Total	20	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,961	44

Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
EASAVIC 1	4,25	,786	20
EASAVIC 2	4,10	1,410	20
EASAVIC 3	4,65	,933	20
EASAVIC 4	4,65	,933	20
EASAVIC 5	4,20	1,436	20
EASAVIC 6	3,45	1,638	20
EASAVIC 7	4,50	,946	20
EASAVIC 8	4,55	1,356	20
EASAVIC 9	4,80	1,105	20
EASAVIC 10	4,65	1,137	20
EASAVIC 11	4,75	,910	20
EASAVIC 12	4,95	,686	20
EASAVIC 13	4,55	,945	20
EASAVIC 14	5,00	,858	20
EASAVIC 15	5,00	,795	20
EASAVIC 16	5,00	,973	20
EASAVIC 17	4,70	,865	20
EASAVIC 18	4,80	,894	20
EASAVIC 19	5,60	,681	20
EASAVIC 20	5,55	,759	20
EASAVIC 21	5,00	,858	20
EASAVIC 22	4,95	,887	20
EASAVIC 23	5,15	,988	20
EASAVIC 24	5,30	,865	20
EASAVIC 25	4,65	1,040	20
EASAVIC 26	5,05	1,099	20
EASAVIC 27	5,25	,967	20
EASAVIC 28	5,20	,894	20
EASAVIC 29	4,90	,718	20
EASAVIC 30	4,80	1,056	20
EASAVIC 31	5,20	,834	20



EASAVIC 32	5,15	,745	20
EASAVIC 33	5,30	,801	20
EASAVIC 34	5,25	,851	20
EASAVIC 35	4,95	,759	20
EASAVIC 36	4,60	,598	20
EASAVIC 37	4,55	,826	20
EASAVIC 38	5,05	,826	20
EASAVIC 39	5,25	,851	20
EASAVIC 40	5,25	,851	20
EASAVIC 41	5,20	,696	20
EASAVIC 42	5,00	,725	20
EASAVIC 43	4,35	,988	20
EASAVIC 44	4,60	,598	20

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
EASAVIC 1	209,40	620,674	,451	,960
EASAVIC 2	209,55	602,787	,494	,961
EASAVIC 3	209,00	608,526	,642	,960
EASAVIC 4	209,00	601,053	,810	,959
EASAVIC 5	209,45	606,787	,426	,961
EASAVIC 6	210,20	603,747	,404	,962
EASAVIC 7	209,15	612,661	,543	,960
EASAVIC 8	209,10	613,568	,351	,962
EASAVIC 9	208,85	633,924	,069	,963
EASAVIC 10	209,00	599,368	,688	,959
EASAVIC 11	208,90	605,463	,729	,959
EASAVIC 12	208,70	619,484	,557	,960
EASAVIC 13	209,10	613,253	,531	,960
EASAVIC 14	208,65	612,239	,612	,960
EASAVIC 15	208,65	616,450	,555	,960
EASAVIC 16	208,65	602,555	,742	,959

EASAVIC 17	208,95	605,313	,774	,959
EASAVIC 18	208,85	608,450	,674	,959
EASAVIC 19	208,05	612,050	,786	,959
EASAVIC 20	208,10	610,305	,749	,959
EASAVIC 21	208,65	613,082	,592	,960
EASAVIC 22	208,70	602,853	,811	,959
EASAVIC 23	208,50	604,895	,681	,959
EASAVIC 24	208,35	607,397	,724	,959
EASAVIC 25	209,00	606,211	,619	,960
EASAVIC 26	208,60	608,568	,538	,960
EASAVIC 27	208,40	611,937	,546	,960
EASAVIC 28	208,45	609,524	,649	,960
EASAVIC 29	208,75	619,145	,540	,960
EASAVIC 30	208,85	606,766	,598	,960
EASAVIC 31	208,45	617,418	,504	,960
EASAVIC 32	208,50	611,632	,727	,959
EASAVIC 33	208,35	606,450	,808	,959
EASAVIC 34	208,40	603,726	,826	,959
EASAVIC 35	208,70	615,695	,603	,960
EASAVIC 36	209,05	623,418	,509	,960
EASAVIC 37	209,10	611,779	,649	,960
EASAVIC 38	208,60	606,674	,778	,959
EASAVIC 39	208,40	605,832	,774	,959
EASAVIC 40	208,40	605,832	,774	,959
EASAVIC 41	208,45	622,997	,446	,960
EASAVIC 42	208,65	622,134	,451	,960
EASAVIC 43	209,30	605,800	,662	,959
EASAVIC 44	209,05	617,629	,706	,960

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
213,65	638,976	25,278	44

```

RELIABILITY
/VARIABLES=ELMB1 ELMB2 ELMB3 ELMB4 ELMB5 ELMB6 ELMB7 ELMB8 ELMB9 ELMB10
ELMB11 ELMB12 ELMB13 ELMB14 ELMB15 ELMB16 ELMB17 ELMB18 EL
MB19 ELMB20 ELMB21 ELMB22 ELMB23 ELMB24 ELMB25 ELMB26
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL
/MODEL=ALPHA
/STATISTICS=DESCRIPTIVE SCALE
/SUMMARY=TOTAL.

```

## Reliability

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

## Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	19	95,0
	Excluded <sup>a</sup>	1	5,0
	Total	20	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,917	26

Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
ELMB 1 - Afetuosa	,11	,315	19
ELMB 2 - Ressentida	,16	,501	19

ELMB 3 - Neutra/sem sentimentos	,05	,229	19
ELMB 4 - Alegre	,42	,692	19
ELMB 5 - Desgostosa	,00	,000	19
ELMB 6 - Protectora	,32	,478	19
ELMB 7 - Desiludida	,00	,000	19
ELMB 8 - Agressiva	,21	,535	19
ELMB 9 - Rejeitante	,05	,229	19
ELMB 10 - Preocupada	1,68	,820	19
ELMB 11 - Zangada	,16	,501	19
ELMB 12 - Feliz	,21	,419	19
ELMB 13 - Entusiasmada	,42	,692	19
ELMB 14 - Triste	,21	,419	19
ELMB 15 - Irritada	,53	,772	19
ELMB 16 - Desinteressada	,05	,229	19
ELMB 17 - Ambivalente	,58	,902	19
ELMB 18 - Amorosa	,26	,562	19
ELMB 19 - Vazia	,11	,315	19
ELMB 20 - Saturada	,53	,513	19
ELMB 21 - Curiosa	,95	,621	19
ELMB 22 - Próxima	,42	,607	19
ELMB 23 - Distante	,05	,229	19
ELMB 24 - Carinhosa	,21	,419	19
ELMB 25 - Orgulhosa	,11	,315	19
ELMB 26 - Consusa/sem saber o que sente	,47	,841	19

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ELMB 1 - Afectuosa	8,16	58,029	,455	,915
ELMB 2 - Ressentida	8,11	57,211	,376	,916

ELMB 3 - Neutra/sem sentimentos	8,21	58,620	,468	,916
ELMB 4 - Alegre	7,84	52,029	,781	,908
ELMB 5 - Desgostosa	8,26	60,316	,000	,918
ELMB 6 - Protectora	7,95	59,497	,080	,921
ELMB 7 - Desiludida	8,26	60,316	,000	,918
ELMB 8 - Agressiva	8,05	54,942	,641	,912
ELMB 9 - Rejeitante	8,21	58,398	,532	,915
ELMB 10 - Preocupada	6,58	53,257	,534	,915
ELMB 11 - Zangada	8,11	57,655	,316	,917
ELMB 12 - Feliz	8,05	56,497	,579	,913
ELMB 13 - Entusiasmada	7,84	51,140	,878	,906
ELMB 14 - Triste	8,05	55,164	,800	,910
ELMB 15 - Irritada	7,74	49,871	,903	,905
ELMB 16 - Desinteressada	8,21	58,398	,532	,915
ELMB 17 - Ambivalente	7,68	54,117	,406	,920
ELMB 18 - Amorosa	8,00	54,000	,726	,910
ELMB 19 - Vazia	8,16	56,918	,693	,913
ELMB 20 - Saturada	7,74	56,427	,470	,915
ELMB 21 - Curiosa	7,32	56,784	,336	,918
ELMB 22 - Próxima	7,84	53,585	,716	,910
ELMB 23 - Distante	8,21	58,398	,532	,915
ELMB 24 - Carinhosa	8,05	54,608	,894	,909
ELMB 25 - Orgulhosa	8,16	58,029	,455	,915
ELMB 26 - Consusa/sem saber o que sente	7,79	50,509	,761	,909

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
8,26	60,316	7,766	26

```

RELIABILITY
/VARIABLES=ELMB1 ELMB2 ELMB3 ELMB4 ELMB8 ELMB9 ELMB10 ELMB11 ELMB12 ELMB13
ELMB14 ELMB15 ELMB16 ELMB18 ELMB19 ELMB20 ELMB22 ELMB23
ELMB24 ELMB25 ELMB26
/SCALE('ALL VARIABLES') ALL
/MODEL=ALPHA
/STATISTICS=DESCRIPTIVE SCALE
/SUMMARY=TOTAL.

```

## Reliability

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

## Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	19	95,0
	Excluded <sup>a</sup>	1	5,0
	Total	20	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,930	21

Item Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
ELMB 1 - Afetuosa	,11	,315	19
ELMB 2 - Ressentida	,16	,501	19
ELMB 3 - Neutra/sem sentimentos	,05	,229	19
ELMB 4 - Alegre	,42	,692	19

ELMB 8 - Agressiva	,21	,535	19
ELMB 9 - Rejeitante	,05	,229	19
ELMB 10 - Preocupada	1,68	,820	19
ELMB 11 - Zangada	,16	,501	19
ELMB 12 - Feliz	,21	,419	19
ELMB 13 - Entusiasmada	,42	,692	19
ELMB 14 - Triste	,21	,419	19
ELMB 15 - Irritada	,53	,772	19
ELMB 16 - Desinteressada	,05	,229	19
ELMB 18 - Amorosa	,26	,562	19
ELMB 19 - Vazia	,11	,315	19
ELMB 20 - Saturada	,53	,513	19
ELMB 22 - Próxima	,42	,607	19
ELMB 23 - Distante	,05	,229	19
ELMB 24 - Carinhosa	,21	,419	19
ELMB 25 - Orgulhosa	,11	,315	19
ELMB 26 - Consusa/sem saber o que sente	,47	,841	19

#### Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
ELMB 1 - Afetuosa	6,32	47,673	,469	,929
ELMB 2 - Ressentida	6,26	46,760	,408	,930
ELMB 3 - Neutra/sem sentimentos	6,37	48,135	,511	,929
ELMB 4 - Alegre	6,00	42,222	,790	,922
ELMB 8 - Agressiva	6,21	44,731	,670	,925
ELMB 9 - Rejeitante	6,37	48,023	,546	,929
ELMB 10 - Preocupada	4,74	43,871	,485	,932
ELMB 11 - Zangada	6,26	46,982	,375	,930
ELMB 12 - Feliz	6,21	46,398	,568	,927
ELMB 13 - Entusiasmada	6,00	41,444	,885	,920
ELMB 14 - Triste	6,21	45,175	,792	,924
ELMB 15 - Irritada	5,89	40,322	,907	,919

ELMB 16 - Desinteressada	6,37	48,023	,546	,929
ELMB 18 - Amorosa	6,16	43,696	,781	,923
ELMB 19 - Vazia	6,32	46,784	,679	,926
ELMB 20 - Saturada	5,89	46,322	,462	,929
ELMB 22 - Próxima	6,00	43,889	,691	,925
ELMB 23 - Distante	6,37	48,023	,546	,929
ELMB 24 - Carinhosa	6,21	44,620	,897	,922
ELMB 25 - Orgulhosa	6,32	47,673	,469	,929
ELMB 26 - Consusa/sem saber o que sente	5,95	41,386	,713	,925

Scale Statistics

Mean	Variance	Std. Deviation	N of Items
6,42	49,813	7,058	21



# **Anexo IX**

Estudo das escalas  
(*Outputs* SPSS)

```

FREQUENCIES VARIABLES=ELMBTotal EasavicT
/PERCENTILES=25.0 75.0
/STATISTICS=STDDEV VARIANCE MINIMUM MAXIMUM MEAN MEDIAN MODE
/ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Statistics

		ELMBTotal	EASAVIC Total
N	Valid	19	20
	Missing	1	0
Mean		6,42	4,80
Median		3,00	5,00
Mode		1 <sup>a</sup>	5
Std. Deviation		7,058	,696
Variance		49,813	,484
Minimum		1	4
Maximum		23	6
Percentiles	25	2,00	4,00
	75	7,00	5,00

a. Multiple modes exist. The smallest value is shown

## Frequency Table

ELMBTotal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	4	20,0	21,1	21,1
	2	4	20,0	21,1	42,1
	3	2	10,0	10,5	52,6
	5	2	10,0	10,5	63,2
	6	1	5,0	5,3	68,4

7	2	10,0	10,5	78,9
11	1	5,0	5,3	84,2
18	1	5,0	5,3	89,5
22	1	5,0	5,3	94,7
23	1	5,0	5,3	100,0
Total	19	95,0	100,0	
Missing System	1	5,0		
Total	20	100,0		

### EASAVIC Total

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Satisfeita	7	35,0	35,0	35,0
	Muito satisfeita	10	50,0	50,0	85,0
	Completamente satisfeita	3	15,0	15,0	100,0
	Total	20	100,0	100,0	

```

FREQUENCIES VARIABLES=ELMB1 ELMB2 ELMB3 ELMB4 ELMB8 ELMB9 ELMB10 ELMB11 ELMB12
ELMB13 ELMB14 ELMB15 ELMB16 ELMB18 ELMB19 ELMB20 ELMB
22 ELMB23 ELMB24 ELMB25 ELMB26
/PERCENTILES=25.0 75.0
/STATISTICS=MINIMUM MAXIMUM MODE
/ORDER=ANALYSIS.

```

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

		ELMB 1 - Afectuosa	ELMB 2 - Ressentida	ELMB 3 - Neutra/sem sentimentos	ELMB 4 - Alegre	ELMB 8 - Agressiva	ELMB 9 - Rejeitante
N	Valid	19	19	19	19	19	19
	Missing	1	1	1	1	1	1
Mode		0	0	0	0	0	0
Minimum		0	0	0	0	0	0
Maximum		1	2	1	2	2	1
Percentiles	25	,00	,00	,00	,00	,00	,00
	75	,00	,00	,00	1,00	,00	,00

**Statistics**

ELMB 10 - Preocupada	ELMB 11 - Zangada	ELMB 12 - Feliz	ELMB 13 - Entusiasmada	ELMB 14 - Triste	ELMB 15 - Irritada	ELMB 16 - Desinteressada	ELMB 18 - Amorosa
19	19	19	19	19	19	19	19
1	1	1	1	1	1	1	1
1	0	0	0	0	0	0	0
1	0	0	0	0	0	0	0
3	2	1	2	1	2	1	2
1,00	,00	,00	,00	,00	,00	,00	,00
2,00	,00	,00	1,00	,00	1,00	,00	,00

ELMB 19 - Vazia	ELMB 20 - Saturada	ELMB 22 - Próxima	ELMB 23 - Distante	ELMB 24 - Carinhosa	ELMB 25 - Orgulhosa	ELMB 26 - Consusa/sem saber o que sente
19	19	19	19	19	19	19
1	1	1	1	1	1	1
0	1	0	0	0	0	0
0	0	0	0	0	0	0
1	1	2	1	1	1	3
,00	,00	,00	,00	,00	,00	,00
,00	1,00	1,00	,00	,00	,00	1,00

**Frequency Table**

**ELMB 1 - Afectuosa**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	17	85,0	89,5	89,5
	Bastante	2	10,0	10,5	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

**ELMB 2 - Ressentida**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	17	85,0	89,5	89,5
	Um pouco	1	5,0	5,3	94,7
	Bastante	1	5,0	5,3	100,0

	Total	19	95,0	100,0
Missing	System	1	5,0	
Total		20	100,0	

#### ELMB 3 - Neutra/sem sentimentos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	18	90,0	94,7	94,7
	Um pouco	1	5,0	5,3	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

#### ELMB 4 - Alegre

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	13	65,0	68,4	68,4
	Bastante	4	20,0	21,1	89,5
	Um pouco	2	10,0	10,5	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

#### ELMB 8 - Agressiva

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	16	80,0	84,2	84,2
	Um pouco	2	10,0	10,5	94,7
	Bastante	1	5,0	5,3	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

ELMB 8 - Agressiva

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	16	80,0	84,2	84,2
	Um pouco	2	10,0	10,5	94,7
	Bastante	1	5,0	5,3	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		

ELMB 9 - Rejeitante

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	18	90,0	94,7	94,7
	Um pouco	1	5,0	5,3	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

ELMB 10 - Preocupada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Um pouco	10	50,0	52,6	52,6
	Bastante	5	25,0	26,3	78,9
	Muito	4	20,0	21,1	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

ELMB 11 - Zangada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	17	85,0	89,5	89,5
	Um pouco	1	5,0	5,3	94,7
	Bastante	1	5,0	5,3	100,0
	Total	19	95,0	100,0	

Missing	System	1	5,0	
Total		20	100,0	

**ELMB 12 - Feliz**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	15	75,0	78,9	78,9
	Bastante	4	20,0	21,1	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

**ELMB 13 - Entusiasmada**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	13	65,0	68,4	68,4
	Bastante	4	20,0	21,1	89,5
	Um pouco	2	10,0	10,5	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

**ELMB 14 - Triste**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	15	75,0	78,9	78,9
	Um pouco	4	20,0	21,1	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

**ELMB 15 - Irritada**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	12	60,0	63,2	63,2

	Um pouco	4	20,0	21,1	84,2
	Bastante	3	15,0	15,8	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

#### ELMB 16 - Desinteressada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	18	90,0	94,7	94,7
	Um pouco	1	5,0	5,3	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

#### ELMB 18 - Amorosa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	15	75,0	78,9	78,9
	Bastante	3	15,0	15,8	94,7
	Um pouco	1	5,0	5,3	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

#### ELMB 19 - Vazia

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	17	85,0	89,5	89,5
	Um pouco	2	10,0	10,5	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		



ELMB 20 - Saturada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	9	45,0	47,4	47,4
	Um pouco	10	50,0	52,6	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

ELMB 22 - Próxima

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	12	60,0	63,2	63,2
	Bastante	6	30,0	31,6	94,7
	Um pouco	1	5,0	5,3	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

ELMB 23 - Distante

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	18	90,0	94,7	94,7
	Um pouco	1	5,0	5,3	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

ELMB 24 - Carinhosa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	15	75,0	78,9	78,9
	Bastante	4	20,0	21,1	100,0
	Total	19	95,0	100,0	

Missing	System	1	5,0	
Total		20	100,0	

**ELMB 25 - Orgulhosa**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito	17	85,0	89,5	89,5
	Bastante	2	10,0	10,5	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

**ELMB 26 - Consusa/sem saber o que sente**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nada	13	65,0	68,4	68,4
	Um pouco	4	20,0	21,1	89,5
	Bastante	1	5,0	5,3	94,7
	Muito	1	5,0	5,3	100,0
	Total	19	95,0	100,0	
Missing	System	1	5,0		
Total		20	100,0		

# **Anexo X**

Tabelas referentes ao estudo dos itens da Escala de Ligação Mãe-Bebé

**Tabela i.** Estudo dos itens da Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB):  
Moda, mínimos e máximos e, percentis (25 e 75)

		Mães (N=19)
Afectuosa	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 0
Ressentida	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 2
	P25 – P75	0 – 0
Neutra / Sem sentimentos	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 0
Alegre	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 2
	P25 – P75	0 – 1
Agressiva	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 2
	P25 – P75	0 – 0
Rejeitante	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 0
Preocupada	Moda	1
	Mín. – Max.	1 – 3
	P25 – P75	1 – 2
Zangada	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 2
	P25 – P75	0 – 0
Feliz	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 0
Entusiasmada	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 2
	P25 – P75	0 – 1
Triste	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 0

Irritada	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 2
	P25 – P75	0 – 1
Desinteressada	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 0
Amorosa	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 2
	P25 – P75	0 – 0
Vazia	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 0
Saturada	Moda	1
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 1
Próxima	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 2
	P25 – P75	0 – 1
Distante	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 0
Carinhosa	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 0
Orgulhosa	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 1
	P25 – P75	0 – 0
Confusa / Sem saber o que sente	Moda	0
	Mín. – Max.	0 – 3
	P25 – P75	0 – 1

**Tabela ii.** Estudo dos itens da Escala de Ligação Mãe-Bebé (ELMB): Frequências

		Mães (N=19)
		%
Afectuosa	Muito	85
	Bastante	10
Ressentida	Bastante	5
	Um pouco	5
	Nada	85
Neutra / Sem sentimentos	Um pouco	5
	Nada	90
Alegre	Muito	65
	Bastante	20
	Um pouco	10
Agressiva	Bastante	5
	Um pouco	10
	Nada	80
Rejeitante	Um pouco	5
	Nada	90
Preocupada	Muito	20
	Bastante	25
	Um pouco	50
Zangada	Bastante	5
	Um pouco	5
	Nada	85
Feliz	Muito	75
	Bastante	20
Entusiasmada	Muito	65
	Bastante	20
	Um pouco	10
Triste	Um pouco	20
	Nada	75
Irritada	Bastante	15
	Um pouco	20
	Nada	60
Desinteressada	Um pouco	5
	Nada	90

Amorosa	Muito	75
	Bastante	15
	Um pouco	5
Vazia	Um pouco	10
	Nada	85
Saturada	Um pouco	50
	Nada	45
Próxima	Muito	60
	Bastante	30
	Um pouco	5
Distante	Um pouco	5
	Nada	90
Carinhosa	Muito	75
	Bastante	20
Orgulhosa	Muito	85
	Bastante	10
Confusa / Sem saber o que sente	Muito	5
	Bastante	5
	Um pouco	20
	Nada	65

# **Anexo XI**

Análise da distribuição da amostra  
(*Outputs* SPSS)



```

EXAMINE VARIABLES=EasavicT
/PLOT BOXPLOT STEMLEAF HISTOGRAM NPLOT
/COMPARE GROUP
/STATISTICS DESCRIPTIVES
/CINTERVAL 95
/MISSING LISTWISE
/NOTOTAL.

```

## Explore

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
EASAVIC Total	20	100,0%	0	,0%	20	100,0%

Descriptives

		Statistic	Std. Error
EASAVIC Total	Mean	4,80	,156
	95% Confidence Interval for Mean		
	Lower Bound	4,47	
	Upper Bound	5,13	
	5% Trimmed Mean	4,78	
	Median	5,00	
	Variance	,484	
	Std. Deviation	,696	
	Minimum	4	
	Maximum	6	
	Range	2	
	Interquartile Range	1	
	Skewness	,292	,512
	Kurtosis	-,734	,992

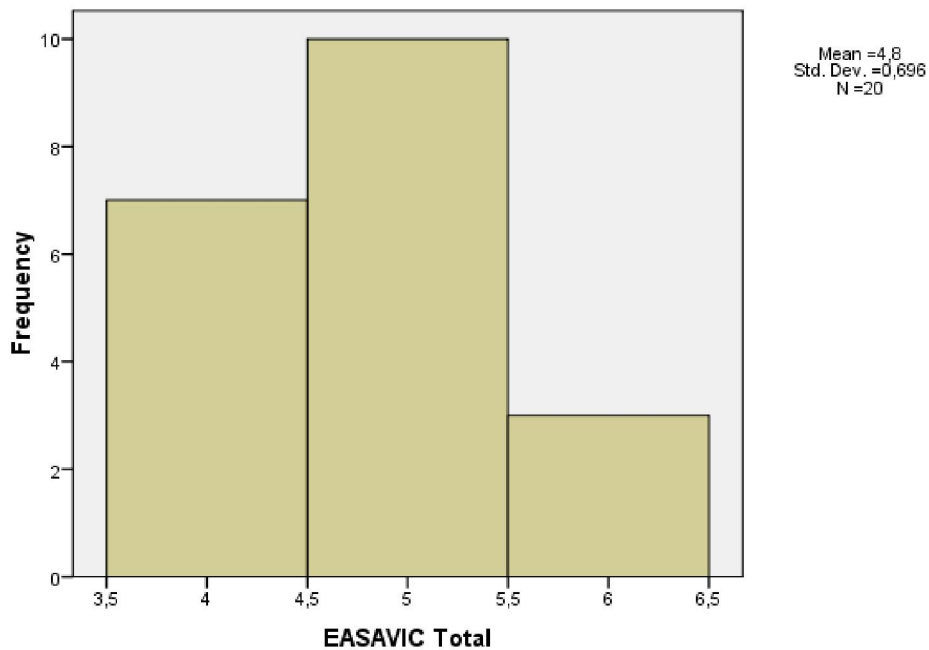
### Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
EASAVIC Total	,263	20	,001	,800	20	,001

a. Lilliefors Significance Correction

## EASAVIC Total

### Histogram

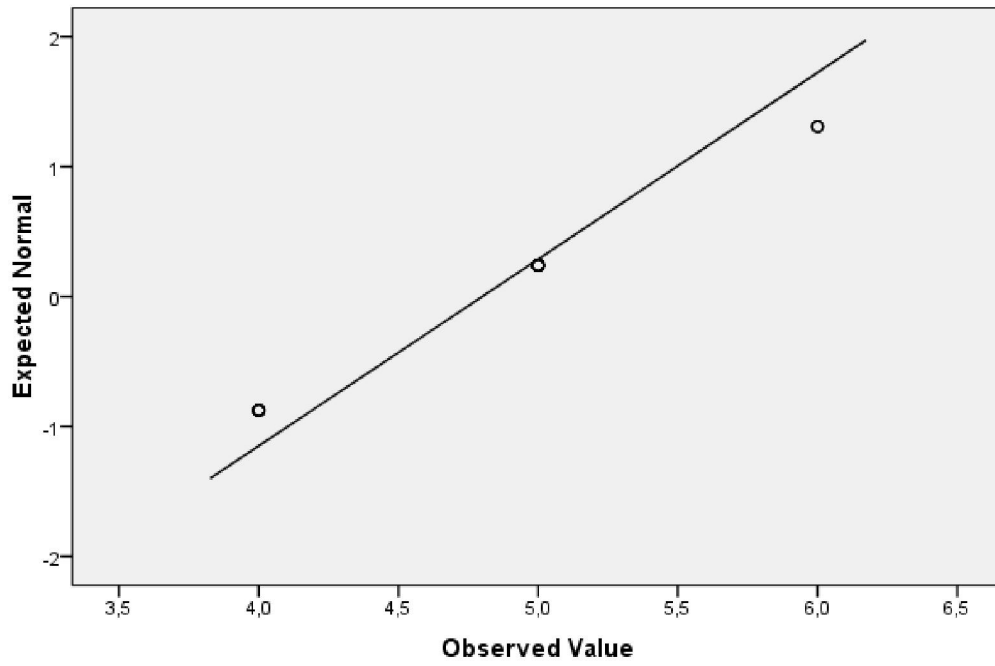


### EASAVIC Total Stem-and-Leaf Plot

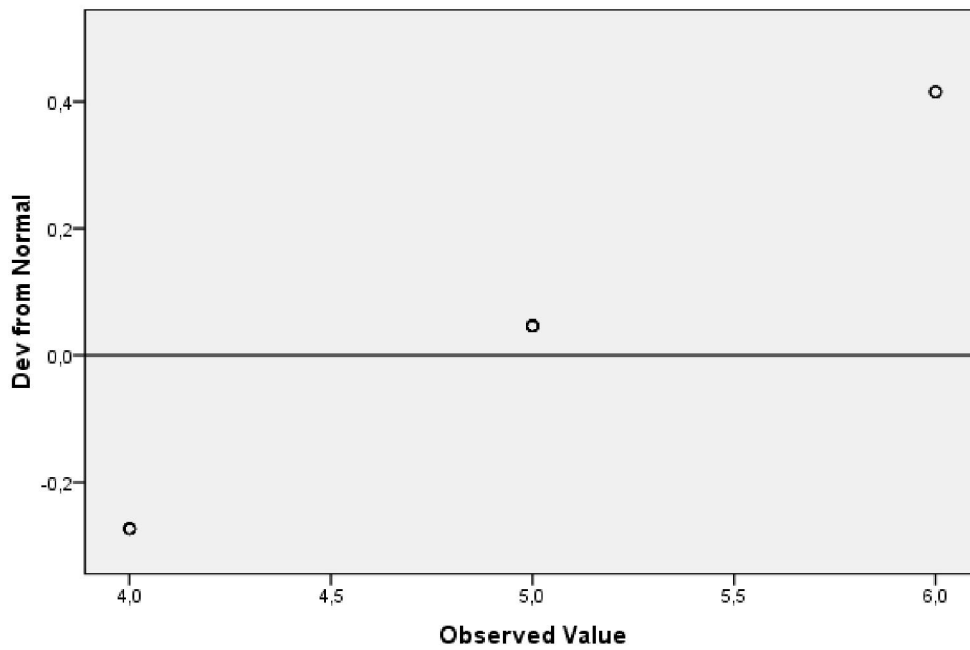
Frequency	Stem & Leaf
7,00	4 . 0000000
,00	4 .
10,00	5 . 0000000000
,00	5 .
3,00	6 . 000

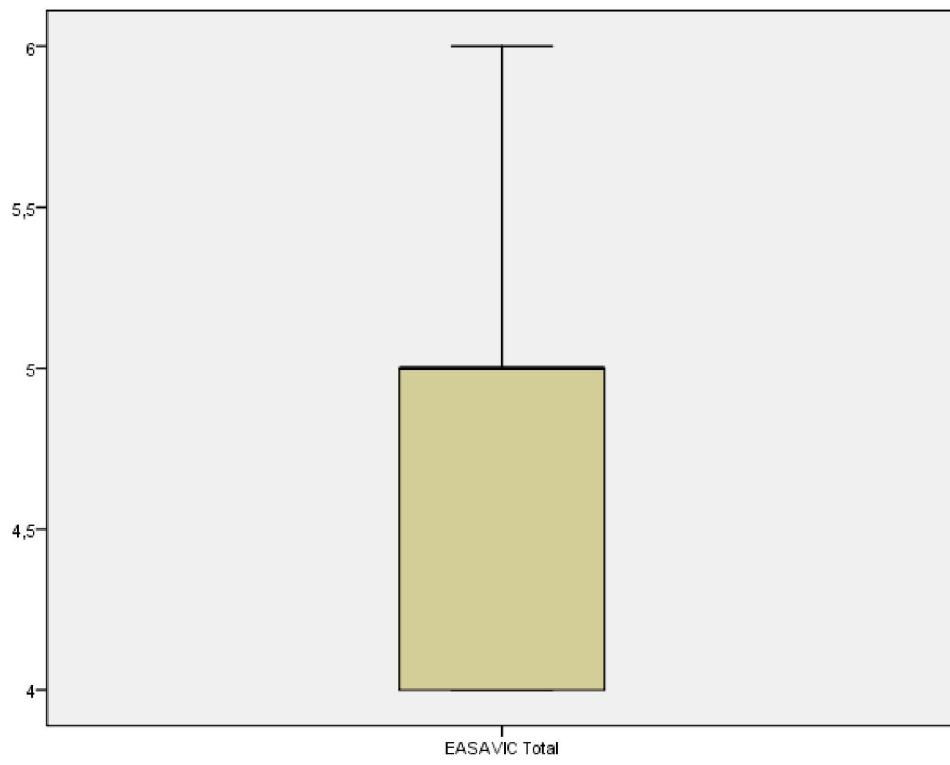
Stem width: 1  
Each leaf: 1 case(s)

Normal Q-Q Plot of EASAVIC Total



Detrended Normal Q-Q Plot of EASAVIC Total





```

EXAMINE VARIABLES=ELMBTotal
/PLOT BOXPLOT STEMLEAF NPLOT
/COMPARE GROUP
/STATISTICS DESCRIPTIVES
/CINTERVAL 95
/MISSING LISTWISE
/NOTOTAL.

```

## Explore

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

### Case Processing Summary

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
ELMBTotal	19	95,0%	1	5,0%	20	100,0%

### Descriptives

		Statistic	Std. Error
ELMBTotal	Mean	6,42	1,619
	95% Confidence Interval for Mean	Lower Bound 3,02	
		Upper Bound 9,82	
	5% Trimmed Mean	5,80	
	Median	3,00	
	Variance	49,813	
	Std. Deviation	7,058	
	Minimum	1	
	Maximum	23	
	Range	22	
	Interquartile Range	5	
	Skewness	1,575	,524
	Kurtosis	1,373	1,014

Tests of Normality

	Kolmogorov-Smirnov <sup>a</sup>			Shapiro-Wilk		
	Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
ELMBTotal	,257	19	,002	,745	19	,000

a. Lilliefors Significance Correction

ELMBTotal

ELMBTotal Stem-and-Leaf Plot

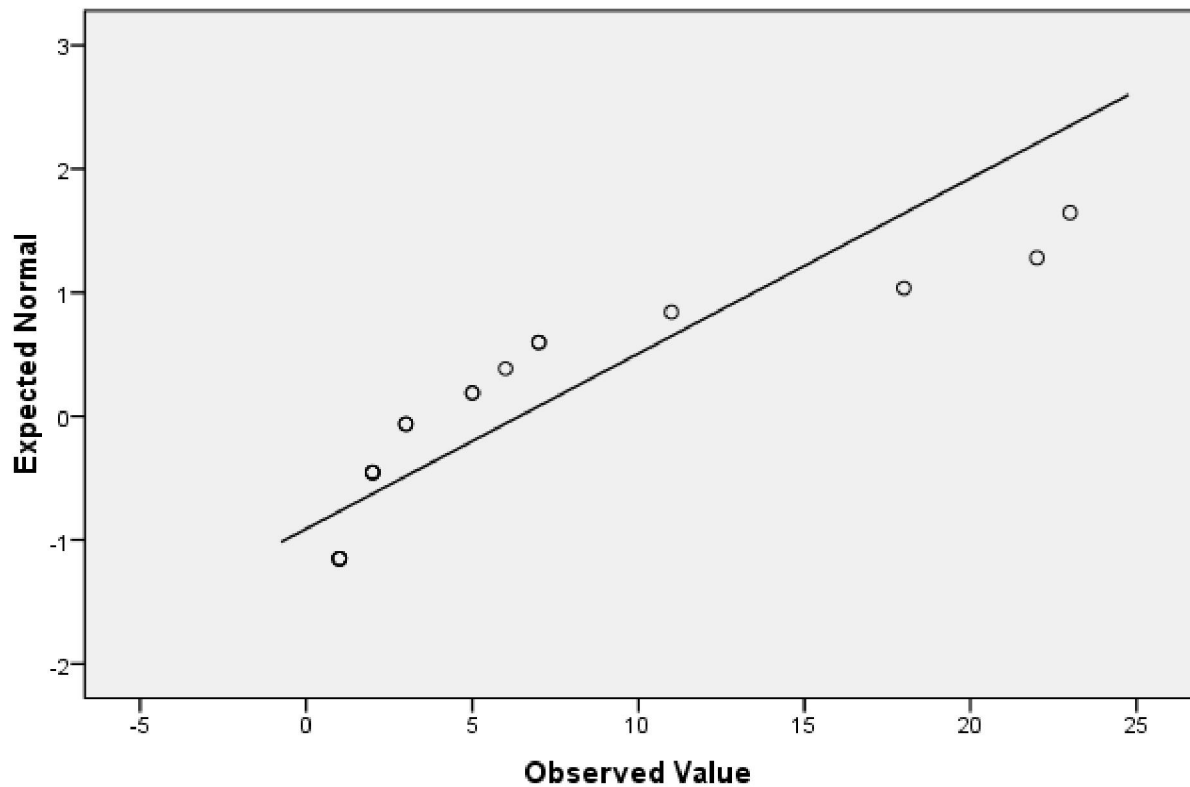
```

Frequency      Stem & Leaf
      10,00      0 . 1111222233
       5,00      0 . 55677
       1,00      1 . 1
       3,00 Extremes (>=18)
    
```

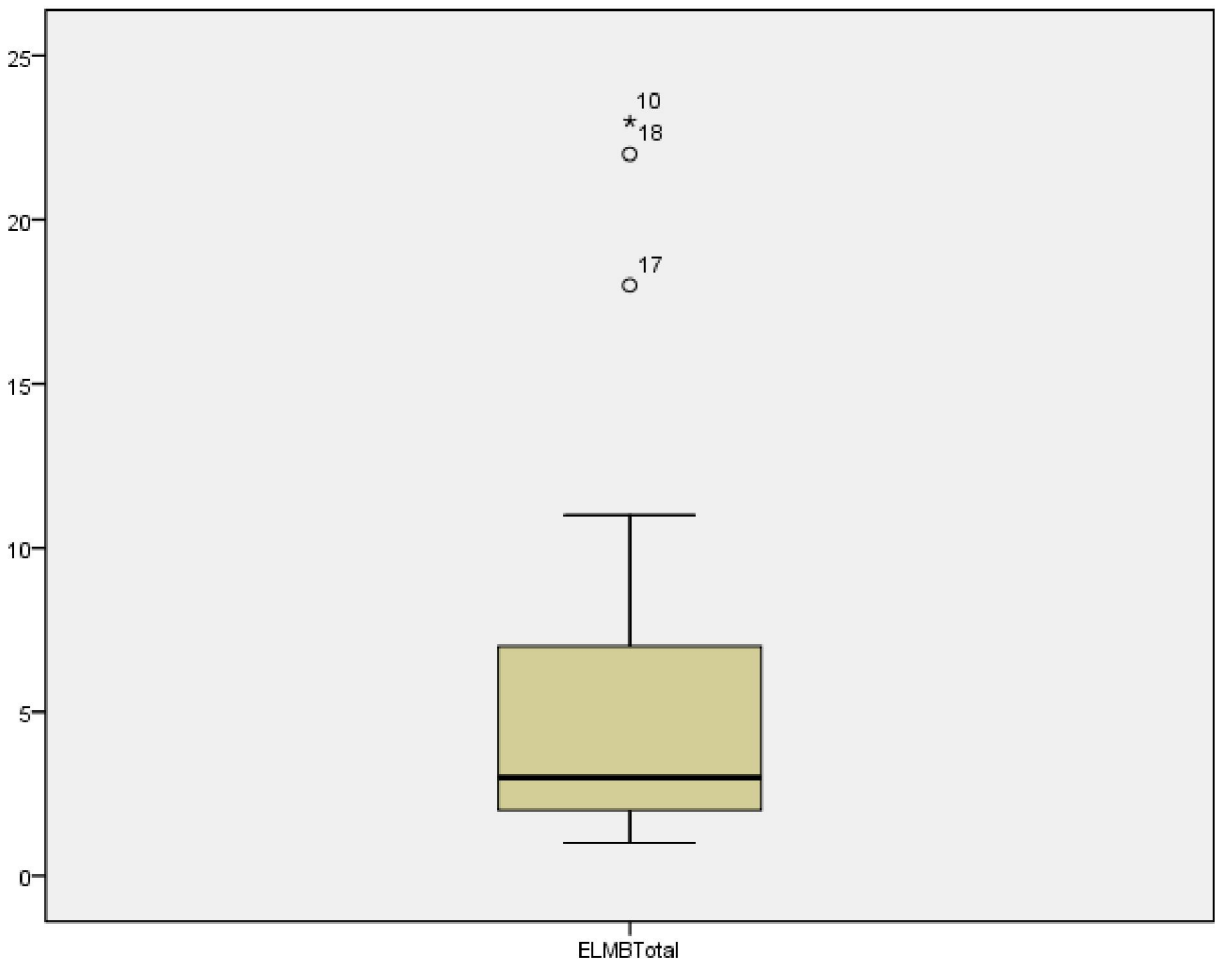
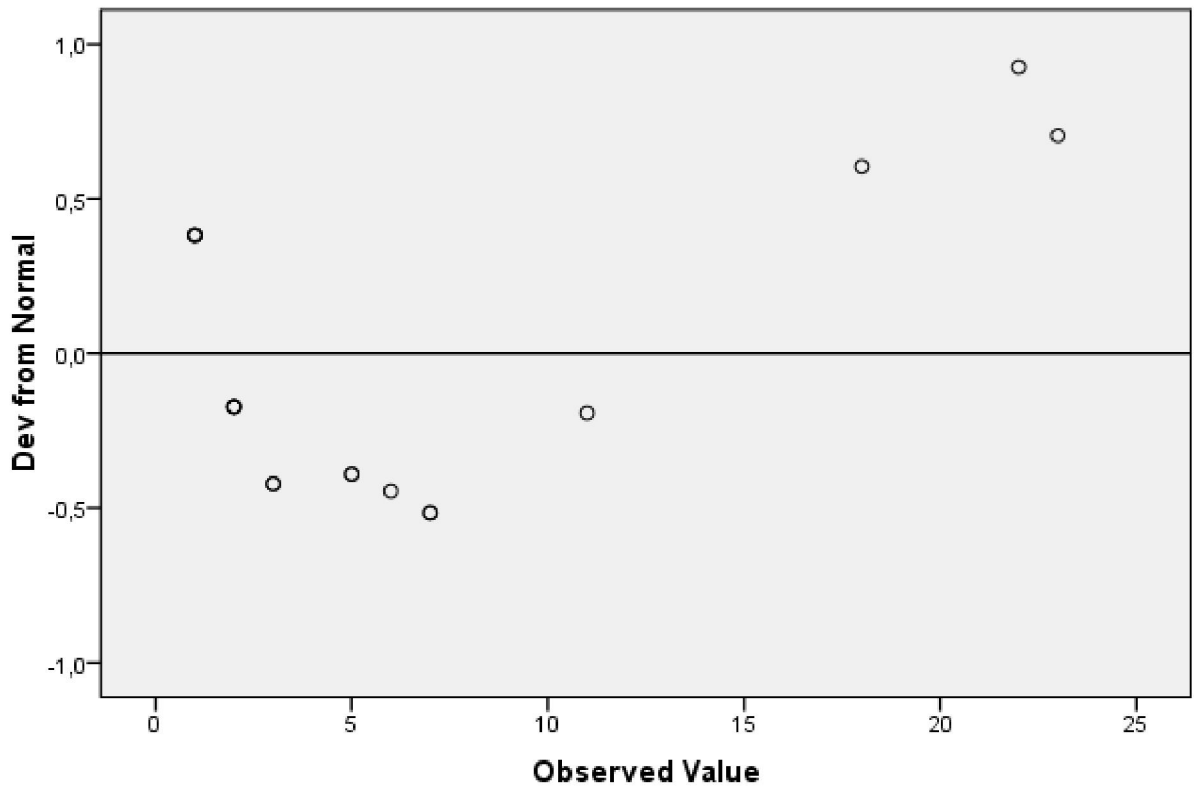
```

Stem width:      10
Each leaf:       1 case(s)
    
```

Normal Q-Q Plot of ELMBTotal



Detrended Normal Q-Q Plot of ELMBTotal



# **Anexo XII**

Análise de correlações

(*Outputs* SPSS)



```

NONPAR CORR
/VARIABLES=EasavicT ELMBTotal
/PRINT=SPEARMAN TWOTAIL NOSIG
/MISSING=PAIRWISE.

```

## Nonparametric Correlations

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Correlations

			EASAVIC Total	ELMBTotal
Spearman's rho	EASAVIC Total	Correlation Coefficient	1,000	,144
		Sig. (2-tailed)	.	,556
		N	20	19
	ELMBTotal	Correlation Coefficient	,144	1,000
		Sig. (2-tailed)	,556	.
		N	19	19

```

NONPAR CORR
/VARIABLES=Idade Escol EasavicT ELMBTotal
/PRINT=SPEARMAN TWOTAIL NOSIG
/MISSING=PAIRWISE.

```

## Nonparametric Correlations

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Correlations

			Idade	Escolaridade	EASAVIC Total	ELMBTotal
Spearman's rho	Idade	Correlation Coefficient	1,000	,350	,221	-,115
		Sig. (2-tailed)	.	,130	,349	,638
		N	20	20	20	19
	Escolaridade	Correlation Coefficient	,350	1,000	,367	,135
		Sig. (2-tailed)	,130	.	,111	,581
		N	20	20	20	19
	EASAVIC Total	Correlation Coefficient	,221	,367	1,000	,144
		Sig. (2-tailed)	,349	,111	.	,556
		N	20	20	20	19
ELMBTotal	Correlation Coefficient	-,115	,135	,144	1,000	
	Sig. (2-tailed)	,638	,581	,556	.	
	N	19	19	19	19	

# **Anexo XIII**

Análise descritiva de grupos

(*Outputs* SPSS)

## Grupo Primíparas

```
FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 EstatConj Graffar AnosEstud EstatLab  
/ORDER=ANALYSIS.
```

### Frequencies

```
[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de  
trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav
```

Statistics

		Idade	Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Anos de Estudo	Estatuto Laboral
N	Valid	14	14	14	14	14
	Missing	0	0	0	0	0

### Frequency Table

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	4	28,6	28,6	28,6
	26-31	7	50,0	50,0	78,6
	32-36	3	21,4	21,4	100,0
	Total	14	100,0	100,0	

Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	8	57,1	57,1	57,1
	União de facto	6	42,9	42,9	100,0
	Total	14	100,0	100,0	

Índice de Graffar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
--	--	-----------	---------	---------------	-----------------------

Valid	I	5	35,7	35,7	35,7
	II	8	57,1	57,1	92,9
	III	1	7,1	7,1	100,0
	Total	14	100,0	100,0	

#### Anos de Estudo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	> 9 e < 12	6	42,9	42,9	42,9
	> 12	8	57,1	57,1	100,0
	Total	14	100,0	100,0	

#### Estatuto Laboral

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	No activo	11	78,6	78,6	78,6
	Desempregada	2	14,3	14,3	92,9
	Outro	1	7,1	7,1	100,0
	Total	14	100,0	100,0	

DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol  
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.

## Descriptives

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

#### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	14	21	33	27,57	3,975
Escolaridade	14	12	18	14,43	2,472
Valid N (listwise)	14				

## Grupo Multíparas

```
FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 EstatConj Graffar AnosEstud EstatLab  
/ORDER=ANALYSIS.
```

### Frequencies

```
[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de  
trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav
```

Statistics

		Idade	Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Anos de Estudo	Estatuto Laboral
N	Valid	6	6	6	6	6
	Missing	0	0	0	0	0

### Frequency Table

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	1	16,7	16,7	16,7
	26-31	4	66,7	66,7	83,3
	32-36	1	16,7	16,7	100,0
	Total	6	100,0	100,0	

Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	3	50,0	50,0	50,0
	União de facto	3	50,0	50,0	100,0
	Total	6	100,0	100,0	

### Índice de Graffar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid II	3	50,0	50,0	50,0
III	3	50,0	50,0	100,0
Total	6	100,0	100,0	

### Anos de Estudo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid < 9	1	16,7	16,7	16,7
> 9 e < 12	4	66,7	66,7	83,3
> 12	1	16,7	16,7	100,0
Total	6	100,0	100,0	

### Estatuto Laboral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid No ativo	5	83,3	83,3	83,3
Desempregada	1	16,7	16,7	100,0
Total	6	100,0	100,0	

```
DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.
```

## Descriptives

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	6	24	36	28,67	4,367
Escolaridade	6	6	16	10,83	3,371
Valid N (listwise)	6				

## Grupo Gravidez Planeada

FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 EstatConj Graffar AnosEstud EstatLab  
/ORDER=ANALYSIS.

### Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de  
trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Statistics

		Idade	Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Anos de Estudo	Estatuto Laboral
N	Valid	13	13	13	13	13
	Missing	0	0	0	0	0

### Frequency Table

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	1	7,7	7,7	7,7
	26-31	8	61,5	61,5	69,2
	32-36	4	30,8	30,8	100,0
	Total	13	100,0	100,0	

Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	10	76,9	76,9	76,9
	União de facto	3	23,1	23,1	100,0
	Total	13	100,0	100,0	



### Índice de Graffar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid I	3	23,1	23,1	23,1
II	9	69,2	69,2	92,3
III	1	7,7	7,7	100,0
Total	13	100,0	100,0	

### Anos de Estudo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid < 9	1	7,7	7,7	7,7
> 9 e < 12	6	46,2	46,2	53,8
> 12	6	46,2	46,2	100,0
Total	13	100,0	100,0	

### Estatuto Laboral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid No activo	12	92,3	92,3	92,3
Desempregada	1	7,7	7,7	100,0
Total	13	100,0	100,0	

DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol  
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.

## Descriptives

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	13	23	36	29,54	3,431
Escolaridade	13	6	17	13,54	3,178
Valid N (listwise)	13				

## Grupo Gravidez Não Planeada

```
FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 EstatConj Graffar AnosEstud EstatLab  
/ORDER=ANALYSIS.
```

### Frequencies

```
[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de  
trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav
```

#### Statistics

		Idade	Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Anos de Estudo	Estatuto Laboral
N	Valid	7	7	7	7	7
	Missing	0	0	0	0	0

### Frequency Table

#### Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	4	57,1	57,1	57,1
	26-31	3	42,9	42,9	100,0
Total		7	100,0	100,0	

#### Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	1	14,3	14,3	14,3
	União de facto	6	85,7	85,7	100,0
Total		7	100,0	100,0	

#### Índice de Graffar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	I	2	28,6	28,6	28,6
	II	2	28,6	28,6	57,1

III	3	42,9	42,9	100,0
Total	7	100,0	100,0	

#### Anos de Estudo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid > 9 e < 12	4	57,1	57,1	57,1
> 12	3	42,9	42,9	100,0
Total	7	100,0	100,0	

#### Estatuto Laboral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid No activo	4	57,1	57,1	57,1
Desempregada	2	28,6	28,6	85,7
Outro	1	14,3	14,3	100,0
Total	7	100,0	100,0	

```
DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol
  /STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.
```

## Descriptives

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

#### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	7	21	31	24,86	3,288
Escolaridade	7	9	18	13,00	3,367
Valid N (listwise)	7				

## Grupo Termo

FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 EstatConj Graffar AnosEstud EstatLab  
/ORDER=ANALYSIS.

## Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de  
trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Statistics

		Idade	Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Anos de Estudo	Estatuto Laboral
N	Valid	15	15	15	15	15
	Missing	0	0	0	0	0

## Frequency Table

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	3	20,0	20,0	20,0
	26-31	8	53,3	53,3	73,3
	32-36	4	26,7	26,7	100,0
	Total	15	100,0	100,0	

Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	9	60,0	60,0	60,0
	União de facto	6	40,0	40,0	100,0
	Total	15	100,0	100,0	

### Índice de Graffar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid I	5	33,3	33,3	33,3
II	8	53,3	53,3	86,7
III	2	13,3	13,3	100,0
Total	15	100,0	100,0	

### Anos de Estudo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid < 9	1	6,7	6,7	6,7
> 9 e < 12	6	40,0	40,0	46,7
> 12	8	53,3	53,3	100,0
Total	15	100,0	100,0	

### Estatuto Laboral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid No activo	14	93,3	93,3	93,3
Desempregada	1	6,7	6,7	100,0
Total	15	100,0	100,0	

DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol  
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.

## Descriptives

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	15	22	36	28,93	3,955
Escolaridade	15	6	18	14,07	3,262
Valid N (listwise)	15				

## Grupo Pré e Pós-Termo

FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 EstatConj Graffar AnosEstud EstatLab  
/ORDER=ANALYSIS.

### Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Statistics

		Idade	Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Anos de Estudo	Estatuto Laboral
N	Valid	5	5	5	5	5
	Missing	0	0	0	0	0

### Frequency Table

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	2	40,0	40,0	40,0
	26-31	3	60,0	60,0	100,0
Total		5	100,0	100,0	

Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	2	40,0	40,0	40,0
	União de facto	3	60,0	60,0	100,0
Total		5	100,0	100,0	

Índice de Graffar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	II	3	60,0	60,0	60,0
	III	2	40,0	40,0	100,0

**Índice de Graffar**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
II	3	60,0	60,0	60,0
III	2	40,0	40,0	100,0
Total	5	100,0	100,0	

**Anos de Estudo**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid > 9 e < 12	4	80,0	80,0	80,0
> 12	1	20,0	20,0	100,0
Total	5	100,0	100,0	

**Estatuto Laboral**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid No activo	2	40,0	40,0	40,0
Desempregada	2	40,0	40,0	80,0
Outro	1	20,0	20,0	100,0
Total	5	100,0	100,0	

DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol  
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.

**Descriptives**

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	5	21	27	24,80	2,387
Escolaridade	5	9	13	11,20	1,643
Valid N (listwise)	5				

## Grupo Parto Vaginal

FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 EstatConj Graffar AnosEstud EstatLab  
/ORDER=ANALYSIS.

### Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de  
trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

#### Statistics

		Idade	Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Anos de Estudo	Estatuto Laboral
N	Valid	15	15	15	15	15
	Missing	0	0	0	0	0

### Frequency Table

#### Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	4	26,7	26,7	26,7
	26-31	7	46,7	46,7	73,3
	32-36	4	26,7	26,7	100,0
	Total	15	100,0	100,0	

#### Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	7	46,7	46,7	46,7
	União de facto	8	53,3	53,3	100,0
	Total	15	100,0	100,0	

#### Índice de Graffar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	4	26,7	26,7	26,7



II	7	46,7	46,7	73,3
III	4	26,7	26,7	100,0
Total	15	100,0	100,0	

#### Anos de Estudo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid < 9	1	6,7	6,7	6,7
> 9 e < 12	7	46,7	46,7	53,3
> 12	7	46,7	46,7	100,0
Total	15	100,0	100,0	

#### Estatuto Laboral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid No activo	11	73,3	73,3	73,3
Desempregada	3	20,0	20,0	93,3
Outro	1	6,7	6,7	100,0
Total	15	100,0	100,0	

DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol  
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.

## Descriptives

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

#### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	15	21	36	27,87	4,389
Escolaridade	15	6	18	13,20	3,427
Valid N (listwise)	15				

## Grupo Parto Cesariana

FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 EstatConj Graffar AnosEstud EstatLab  
/ORDER=ANALYSIS.

### Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Statistics

		Idade	Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Anos de Estudo	Estatuto Laboral
N	Valid	5	5	5	5	5
	Missing	0	0	0	0	0

### Frequency Table

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	1	20,0	20,0	20,0
	26-31	4	80,0	80,0	100,0
Total		5	100,0	100,0	

Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	4	80,0	80,0	80,0
	União de facto	1	20,0	20,0	100,0
Total		5	100,0	100,0	

Índice de Graffar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	I	1	20,0	20,0	20,0
	II	4	80,0	80,0	100,0

**Índice de Graffar**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
I	1	20,0	20,0	20,0
II	4	80,0	80,0	100,0
Total	5	100,0	100,0	

**Anos de Estudo**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid > 9 e < 12	3	60,0	60,0	60,0
> 12	2	40,0	40,0	100,0
Total	5	100,0	100,0	

**Estatuto Laboral**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid No activo	5	100,0	100,0	100,0

DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol  
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.

**Descriptives**

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

**Descriptive Statistics**

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	5	23	31	28,00	3,000
Escolaridade	5	12	17	13,80	2,490
Valid N (listwise)	5				

## Grupo Bebés do Sexo Masculino

```
FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 EstatConj Graffar AnosEstud EstatLab  
/ORDER=ANALYSIS.
```

### Frequencies

```
[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de  
trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav
```

Statistics

		Idade	Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Anos de Estudo	Estatuto Laboral
N	Valid	11	11	11	11	11
	Missing	0	0	0	0	0

### Frequency Table

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	3	27,3	27,3	27,3
	26-31	5	45,5	45,5	72,7
	32-36	3	27,3	27,3	100,0
	Total	11	100,0	100,0	

Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	6	54,5	54,5	54,5
	União de facto	5	45,5	45,5	100,0
	Total	11	100,0	100,0	

### Índice de Graffar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid I	3	27,3	27,3	27,3
II	6	54,5	54,5	81,8
III	2	18,2	18,2	100,0
Total	11	100,0	100,0	

### Anos de Estudo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid < 9	1	9,1	9,1	9,1
> 9 e < 12	3	27,3	27,3	36,4
> 12	7	63,6	63,6	100,0
Total	11	100,0	100,0	

### Estatuto Laboral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid No activo	9	81,8	81,8	81,8
Desempregada	1	9,1	9,1	90,9
Outro	1	9,1	9,1	100,0
Total	11	100,0	100,0	

DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol  
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.

## Descriptives

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	11	21	36	28,27	4,563
Escolaridade	11	6	17	13,73	3,524
Valid N (listwise)	11				

## Grupo Bebés do Sexo Feminino

FREQUENCIES VARIABLES=Idade2 EstatConj Graffar AnosEstud EstatLab  
/ORDER=ANALYSIS.

### Frequencies

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

Statistics

		Idade	Estatuto Conjugal	Índice de Graffar	Anos de Estudo	Estatuto Laboral
N	Valid	9	9	9	9	9
	Missing	0	0	0	0	0

### Frequency Table

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	21-25	2	22,2	22,2	22,2
	26-31	6	66,7	66,7	88,9
	32-36	1	11,1	11,1	100,0
	Total	9	100,0	100,0	

Estatuto Conjugal

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casada	5	55,6	55,6	55,6
	União de facto	4	44,4	44,4	100,0
	Total	9	100,0	100,0	

### Índice de Graffar

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid I	2	22,2	22,2	22,2
II	5	55,6	55,6	77,8
III	2	22,2	22,2	100,0
Total	9	100,0	100,0	

### Anos de Estudo

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid > 9 e < 12	7	77,8	77,8	77,8
> 12	2	22,2	22,2	100,0
Total	9	100,0	100,0	

### Estatuto Laboral

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid No activo	7	77,8	77,8	77,8
Desempregada	2	22,2	22,2	100,0
Total	9	100,0	100,0	

```
DESCRIPTIVES VARIABLES=Idade Escol
/STATISTICS=MEAN STDDEV MIN MAX.
```

## Descriptives

```
[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de
trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav
```

### Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
Idade	9	22	33	27,44	3,432
Escolaridade	9	9	18	12,89	2,804
Valid N (listwise)	9				

# **Anexo XIV**

Tabelas relativas à caracterização sócio-demográfica dos grupos da amostra



**Tabela iii.** Caracterização sócio-demográfica dos grupos relativos à variável **paridade**

		<b>Primíparas</b>	<b>Múltiparas</b>
		(N=14)	(N=6)
		%	%
<b>Idade</b>	21-25	28,6	16,7
	26-31	50	66,7
	32-36	21,4	16,7
<b>Estatuto conjugal</b>	Casada	57,1	50
	União de facto	42,9	50
<b>Nível sócio-económico</b> (índice de Graffar)	I	35,7	-
	II	57,1	50
	III	7,1	50
<b>Anos de escolaridade</b>	< 9	-	16,7
	9 e 12	42,9	66,7
	> 12	57,1	16,7
<b>Estatuto laboral</b>	No activo	78,6	83,3
	Desempregada	14,3	16,7
	Estudante	7,1	-

**Tabela iv.** Caracterização sócio-demográfica dos grupos relativos à variável **gravidez planeada**

		<b>Gravidez planeada</b>	<b>Gravidez não planeada</b>
		(N=13)	(N=7)
		%	%
<b>Idade</b>	21-25	7,7	57,1
	26-31	61,5	42,9
	32-36	30,8	-
<b>Estatuto conjugal</b>	Casada	79,9	14,3
	União de facto	23,1	85,7
<b>Nível sócio-económico</b> (índice de Graffar)	I	23,1	28,6
	II	69,2	28,6
	III	7,7	42,9
<b>Anos de escolaridade</b>	< 9	7,7	-
	9 e 12	46,2	57,1
	> 12	46,2	42,9
<b>Estatuto laboral</b>	No activo	92,3	57,1
	Desempregada	7,7	28,6
	Estudante	-	14,3

**Tabela v.** Caracterização sócio-demográfica dos grupos relativos à variável **termo de gestação**

		<b>Pré (&gt; 37) e Pós-termo (&lt;40)</b>	<b>Termo ( 37 e 40)</b>
		(N=5)	(N=15)
		%	%
<b>Idade</b>	21-25	40	20
	26-31	60	53,3
	32-36	-	26,7
<b>Estatuto conjugal</b>	Casada	40	60
	União de facto	60	40
<b>Nível sócio-económico</b> (índice de Graffar)	I	-	33,3
	II	60	53,3
	III	40	13,3
<b>Anos de escolaridade</b>	< 9	-	6,7
	9 e 12	80	40
	> 12	20	53,3
<b>Estatuto laboral</b>	No activo	40	93,3
	Desempregada	40	6,7
	Estudante	20	-

**Tabela vi.** Caracterização sócio-demográfica dos grupos relativos à variável **tipo de parto**

		<b>Vaginal (c/ e s/ epidural)</b>	<b>Cesariana (c/ epidural)</b>
		(N=15)	(N=5)
		%	%
<b>Idade</b>	21-25	26,7	20
	26-31	46,7	80
	32-36	26,7	-
<b>Estatuto conjugal</b>	Casada	46,7	80
	União de facto	53,3	20
<b>Nível sócio-económico</b> (índice de Graffar)	I	26,7	20
	II	46,7	80
	III	26,7	-
<b>Anos de escolaridade</b>	< 9	6,7	-
	9 e 12	46,7	60
	> 12	46,7	40
<b>Estatuto laboral</b>	No activo	73,3	100
	Desempregada	20	-
	Estudante	6,7	-

**Tabela vii.** Caracterização sócio-demográfica dos grupos relativos à variável **sexo do bebé**

		<b>Masculino</b> (N=11) %	<b>Feminino</b> (N=9) %
<b>Idade</b>	21-25	27,3	22,2
	26-31	45,5	66,7
	32-36	27,3	11,1
<b>Estatuto conjugal</b>	Casada	54,5	55,6
	União de facto	45,5	44,4
<b>Nível sócio-económico</b> (índice de Graffar)	I	27,3	22,2
	II	54,5	55,6
	III	18,2	22,2
<b>Anos de escolaridade</b>	< 9	9,1	-
	9 e 12	27,3	77,8
	> 12	63,6	22,2
<b>Estatuto laboral</b>	No activo	81,8	77,8
	Desempregada	9,1	22,2
	Estudante	9,1	-

# **Anexo XV**

Comparação de grupos  
(*Outputs* SPSS)

NPART TESTS

/M-W= EasavicT ELMBTotal BY GravAnt(0 1)  
/MISSING ANALYSIS.

## NPar Tests

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

## Mann-Whitney Test

Ranks

Existência de Gravidezes Anteriores		N	Mean Rank	Sum of Ranks
EASAVIC Total	Não	14	10,86	152,00
	Sim	6	9,67	58,00
	Total	20		
ELMBTotal	Não	13	9,92	129,00
	Sim	6	10,17	61,00
	Total	19		

Test Statistics<sup>b</sup>

	EASAVIC Total	ELMBTotal
Mann-Whitney U	37,000	38,000
Wilcoxon W	58,000	129,000
Z	-,452	-,089
Asymp. Sig. (2-tailed)	,651	,929
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,718 <sup>a</sup>	,966 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: Existência de Gravidezes Anteriores

NPAR TESTS

/M-W= EasavicT ELMBTotal BY GravAPl(0 1)  
/MISSING ANALYSIS.

## NPar Tests

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

## Mann-Whitney Test

Ranks

	Gravidez Actual - Planeada	N	Mean Rank	Sum of Ranks
EASAVIC Total	Não	7	11,00	77,00
	Sim	13	10,23	133,00
	Total	20		
ELMBTotal	Não	7	12,14	85,00
	Sim	12	8,75	105,00
	Total	19		

Test Statistics<sup>b</sup>

	EASAVIC Total	ELMBTotal
Mann-Whitney U	42,000	27,000
Wilcoxon W	133,000	105,000
Z	-,304	-1,281
Asymp. Sig. (2-tailed)	,761	,200
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,817 <sup>a</sup>	,227 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: Gravidez Actual - Planeada

NPART TESTS

/M-W= EasavicT ELMBTotal BY TGest(1 2)  
/MISSING ANALYSIS.

## NPar Tests

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

## Mann-Whitney Test

		Ranks		
	TGest	N	Mean Rank	Sum of Ranks
EASAVIC Total	Pré e pós termo	5	9,10	45,50
	Termo	15	10,97	164,50
	Total	20		
ELMBTotal	Pré e pós termo	5	8,70	43,50
	Termo	14	10,46	146,50
	Total	19		

Test Statistics <sup>b</sup>		
	EASAVIC Total	ELMBTotal
Mann-Whitney U	30,500	28,500
Wilcoxon W	45,500	43,500
Z	-,670	-,608
Asymp. Sig. (2-tailed)	,503	,543
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,553 <sup>a</sup>	,559 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: TGest

NPART TESTS

```
/M-W= EasavicT ELMBTotal BY TPart(1 2)
/MISSING ANALYSIS.
```

## NPar Tests

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

## Mann-Whitney Test

Ranks

TPart		N	Mean Rank	Sum of Ranks
EASAVIC Total	Parto vaginal	15	10,97	164,50
	Parto cesariana	5	9,10	45,50
	Total	20		
ELMBTotal	Parto vaginal	14	9,32	130,50
	Parto cesariana	5	11,90	59,50
	Total	19		

Test Statistics<sup>b</sup>

	EASAVIC Total	ELMBTotal
Mann-Whitney U	30,500	25,500
Wilcoxon W	45,500	130,500
Z	-,670	-,889
Asymp. Sig. (2-tailed)	,503	,374
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,553 <sup>a</sup>	,391 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: TPart



NPART TESTS

```
/M-W= EasavicT ELMBTotal BY SexR(1 2)
/MISSING ANALYSIS.
```

## NPar Tests

[DataSet1] C:\Documents and Settings\BlaBla\Ambiente de trabalho\Monografia\Tratamento Estatístico\Base de Dados.sav

## Mann-Whitney Test

Ranks

	Sexo Real	N	Mean Rank	Sum of Ranks
EASAVIC Total	Masculino	11	10,59	116,50
	Feminino	9	10,39	93,50
	Total	20		
ELMBTotal	Masculino	10	9,15	91,50
	Feminino	9	10,94	98,50
	Total	19		

Test Statistics<sup>b</sup>

	EASAVIC Total	ELMBTotal
Mann-Whitney U	48,500	36,500
Wilcoxon W	93,500	91,500
Z	-,083	-,701
Asymp. Sig. (2-tailed)	,934	,483
Exact Sig. [2*(1-tailed Sig.)]	,941 <sup>a</sup>	,497 <sup>a</sup>

a. Not corrected for ties.

b. Grouping Variable: Sexo Real